

LEITURA

O ESPELHO DA CIDADE

ANO II — N.º 8
2 \$ 0 0 0

"Belo Horizonte das manhãs sonoras,
Miradouro do céu, berço de auroras,
Namerada de todos os mineiros!"

Senhorinhas Cristiano Machado, J. A.
Baia Mascarenhas, Sardoal S. Azevêdo
(3.a e 4.a) e Cel. Mario Marinho





SENHORES PROPRIETARIOS, ELECTRICISTAS,
ENGENHEIROS E CONSTRUCTORES:

—Antes de iniciarem ou alterarem a instalação eléctrica de um prédio novo ou em reforma, é conveniente que me façam uma consulta, neste sentido. Minha Companhia terá prazer em ministrar as informações necessárias, que permitirão a VV. SS. procederem de accordo com as exigencias technicas e, ao mesmo tempo, evitarão aborrecimentos ou delongas, por occasião dos pedidos de fornecimento de energia.

—Esta minha sugestão — explica o Snr. Kilowatt, seu criado electrico, — visa melhorar as indispensaveis condições de segurança das instalações electricas, com um gasto minimo de corrente ou força.

Companhia Força e Luz de Minas Geraes
TELEPHONE 2-1200

ANO II

LEITURA

NUM. 8

BELO HORIZONTE, DEZEMBRO DE 1940

— JANEIRO E FEVEREIRO DE 1941

DIRETOR-RESPONSÁVEL

LUIZ DE MEDEIROS

DIRETOR-CULTURAL

GELSON BERTELLI

(FUNDADOR)

SECRETÁRIO

HALLEY ALVES BESSA

IMPRESSA NA

GRAFICA QUEIROZ
BERYNER LIMITADA.

REDACÇÃO

AVENIDA AFONSO PENA 468

1.º ANDAR - SALA 16
TELEFONE 2-0170ORIENTAÇÃO CULTURAL DO CENTRO
DE ESTUDOS "JUSTINO MENDES"A CIDADE QUE A COMISSÃO CONSTRUTORA DE
BELO HORIZONTE NÃO IMAGINOU

Ao ensejo da recente passagem do 43.º aniversário de Belo Horizonte, LEITURA inicia, neste número, uma reportagem que continuará nas próximas edições, sob o título acima e que se encontra disseminada nas páginas adiante, onde se vê o quanto colaboram para a beleza da "Cidade que a Comissão Construtora não Imaginou" as firmas e empresas de construção que edificam esta soberba metrópole moderna.

Neste número, vêm-se destacados edifícios majestosos e de grande estilo que são um exemplo do trabalho grandioso das firmas construtoras

Andrade & Campos

Alcinda S. Vieira & Cia Ltda.

Ary Andrade e Diniz Carneiro.

Carneiro de Rezende & Cia.

Empresa de Construções Gerais Ltda.

A ETERNA MENTIRA DOS ANOS

Mais um ano passou. Ele que é uma partícula do Tempo, foi devorado pela Eternidade que é sem limites.

Começamos a viver um novo ciclo anual. As esperanças florescem novamente no espírito dos homens. Esperança que nunca morre definitivamente, renasce mais forte no limiar de cada Ano-Novo.

"Nada há de novo sob o sol.

Um homem como nós — tão igual que sofreu do mal de amor a ponto de fazer versos — disse essa verdade milhares de anos antes de nossos dias.

E jamais houve mesmo alguma novidade dentro do mundo.

Mesmo a Esperança, que caracteriza o aspecto novo das cousas e das almas, existiu. Talvez seja por isso que desde o início da Vida exista essa velha questão da Felicidade...

Afinal de contas, não seriam elas a mesma coisa?...

G E L S O N B E R T E L L I

C-1719-004
1940.12.00-2
1941.01.00-2
1941.02.00
Revista n.º 8
20 exemplares

Os seus Estudos
ESTÃO
GARANTIDOS



GRAÇAS À PREVIDÊNCIA
DE SEU PAI, QUE SE
INSCREVEU, A TEMPO,

NA:

CAIXA DE PECÚLIOS

da ASSOCIAÇÃO dos EMPREGADOS no COMÉRCIO

NÃO É
NECESSÁRIO
SER EMPREGADO
NO COMÉRCIO PARA
PARA FAZER PARTE DA
ASSOCIAÇÃO E DA
CAIXA DE PECÚLIOS

Peça informações pelo telefone
e verá que lhe convém
ser sócio dessa Caixa
que tem pago
numerosos
seguros

RUA CURITIBA 760 - FONE 2-1681 - BELO HORIZONTE

Do seu lindo Kiosque, Nackara, a japonezinha formosa, com a cabeça encostada à extremidade da janela oval, olhava a linda paisagem que diante de si descortinava. A sua frente a primavera sorria!...

A brisa de entardecer balouçava muito levemente os muitos pés de cerejeiras, e inúmeras flôres roseas, em flocos, desprendiam-se de seus galhos, fazendo do chão aqui e acolá tapetes minúsculos, de um róseo mescla.

Ali, mais adiante, o mar cerúleo, fazendo uma comunidade com o céu, dando término a paisagem e aumentando o pensar de Nackara. Filava o mar... Estava diante de flores, num ambiente belo e perfumado, mas, nada disto via nem sentia!

Pensava...

Via diante de si, a figura querida



A VOLTA DA PRIMAVERA

De LILAH ROBERTSON

(PAGINA DOS LEITORES)

de Fumiô, que em uma tarde linda, primaveril, partiria, prometendo voltar. Foi numa tarde assim... as flôres das cerejeiras caíam compassadamente, as aves cantavam e o barulho do mar cooperava com os cantos dos pássaros, produzindo uma canção suave, triste... e, em meio desta mû-

sica, ouve-se um barulho leve, um ruído imperceptível... E' que, depois de um adeus pronunciado pela voz firme de Fumiô, Nackara fôra, pela primeira vez, beijada, e fugia... Fugia extasiada indo para a mesma janela oval, onde veria pela última vez, o vulto de Fumiô que partia...

Prometiera voltar na próxima primavera!

A atmosfera já havia mudado, as árvores floriam, os pássaros cantavam. Isto, na certa, seria o prenúncio da volta de Fumiô, grande amor de Nackara, primavera de sua vida!... Ela esperava...

SAPATARIA ITAÓCA

Av. Afonso Pena, 337

Fone - 2 - 7582

FILIAL
DA



Compre
diretamente o
afamado calçado

REAL

FABRICA DE CALÇADOS BELO HORIZONTE



OUTRO CONTO DE NATAL

DE CELSO BRANT
(De C. E. "Justino Mendes")

ROCHA

ONTEM á noite, uma fria noite de Natal, uma chuvinha fina caía impertinente sobre a cidade e eu estava no meu quarto, triste e só, pensando num conto de natal que deveria escrever para certa revista.

Lá fora estava muito escuro, a noite horrível, mas em todos os corações havia alegria porque era aquele o grande dia do Senhor.

Na tristeza de tudo, pensei em escrever um conto muito triste, como todos os outros contos de natal, em que uma jovem, bela como o dia, tendo pedido a Papai Noel a volta do noivo querido que se encontrava distante, no campo de batalha, encontrou somente, nos seus sapatinhos de seda o aviso, de que ele, que era tudo em sua vida, tombara para sempre, em defesa da Pátria.

Imaginando isso, tomei a pena, uma pena muito gasta, e comeci a escrever o conto. Poucos instantes depois alguém bateu á porta.

— "Talvez, alguém que procura abrigo..." — pensei comigo. E cheguei até a porta e a abri.

Estranhei, porém, lá encontrando uma figura — que vi logo ser uma moça — a qual trazia um véo lhe envolvendo o rosto e, porisso, não a pude reconhecer.

Ela, porém, tirou-me da hesitação em que estava:

— "E' o senhor o sr. Celso Brant, não é verdade?"

— "Sim, sou eu, minha senhora..." — respondi com certa illubação. "Em que lhe poderei ser útil?"

— "Senhor Celso Brant, eu venho aqui pedir-lhe um

grande favor. O senhor eu bem o sei, estava agora escrevendo um conto em que eu... sim, eu... era a personagem central..."

— "A senhora?" — volvi eu espantado. "Não compreendo..."

Ela, em resposta, tirou somente o véo que a cobria e eu pude, com estranheza, observar que era, efetivamente, o tipo por mim imaginado.

E continuou:

— "Senhor Celso Brant, como lhe disse, desejava pedir-lhe um favor. Para mim, dizendo a verdade, é até honra ser filha da sua imaginação; mas... o senhor é por demais trágico, sr. Celso Brant, e respeta pouco aqueles seres que o sr. faz viver. Talvez o senhor já haja compreendido o que desejo rogar-lhe. Hoje é dia de Natal e todos os corações puros estão alegres, cheios de contentamento e de júbilo. Agora eu lhe pergunto: — "Porque o senhor vai, senhor Celso Brant, logo neste dia tão alegre para mim, roubar aquilo que de mais caro tenho na vida. Seria para comover o público e tornar o seu nome mais conhecido e admirado? Mas, senhor Celso Brant, muito mais de que tudo isso valeria para o seu coração o fazer um grande bem, nesse dia tão grande..."

Até há pouco estava imensamente feliz porque ainda ontem recebi de Guilherme uma carta em que ele me dizia estar forte e bem disposto, certo de que em breve regressaria e seríamos logo, e para sempre, felizes, eternamente juntos..."

"Eu lhe peço, pois, senhor Celso Brant, de toda a alma e por aquilo que o senhor tem de mais caro na vida: não coloque, nos meus sapatinhos de seda, na manhã alegre e jovial de amanhã, aquele cartão sinistro que seria o ponto final de todos os meus sonhos de moça e acabaria com a minha própria vida. Sim, senhor Celso Brant, eu amo Guilherme acima de tudo e não poderia viver sem ele. Não o tire, pois, do meu coração. Ele é um pedaço de minha alma. Sei que em breve há de voltar e então o senhor, que não acredita na felicidade, verá quão errados andam os seus pensamentos..."

"Eu sou moça, senhor Celso Brant, e toda mocidade aspira sonhos dourados, quiméras apenas idealizadas, amores encantados... Não me roube, pois, a vida, tirando-me aquilo que mais me é caro. Pense na senhor próprio: o senhor é jovem e há-de um dia ler um grande amor... Imagine si o senhor o perdesse, e ademais assim, nesse dia que é o dia mais festivo do ano para todos os corações, porque nele nasceu, num recanto perdido da Judéia, aquele que ensinou os homens a se amarem..."

Dizendo isso, a minha interlocutora se foi, deixando-me só, assentado diante da escrivaninha, meio atordoado. Recuperando a calma, peguei o papel em que começara a escrever o conto e, rasgando-o em mil pedaços, joguei-o na cesta. E, não sei porque, um estranho contentamento palpitou no meu coração.

Foi a noite de Natal mais feliz de minha vida.

O LADRÃO DE BONECAS

— CONCLUSÃO —

vê que coisa alguma, no mundo, a tomaria de mim, essa, também, eles não permitiram que eu a guardasse comigo...

— E o senhor também chorou, papai?

— Si chorei... Da primeira vez chorei muito, mas disseram que ela voltava e eu fiquei esperando... Das outras vezes, eu já era maior, e chorei um pouquinho... Mas, quando levaram a última, chorei muito... Para que negar A's vezes, á noite, quando você está dormindo, quando está tudo parado, eu não suporto e eu choro, eu choro muito também...

Foi o Destino, disseram-me. Foi ele quem as levou...

— Pai, quem é o Destino?

— O Destino, filhinha, é um ladrão de bonecas, que não tem dó de ninguém!



OUTRO CONTO DE NATAL

DE CELSO BRANT
(De C. E. "Justino Mendes")

ROCHA

ONTEM á noite, uma fria noite de Natal, uma chuvinha fina caía impertinente sobre a cidade e eu estava no meu quarto, triste e só, pensando num conto de natal que deveria escrever para certa revista.

Lá fora estava muito escuro, a noite horrível, mas em todos os corações havia alegria porque era aquele o grande dia do Senhor.

Na tristeza de tudo, pensei em escrever um conto muito triste, como todos os outros contos de natal, em que uma jovem, bela como o dia, tendo pedido a Papai Noel a volta do noivo querido que se encontrava distante, no campo de batalha, encontrou somente, nos seus sapatinhos de seda o aviso, de que ele, que era tudo em sua vida, tombara para sempre, em defesa da Pátria.

Imaginando isso, tomei a pena, uma pena muito gasta, e comecei a escrever o conto. Poucos instantes depois alguém bateu á porta.

— "Talvez, alguém que procura abrigo..." — pensei comigo. E cheguei até a porta e a abri.

Estranhei, porém, lá encontrando uma figura — que vi logo ser uma moça — a qual trazia um véo lhe envolvendo o rosto e, porisso, não a pude reconhecer.

Ela, porém, tirou-me da hesitação em que estava:

— "E' o senhor o sr. Celso Brant, não é verdade?"

— "Sim, sou eu, minha senhora..." — respondi com certa illubação. "Em que lhe poderei ser útil?"

— "Senhor Celso Brant, eu venho aqui pedir-lhe um

grande favor. O senhor eu bem o sei, estava agora escrevendo um conto em que eu... sim, eu... era a personagem central..."

— "A senhora?" — volvi eu espantado. "Não compreendo..."

Ela, em resposta, tirou somente o véo que a cobria e eu pude, com estranheza, observar que era, efetivamente, o tipo por mim imaginado.

E continuou:

— "Senhor Celso Brant, como lhe disse, desejava pedir-lhe um favor. Para mim, dizendo a verdade, é até honra ser filha da sua imaginação; mas... o senhor é por demais trágico, sr. Celso Brant, e respeta pouco aqueles seres que o sr. faz viver. Talvez o senhor já haja compreendido o que desejo rogar-lhe. Hoje é dia de Natal e todos os corações puros estão alegres, cheios de contentamento e de júbilo. Agora eu lhe pergunto: — "Porque o senhor vai, senhor Celso Brant, logo neste dia tão alegre para mim, roubar aquilo que de mais caro tenho na vida. Seria para comover o público e tornar o seu nome mais conhecido e admirado? Mas, senhor Celso Brant, muito mais de que tudo isso valeria para o seu coração o fazer um grande bem, nesse dia tão grande..."

Até há pouco estava imensamente feliz porque ainda ontem recebi de Guilherme uma carta em que ele me dizia estar forte e bem disposto, certo de que em breve regressaria e seríamos logo, e para sempre, felizes, eternamente juntos..."

"Eu lhe peço, pois, senhor Celso Brant, de toda a alma e por aquilo que o senhor tem de mais caro na vida: não coloque, nos meus sapatinhos de seda, na manhã alegre e jovial de amanhã, aquele cartão sinistro que seria o ponto final de todos os meus sonhos de moça e acabaria com a minha própria vida. Sim, senhor Celso Brant, eu amo Guilherme acima de tudo e não poderia viver sem ele. Não o tire, pois, do meu coração. Ele é um pedaço de minha alma. Sei que em breve há de voltar e então o senhor, que não acredita na felicidade, verá quão errados andam os seus pensamentos..."

"Eu sou moça, senhor Celso Brant, e toda mocidade aspira sonhos dourados, quiméras apenas idealizadas, amores encantados... Não me roube, pois, a vida, tirando-me aquilo que mais me é caro. Pense na senhor próprio: o senhor é jovem e há-de um dia ler um grande amor... Imagine si o senhor o perdesse, e ademais assim, nesse dia que é o dia mais festivo do ano para todos os corações, porque nele nasceu, num recanto perdido da Judéia, aquele que ensinou os homens a se amarem..."

Dizendo isso, a minha interlocutora se foi, deixando-me só, assentado diante da escrivaninha, meio atordoado. Recuperando a calma, peguei o papel em que começara a escrever o conto e, rasgando-o em mil pedaços, joguei-o na cesta. E, não sei porque, um estranho contentamento palpitou no meu coração.

Foi a noite de Natal mais feliz de minha vida.

O LADRÃO DE BONECAS

— CONCLUSÃO —

vê que coisa alguma, no mundo, a tomaria de mim, essa, também, eles não permitiram que eu a guardasse comigo...

— E o senhor também chorou, papai?

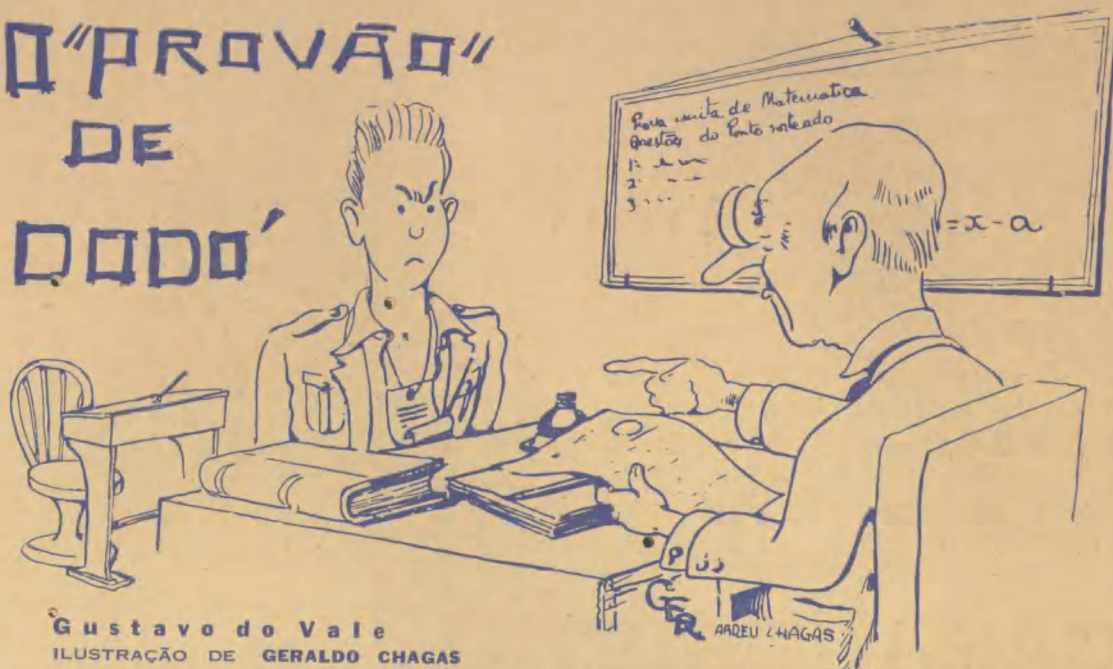
— Si chorei... Da primeira vez chorei muito, mas disseram que ela voltava e eu fiquei esperando... Das outras vezes, eu já era maior, e chorei um pouquinho... Mas, quando levaram a última, chorei muito... Para que negar A's vezes, á noite, quando você está dormindo, quando está tudo parado, eu não supoto e eu choro, eu choro muito também...

Foi o Destino, disseram-me. Foi ele quem as levou...

— Pai, quem é o Destino?

— O Destino, filhinha, é um ladrão de bonecas, que não tem dó de ninguém!

A "PROVA" DE DODÓ



Gustavo do Vale
ILUSTRAÇÃO DE GERALDO CHAGAS

DESDE que me entendo por gente (quantos decênios lá se vão...) ouço falar das grandes e inseparáveis amigas de todos aqueles que "estudam" — as "colas".

E pelo que tive ocasião de observar, a grande perfeição a que chegaram, esses instrumentos do "saber" datam das épocas mais remotas: desde que no planeta terraqueo foram instituídas as escolas. E de lá vêm acompanhando a todos que se gabam de não serem "colófilos".

Qualquer apanhador de papéis-velhos para vender nas fabricas se daria por muito satisfeito si, terminadas as provas de qualquer estabelecimento, lhe fosse dada a ventura de ganhar todos os minúsculos "lembrêtes" levados pelos alunos. Que apanhador de papéis felis seria...

Dodó é um aluno do Ginásio Mamona. Em dias da semana que se foi ele entrou em provas-parciais. E por causa disso estava a "néris" quanto às materias. E não era para menos. "Enforcara" dezenas de aulas. Fôra suspenso duma feita porquê seu colega Pitágoras jogara um pedaço de gis na luminosa carêca do professor, no momento em que, desastradamente, riscava a caricatura do educador na tampa da carteira. Por isso Dodó pagara o "pato". E quantas vezes os professores mandaram-no "refrescar" lá no corredor! Os zeros nas cadernetas formavam

um verdadeiro rosario. Uma "bomba" estrondosa ameaçava estourar. Si levasse "pau", as cousas iriam ficar enegrecidas quando voltasse para casa, uma fazendola lá para o norte de Minas. Pois já não sucedera no ano passado mandar um telegrama nestes termos:

"Professores encantadíssimos meu exames pediram bis em Março?"

Tudo isso passava pela "cachola" do infelis Dodó. E lhe escorria um suor frio na espinha...

Mas, estudar, na verdade, não "pagava a pena". Era muita materia. O tal de Latim... Para que estudar aquilo si não se usa mais? E Inglês? E Francês? Inutilidades — não tinha a minima esperança de ir aos países europeus onde se falam essas linguas... E Matematica? E a tal da Geometria? E aqueles infernais logarítimos? E os senos e as cotangentes? Qual a utilidade disso na vida pratica? Esses matematicos não têm é mais que fazer. Basta que se saiba somar e subtrair... Cou-

CASA ITAJUBÁ

Em suas novas instalações na mesma

"ESQUINA DAS BOAS MAQUINAS"

RUA CURITIBA, 946

Esquina da Av. Amazonas com Tupis

FONE 2-6304

BELO HORIZONTE



S. VIEIRA & FILHOS

Maquinas de costura "GRITZNER" — Maquinas usadas, maquinas de escrever, registradoras e accessorios

PREÇOS E CONDIÇÕES EXCEPCIONAIS, A PRAZO E A VISTA

NÃO VACILE!

LOUÇAS — PORCELANAS
CRISTAIS — TALHERES
FAQUEIROS DE PRATA

ARTIGOS DE FANTASIAS E ENORME SOR-
TIMENTO DE OBJETOS PROPRIOS PARA
PRESENTES

A PREÇOS OS MAIS MODICOS

SOMENTE SÃO ENCONTRADOS
NA TRADICIONAL

CASA CRISTAL

RUA ESPIRITO SANTO, 629 - Fsq. Av. Afonso Pena

BELO HORIZONTE



sa pau. Só de pensar, Dodó bo-
cejava. E ainda se avolumavam
os pontos de Historia-Natural,
Universal — a historia de Sa-
quia-Mûni, dos faraós, dos hie-
roglifos... E aquilo até lhe aze-
dava o almoço do dia seguin-
te...

E continuava pensando, sen-
tado na cama, com o queixo
pousado na palma da dextra: A
única resolução para aquele
problema intrincado, que as
matematicas não resolvem, se-
ria mesmo a amiga velha e ines-
quecível das horas amargas —
a "colinha". Entretanto, um
novo e mais grave problema se
lhe apresentava: de qual pro-
cesso usaria desta vez? De ro-
linho? Sanfôna? Na carteira
dos cigarros? Nas unhas? Na
sola do sapato? Ou feita a la-
pis tinta na barriga da perna?
Quem sabe si em tirinhas cola-
das na gravata? E que tal pre-
sa por um elastico na manga
do paletó? Bastava larga-la e...
záz! ela desapareceria... De-
pois de muito pensar exclamou
um — Euréca!, fez o sinal da
cruz e... caminha quente. O
relógio indicava uma hora. E o
friozinho estava regular.

Chegara enfim o dia da pri-
meira prova.

Dodó se levantou cedinho e

quando acabou de passar a go-
ma no cabelo e perfumar-se o
relógio acusava seis horas. Es-
tava uma frígida manhã e por
isso lá se foi Dodó tremendo
com vara-verde rumo ao Gina-
sio Mamona.

Meia-hora depois distri-
buíam-se os papéis timbrados e
sorteava-se o ponto.

— Que sorte, comentou bai-
xinho Dodó. E era sorte mes-
mo porque escrevera o tal pon-
to no papelão que trazia atado
ao pescoço sob a camisa. Era
só abrir o peitilho e... Que
delícia! Esfregou as mãos de
contente. Que provão! Tiraria
cem ali na "batata".

Encheu o cabeçalho, trans-
creveu as questões, olhou para
um e outro lado. O professor
atendia a um colega e por isso
desabotoou o peitilho e... co-
piou no papel inocente toda a
"cola". Terminado o trabalhi-
nho que considerou notabilis-
simo, levou o almuço ao pro-
fessor. E tratou de contar fa-
rofia:

— Fiz tudo, doutor. Era
"canja". Sabia na pontinha da
língua.

Mas, com grande espanto seu,
depois de ajeitar os olhos o
mestre desenhou na margem

Eis aqui um lindo modelo para
"short". E' de seda ou fustão de
bolas. Pode ser azul, vermelho ou
branco e preto. A saia é godê, abo-
tando de um dos lados. E' de fun-
do claro com bolas escuras. O "sou-
tien" é o contrário: fundo escuro e
bolas claras, preso à saia e amar-
rando no ombro com um laço da
mesma fazenda de fundo claro. Na
cabeça um turbante.

Os sapatos são também do mesmo
pano do "short".

Repáre bem, leitora, como ele é.
A sola é de madeira. Querendo, a
leitora pode fazer uma capa com
forro de fundos contrários, compri-
da até aos joelhos.

Todos esses "shorts" têm uma
calça da mesma fazenda com elas-
tico nas pernas.

LUCIA.

de sua prova um redondíssimo
zêro e antes que saísse da estu-
pefação lhe esticou o dedo reu-
matico ordenando:

— Está muito frio. E trate
de abotoar o peito da camisa,
sinão você "constipa", "seu"
Dodó.

CASCATINHA E MALTINA

AS INSUPERAVEIS
CERVEJAS
DA
COMPANHIA
HANSEATICA
QUE TODOS PREFEREM
PORQUE SÃO
DELICIOSAS

DUAS CARTAS DA HISTORIA DE BELO HORIZONTE

Em 22 de Outubro 1894 — O dr. Arão Reis endereçava ao dr. Fernando Ozorio, então na Argentina, a seguinte carta:

"Exmo. Sr. Dr. Fernando Ozorio.

Embora não tenha a honra de ser conhecido por V. Exc., a quem também não tenho a fortuna de conhecer pessoalmente, acredito que meu nome não será totalmete desconhecido para V. Exc.; e, como, demais, se trata de objeto que interessa o nosso Paiz, que V. Exc. ora representa com brilhantismo no exterior, animo-me a dirigir a V. Exc. estas linhas, arriscando-me mesmo a imoportuno-o nos momentos da partida.

Acho-me encarregado, pelo Governo do Estado de Minas Gerais, da direcção technica e administrativa, da Commissão Construtora da Nova Capital e, no intuito de dar a semelhante trabalho a maxima perfeição, desejo colligir tudo quanto, no estrangeiro, possa guiar-me bem.

E por isso, tomo a liberdade de solicitar de V. Exc., que se acha collocado na Republica Argentina nas melhores condições, o especial obsequio de obter e remetter-me quaesquer dados relativos ás grandes cidades dessa Republica, que me possam ser uteis, taes como: plantas, vistas, memorias, dados estatísticos descripções technicas, regras e posturas municipaes, legislação e regulamentação policial, disposições sanitarias e hygienicas, etc..

E' minha tenção aproveitar a pri-

meira folga, que me permittam os meus arduos encargos aqui, para dar um pulo até ahí e examinar "de visu" as grandes e bellas cidades modernas do Prata, e para essa projectada excursão, já convidei até o Dr. Affonso Penna, para irmos juntos, embora, porém, a realize já, como tenciono, nem por isso, me será menos precioso o auxilio que peço V. Exc., que melhor do que eu proprio indo, poderá colligir com facilidade valiosa collecção de quanto houver melhor a respeito. Resido, com minha familia, mesmo em Belo Horizonte, localidade escolhida para a nova Capital em construcção, e onde V. Exc. pode dispôr do cr.º att.º etc. (a) Aarão Reis."

(Copia fornecida á revista LEITURA pelo historiador (Abilio Barrêto).

42 DIAS ANTES DA INSTALAÇÃO

A carta que se vai ler, escrita pelo Engenheiro chefe 42 dias apenas antes da instalação da Capital, é um documento altamente expressivo não só das imensas dificuldades com que lutava a Commissão Construtora, como do esforço sem limites empregado por esta para cumprimento da sua alta missão e, mais do que tudo, um atestado magnifico da energia admiravel do homem a quem o Governo em boa hora confiara a execução da sua obra imperecível — o dr. Francisco Bicalho. E' a seguin-

te a carta que ele dirigiu ao Director da E. F. Central, seu particular amigo, a 1.º de Novembro de 1897.

"Ilmo. Collega e sr. Dr. Francisco Pereira Passos.

A possibilidade de ver prejudicada a instalação regular da Capital no prazo marcado pela Constituição Mineira, obriga-me a vir pedir-lhe particularmente o auxilio que officialmente pedi por occasião de sua entrada. Convencido de seus bons desejos para tudo que se refere a interesse público, devo dizer-lhe sem reboços que, com a sua entrada para a direcção da Central, que eu tanto applaudi, os nossos serviços aqui transbordaram-se e das queixas e reclamações geraes eu venho me fazer interprete. A Commissão tem empregado o maximo esforço e, supprimindo os domingos e dias de descanso para trabalhar ininterruptamente, estava esperancada de bem cumprir a sua missão enquanto teve o decidido apoio e boa vontade dos dignos antecessores seus, os distinctos engenheiros Jardim e Frontin, pois que os nossos trabalhos se acham na mais immediata dependencia do serviço da Central. O dia 17 de Dezembro proximo é a data improrogavel marcada para a mudança da Capital e todos os trabalhos de construcção de predios, aguas, esgotos, illuminação e outros não se podem concluir por falta de materiaes que ahí se acham á espera de transporte.

A preferencia que pedi e peço para estes transportes justifica-se não só pelo interesse público de Minas, como indiscutivelmente pelo facto de ter este Estado fornecido a essa Estrada 3 excellentes locomotivas "Consolidation" e 50 vagons de bitola larga para esse serviço. Entretanto, agora, apesar de verdadeiro direito a tal preferencia, nos achamos em condições de inferioridade em relação aos particulares daqui, como já tive occasião de reclamar ultimamente.

O sr. Dr. Salles, Secretario da Agricultura e Finanças já se mudou para aqui com parte do pessoal das duas Secretarias, mas nenhuma destas pode funcionar por falta de conclusão dos edificios, devido á demora da Central. Acredito que o meu illustre colega, sciente de todas estas difficuldades e prejuizos para Minas, não negará seu auxilio, com a efficacia consequente de sua actividade, energia e capacidade administrativa. Espero também que me desculpará a franqueza com que exponho a situação, a qual é um verdadeiro grito de socorro de quem se vê prestes a naufragar á entrada do porto, por culpa que não é sua. Apresentando-lhe minhas saudações, subscrevo-me com todo o apreço e consideração ao am.º collega e cr.º — Francisco Bicalho.

(Carta escrita em 1.º de Novembro de 1897.)

(Copia fornecida á revista LEITURA pelo historiador Abilio Barrêto)

de Paula

PÁGINA DOS LEITORES

CORRESPONDENCIA

Toda colaboração para a "Página dos leitores" deverá ser endereçada a esta secção, ao sr. Enecê.

SR. SILVINHO (Capital) — Uma quadrinha do "seu" soneto, "Mulher":

Ó boca de mulher, palpitante de amor,
Ó boca que sustenta o calor do desejo,
Dóce boca que ri e onde desponta o beijo,
Prestes a se deixar tocar como uma flor...

Agora, estes versos de Vicente de Carvalho:

Ó lábios de mulher, palpitantes de amor,
Ó lábios que humidece o orvalho do desejo,
Dóces lábios servis onde abotoa o beijo,
Prestes a se deixar colher como uma flor;

Que tal? Bem melhorzinhos, não? Silvino, Silvino. Plágio! Roubo! Assassinio! Prisão, processo, advogado, promotor, juiz, casa da correção!

Cuidado, Silvino, muito cuidado.

SR FLORINDO (Capital) — Muito obrigado pelos elogios à nossa revista. Por que você não escreve para ela?

LEITURA espera brevemente ter um escritinho seu em "Página dos Leitores".

SRTA. LUA DE MEL (Capital) — A sua cartinha deliciosa e gentil, foi, como você, uma "lua de mel" para a gente!

Os diretores de "Leitura" mandam-lhe agradecer pela suas referências à revista.

Que tal se você escrevesse alguma crônica-sinha para ela? Esperamos.

SR. D. RODRIGUES DE CARVALHO (Capital) — Você mandou uns versos intitulados, "A memória de minha mãe", para serem lidos no "Espelho da Cidade", e aconteceu que vieram parar em minha mesa, por isso é que estamos-lhe respondendo.

Francamente, Dorival, você tem até um pouquinho de talento e muita inspiração. Poderia fazer bons versos, porém é preciso firmar-se mais, escrever muito para apanhar prática e ler os bons poetas. Os seus versos tem pensamentos, porém estão mal feitos, vendo-se neles que você não tem prática de escrever.

Um conselhezinho, pegado de Bilac: Quando quiser escrever alguma coisa, pense primeiro bem, raciocine muito antes de botá-lo no papel. A gente depois de escrever um verso qualquer é difícil remenda-lo, e muitas vezes quando se tenta, acontece como naquele caso — a emenda sai pior do que o soneto!

No fim dos seus versos veio escrito: O altor Dorival, etc., vimos logo que não foi você quem botou. Um poeta escrevendo "altor"... tem graça!

SR. S. O. S. (Capital) — Virgem Maria, S. O. S.! Veja se escreve uma cousinha melhor, menino! Assim não vai.

SRTA. FLOR DE LIS (Capital) — Perfeitamente, senhorita, aqui estamos com a maior boa vontade para auxiliar a todos aqueles que nos enviarem os seus trabalhos literários, pro-

metendo enviar todos os que estiverem bons, à mesa dos diretores para a devida publicação.

Muito gratos pelas suas referências a todos nós.

SRTA. LILAH ROBERTSON (Capital) — Por que você não escreve sobre a nossa terra? Temos tanta coisa bonita, Lilahzinha, que vale a pena. Será você alguma Japonesinha? Porém a sua crônica está boa. Vamos publicá-la, estreando a "Página dos Leitores".

Agradecemos.

SRTA. TRISTEZA (Capital) — Então a srta. é muito triste, heim? Encerra toda a tristeza do mundo! Coitadinha... Que é que vamos fazer? Não estamos aqui para dar conselhos sobre coisas da alma, senhorita, porém console-se com muitos. Existem tanta pessoas tristes neste mundo. Mas quer um conselho? Deve fazer por ser alegre. A alegria é tudo de melhor que a vida tem, minha amiguinha desconhecida. Nela se encerram os sonhos mais bonitos, a felicidade mais perfeita.

Ria em todos os momentos. O próprio espelho lhe dirá que você fica mais encantadora. Ria, senhorita, ria sempre procurando compreender as cousinhas mais insignificantes da vida. A vida é boa e tudo o que ela possui tem valor.

Agradecemos pelas suas últimas palavras e até outra vista.

ENECÊ



O Prof. Lincoln Prates, diretor da Faculdade de Direito, confere o grau ao novo bacharel Odilon Cunha, da turma de 1940.



BRASIL DE AMANHÃ

LEITURA visitou no grupo escolar "Afonso Pena" a exposição de trabalhos da classe de D. Ana Candida de Abreu Chagas. Os *clichês* falam melhor que qualquer notícia. Tudo feito pelos alunos. Uma bela perspectiva do Brasil de amanhã.

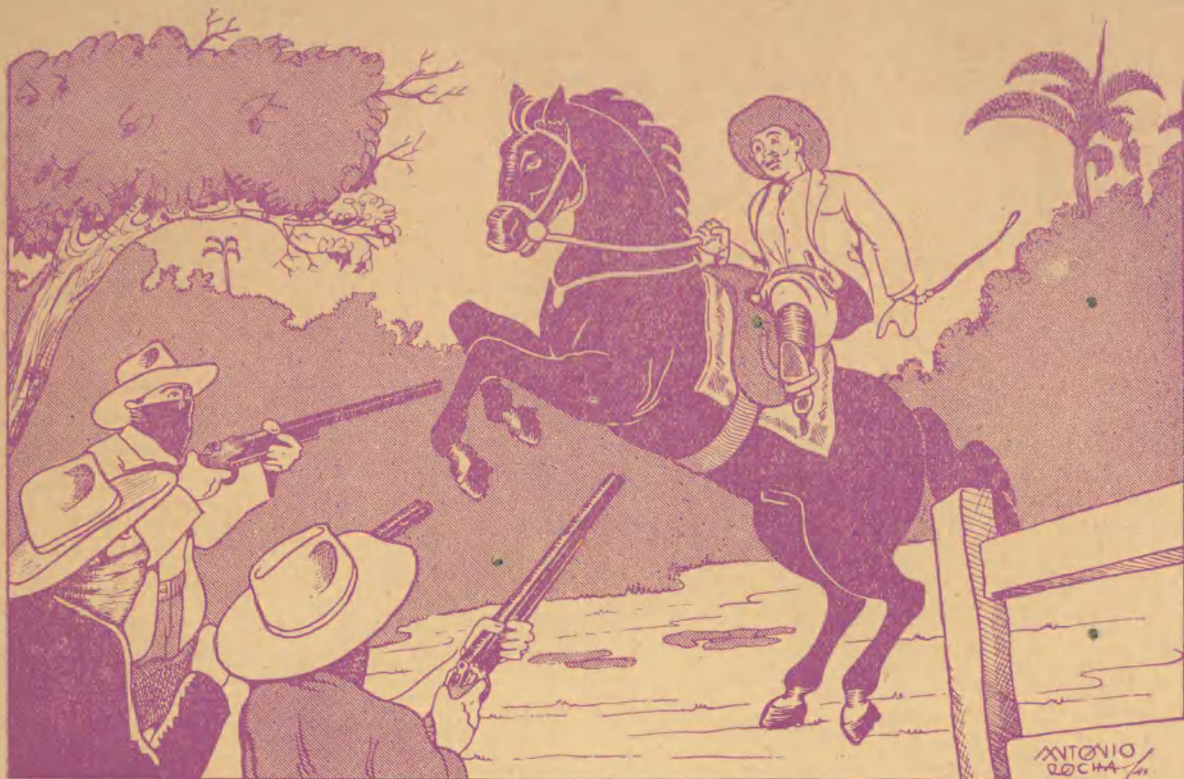
GAROTO! Procure nesta revista um concurso para você. 70\$ em Premios.

4.º Concurso de Charadas do "Espelho da Cidade"

Recorte o "coupon" ao lado, responda as charadas e envie para o "Espelho da Cidade" ou redação de LEITURA e concorrerá aos premios seguintes, em dinheiro: 1 de 50\$, 1 de 20\$ e 3 de 10\$. Em caso de empate, sortear-se-ão os premios entre os concorrentes.

CONCURSO DE CHARADAS DO "ESPELHO DA CIDADE"

- 1) — O numero, com carinho, é rival — 1 - 3.
- 2) — Do aposento corre a remuneração do operario — 2 - 2.
- 3) — No homem, aqui, o sofrimento é contra Deus — 1 - 1 - 1.
- 4) — Sou criminosa, mas acredito que a charada é divertimento — 1 - 2.
- 5) — Esta ave na C hina evita a humidade — 2 - 1.
- 6) — Cêde, oh! deusa, este presente — 1 - 2.
- 7) — A união não dorme na história — 1 - 2.
- 8) — Prepara a terra que dá fruto para a cidade — 2 - 2.
- 9) — Flôr em Pô na mão da velha — 2 - 2.
- 10) — Alguma coisa me oferecem por esta felpa branca e fina — 2 - 1.
- 11) — O utensilio em movimento, é coisa transitoria — 2 - 2.
- 12) — No principio, sem fim, no fim — 1 - 1.



O CONTO DO MÊS **PENA DE TALIÃO**

de Nemécio CALAZANS

Ilustração de RCCHA

ZE Felipe seguia pelo passo cadenciado do seu cavalo de estimação, um cavalião preto como a noite sem lua e sem estrelas, cansado de uma longa "estirada", pela estrada poeirenta e suja que abria à sua

frente infindamente, triste como a saudade, longa como o tempo, a desdobrar-se sem graça, com a mesma figura pachorrenta, sem se mudar nunca em alguma outra paisagem

mais alegre, mais singular, para descansar a vista farta e enjoadas.

Eram só árvores e mais árvores de um lado, árvores e mais árvores do outro, formando uma mata enorme, intrincada, escura de meter medo, onde habitavam todos os bichos, do mais ferôs ao mais manso; da onça ao pequenino veado, da anta vigorosa e bruta, á cotiazinha roedeira,

(Continua no fim da revista)

SANTOS SEABRA & CIA. LTDA.

BELO HORIZONTE
RIO E BAÍA

AGENCIAS EM
TODO O BRASIL

VIDROS,
ESPELHOS,
MOLDURAS,
E QUADROS
DE ESTÍLO



ARTIGOS PARA PRESENTES

Rua S. Paulo, 361 e
Espírito Santo, 600
BELO HORIZONTE
End. Tel. VIDROS

ARTIGOS E
TINTAS PARA
PINTURA
NACIONAIS E
EXTRANGEIRAS



Apresentamos aqui um belo vestido para tarde ou mesmo para reuniões elegantes. É de crepe "marocain" verde garrafa, com enfeite preto e vermelho. A blusa muito franzida na frente, transpassando estes franzidos como se fossem uma faixa, que termina atrás com botões pretos de vidro. Mangas "tres-quartos" e em baixo com tres botões de onde saem os franzidos. No peito, uma flôr neniz vermelho e preto. Saia bastante godê. Lavax de verniz preto e chapen de palha também negro com umas flôres, como no vestido.

LUCIA

MACHINAS DE COSTURA

PFAFF
E
IDEAL

VENDAS À VISTA
E A LONGO PRASO

Aulas de corte e bordado
gratuitas

Peçam demonstrações
sem compromisso

A

Theodor Wille & Cia. Ltd.

SECÇÃO PFAFF

R. Curitiba, 723 - 729 - 733

Cx. Postal, 559 - Fone 2-3860

BELO HORIZONTE

REPRESENTANTES NAS PRINCIPAIS
CIDADES DO PAIZ

LEITORA

VEJA AS SECÇÕES
FEMININAS DE
LEITURA

RAYMUNDO
ALFAIATE

RUA
ESPIRITO
SANTO
474

TELEFONE
2-4084

BELO HORIZONTE



Estão em moda os vestidos de 2 peças em saia e blusa. LEITURA apresenta aqui um lindo modelo: saia de veludo vermelho côr de sangue justa nas cadeiras abrindo em baixo godê. Logo debaixo do busto cordões dourados em trança que terminam com laços. A blusa estilo império muito franzida, de gaze côr de rosa com enfeites dourados também dourados. Flôr também dourada. É um modelo bastante original e muito proprio para bailes de gala. Com este vestido, o penteado e os adornos, devem ser simples. Nas costas, também tranças douradas, que vão até a cintura.

LUCIA

OUÇA A MAIS POPULAR EMISSORA DE MINAS
P. R. C. - 7 — SOC. RADIO MINEIRA

MARA, DONA E LUCIA

DIRIGEM AS SECÇÕES FEMININAS DE "LEITURA"

RESPOSTA ÀS CONSULTAS

A partir do presente numero, LEITURA publicará diversas secções de interesse feminino com o objetivo de corresponder à preferéncia que lhe concedem as leitoras. A secção de modas, sob a direcção de LUCIA, oferece diversos modelos de exclusivos trajos de festa, passeio e esporte, que se encontram disseminados pelas paginas de LEITURA. São creações originais de LUCIA para as nossas leitoras.

Na parte de CULINARIA, DONA apresenta um rezeptuario escolhido dos melhores quitutes experimentados em sua cozinha, proporcionando, assim, ás donas de casa, o ensejo de obter um rezeptuario do mais seléto, bem como preciosas instruções para o preparo de doces e petiscos de sal.

Alem disso varios outros assuntos de interesse de senhoras e senhorinhas serão tratadas por essas duas colaboradores de LEITURA, que nossa direcção foi buscar entre as melhores especialistas no genero.

CONSULTAS E SUGESTÕES

Alem disso, LEITURA responderá a qualquer consulta que lhe seja dirigida por suas leitoras, cabendo a resposta, conforme o assunto, a LUCIA, a DONA ou a MARA, outra especialista em assuntos femininos que vai colaborar conosco. Podem as leitoras, assim, dirigir-se sempre a MARA, LUCIA ou DONA, Redacção da Revista LEITURA, — Avenida Afonso Pena, 468 — sala 16 — enviando suas consulta, sua sugestão ou colaboração, pois aceitaremos, a nosso critério, a colaboração das leitoras, em assuntos especializados ou em literatura como se neste numero o conto de Lilah Robertson.

No proximo numero todas essas secções serão ampliadas

AÇOUGUES "BELO HORIZONTE"

JOSE BENJAMIN DE CASTRO

ESCRITORIO CENTRAL:

R. CARIJÓS 517

SALA 118

END. TELE } FONICO — 2-4272
 } GRAFICO — "BENJAMIN"

AÇOUGUE MATRIZ:

PRAÇA VAZ DE MELO 5

FONE 2-3361

FILIAIS EM TODOS BAIRROS E
NO MERCADO MUNICIPAL

Entregas a domicilio

Informações pelo fone 2-4272

Compra de Gado Bovino e Suino
exclusivamente a dinheiro

BELO HORIZONTE

Pagos os premios do 3.º concurso de charadas do "Espelho da Cidade"

A 1.º de Janeiro, nos estadios de PRC-7, os diretores de LEITURA efetuaram o pagamento dos premios do 3.º Concurso de Charadas de LEITURA através do "Espelho da Cidade", seu programa diario em PRC-7. O "cliché" abaixo é um flagrante desse pagamento, quando eram entre-

gues os chéques aos premiados. Vêm-se, da esquerda para a direita, o sr. Luiz de Medeiros, senhorita Jacira de Almeida, 3.º lugar; sr. F. Muniz Coelho, 1.º lugar, srs. Gelson Bertelli, Gustavo do Vale e Orlando Vignoli e senhorita Elza Furtado, 2.º lugar.



Maria de Lourdes Braga, a garôta-grande do ritmo endiabrado que con-Lindouro Avelar, medico em Lagoa Santa na Guarani, o garoto filho do sr. ta; Humberto, filho do sr. Felix Fernandes Filho; e Julio Cesar, filho do sr. Francisco Martins, fotografo, que começa sua arte por casa.

IRMÃOS LONGO

Casa especial de generos e molhados finos

Completo sortimento de miudezas, conservas, etc.

Fone 2-2618

Caixa Postal 256

Rua Espirito Santo, 511
BELLO HORIZONTE

SACO AZUL

CINTA
ENCARNADA

PEROLA

EMPACOTADO NA FABRICA

Esse é que é o NOSSO
ASSUCAR, como lhe
chama o consumidor
Em pacotes de 1 e 5 kilos
Alcool de 40 e 42 graus
ENGARRAFADO E
EM TONEIS

FONES:

EXPEDIÇÃO — 2-3117

GERENCIA — 2-2887



Acabaram-se os bailes de formatura Foi-se o "reveillon". Os salões do Automovel Clube, do Minas, do Clube Belo Horizonte, ficarão, por certo cheios de gente, com lindas "toilettes" e lindos penteados no baile de gala do sábado-gordo. Você, leitora, com certeza, não irá com o mesmo vestido com que foi aos bailes do fim do ano. Precisarà de outra "toilette" e de outro penteado.

LEITURA lhe dá uma ótima sugestão. Veja: esse vestido acima é de tule verde-garrafa ou de organdi de seda da mesma cor. Mangas bastante franzidas, o que acontece com a blusa. No centro da mesma, um losango que vai afinando até a cintura de veludo verde mais escuro, com lantejolas verdes ou douradas. Assim, no punho, no cinto e nos ombros. Debaixo da saia, uma combinação de tafetã também verde. A leitora pode copiar também o penteado que termina com duas rosas vermelhas. No pescoço um "balangandans", dourado ou colar de perolas.

POEMAS

DE

ANA

OSORIO

POLICIAMENTO

A lua, policia da amplidão
Veiu e espiou a terra de mansinho...
Depois, vendo tudo quieto, foi-se embora.
E sumiu-se numa curva do caminho,
Deixando somente seus guardas femininos,
Donas Estrelas...

HAI-KANS A ESPERANÇA

O céu em chuvarada
Ensombrece a terra... Vês uma
Poeta iluminada?

FALECIMENTO

Enterro da tarde...
Chorando estrelas, veiu a Noite
Suave e sem alarde.

CHAPELARIA

LONDRES

GRAVATARIA

ARTIGOS FINOS PARA HOMENS

AV. AFONSO PENA, 902

BELO HORIZONTE

VERSOS DE ONTEM E... DE HOJE

V
I
D
A

G
L
O
R
I
O
S
A

Viver a vida sem a ter sentido,
Sem experimentá-la com aquela
Viril satisfação de a haver sofrido,
E' passar pela vida e não vivê-la!

Senti-la ativamente, como estrela
Cadente! Consumir-se num incontido
Ansio de brilhar! Ah! como é bela,
Fulgente, a curta vida de um holidô!

E' triste só ter, para a Ultima Viagem
— Alegria e prazer. Partir depois,
Sem algo a denotar nossa passagem!

Lutar! Sofrer! Vencer! Ter vida ousada,
E u'a morte heroica, é que é viver. E, pois,
Que vale a Vida sem a Gloria?! — Nada!...

HALLEY
ALVES
BÉSSA

N A T A L

Acabou-se toda a tinta
já não ha mais papel
e você sabe porque:
p'ro pobre Papai Noel.

Só eu não escrevi
e você sabe porque:
— o que eu quero...
êle não dá,
são os beijos de você.

LUIZ DE MEDEIROS

A aspereza da vida amenizando,
— Que a humana condição lhes assinala —
No recesso de um lar que aos mais iguala,
O pai, a mãe e o filho estão brincando.

E grita e rola e pula pela sala,
O filhinho querido que é Fernando,
Enquanto a mãe o chama, interrogando:
"Que queres ser, meu filho? Vamos, fala?!"

Sem compreender esta intima inquietude
Dos pais, corre e os abraça; e esta atitude
De confiança, talvez dissesse assim:

PEDRO

JULIO DE SOUZA

"Eu sou a continuação de vossa vida,
Ainda argila, sem forma definida;
De vós depende o que fareis de mim".

O FILHO

A O N D A

Acorda ondulando
O seio lufando,
E o dorso enrugando
A' praia vem dar;
Estende arquejante
Um céu cintilante:
E' o alto falante
Das queixas do mar.

Si vem na tormenta
Na rocha rebenta;
Que renda opulenta
Daneja no ar!...
Corusem brilhantes
Que duram instantes;
As gotas flamantes
São prantos do mar!

E evança e desanda
E canta e ciranda
E perfida e panda
Vai longe quebrar...
Patrulha que ronda
Vem, vai, alha, sonda
E após arfa e estrondia...
E' a furia do mar!

Na arcia se aplaca...
Mas logo uiva e ataca;
Ai vem na resaca
O cáis abalar,
Mordendo o granito
O ullimo grito
Dá' mortos no mar!

Artur RAGAZZI

RISO

DEC
R
I
A
N
Ç
A

O teu sorriso criança, me enternece
Faz-me pensar em minha mocidade
Quando, crente, elevava minha préce,
Pedindo a Deus minha felicidade.

Neste riso mimoso que enaltece
A minh'alma que vive em realidade
Eu tenho um lenitivo que adormece
Em meu peito o pungir de uma saudade...

Alma grande, alma branca de criança
O teu riso traduz muita esperança
No florir desta tua juventude!...

Quero, pois, a ventura de teu riso,
Porque com êle sei que suaviso
Minha velhice solitaria e rúdel...

F. MUNIZ COELHO

BELO HORIZONTE E SUA HISTÓRIA

Para "LEITURA"

ABÍLIO BARRETO

(Da Academia Mineira de Letras,
do Instituto Histórico e Geográfico
de Minas Gerais e do Instituto
Histórico de Ouro Preto.)



BELO Horizonte, a "Cidade Vergel", como a classificou Coelho Neto, o "Miradouro do Ceu", como a definiu Paulo Barreto; a "Cidade Certa", como a julgou Monteiro Lobato; a "Cidade Jardim", da canção carnavalesca; a "Cidade das Rosas", como tem sido por toda a gente cognominada, é incontestavelmente a maior glória e o mais legítimo orgulho da gente montanheza, consoante já demonstrei exaustivamente nos dois volumes da minha história, um editado ha pouco em primeira e outro em segunda edição.

Monteiro Lobato, visitando-a outro dia, sentiu-se maravilhado e só encontrou a ela comparavel em beleza e sistematização de traçado, a grande Washington, capital dos Estados Unidos.

Ora, se assim é julgada por quem conhece o Velho Mundo e o dinâmico país dos arranha-céus, é natural que volvamos um olhar para o seu passado, recordando os fatos mais notaveis de sua história e as principais etapas que teve de vencer para ser o que hoje é, uma grande, formosa e confortavel cidade.

E' isso o que pretendo fazer, neste momento.

Ha 239 anos, (em 1701) João Leite da Silva Ortiz, entre ousados bandei-

rantes que penetraram o solo mineiro, impelidos pelo sedento sonho dos descobrimentos de terras e ouro, aqui chegava, sentia-se atraído por esta bela natureza que nos cerca e lançava os fundamentos do arraial de Curral d'El-Rei, na sua fazenda do Cercado, da qual, em 1720, já bastante rico, se afastava para ir descobrir outro "el-dorado", lá pelos confins de Goiaz, falecendo, depois, em 1730, em Pernambuco.

O arraial, que era, então, um ponto de convergência do gado vindo dos sertões da Baía e do São Francisco, nascia em torno da primitiva capelinha de Nossa Senhora da Boa Viagem, pouco depois convertida em igreja e sede da freguezia que, aos poucos, se foi extendendo pelas adjacências, até Sete Lagoas, e chegou a contar 18.000 mil almas.

Modestissimo arraial, vegetando pachorrentamente, atravessou todo o periodo colonial e entrou pelo provincial, ora prospero e animado, ora tristonho e decadente, como, em geral vivem os nossos velhos arraiais.

No apogeu de seu desenvolvimento, um secretario de governo, José Maria da Silva Pinto, lembrou-se de propo-lo para Vila do Imperador, mas Curral d'El-Rei continuou como arraial e freguezia.

A sua beleza topográfica, a docura e amenidade do seu clima, a salubri-

dade do seu solo e a abundancia de materiais para construção, com que o dotara a natureza, um dia, em 1829, inspiraram a um de seus vigários, o padre Francisco de Paula Arantes, a enviar á Cúria de Mariana, em relatório, este notavel vaticinio, hoje em tudo realizado:

"A Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Curral d'El-Rei está situada em campos amenos, na extensa planície de hua serra, donde manão immensas Fontes de cristalinas e saborosas aguas; a Atmosphaera he salutarifera; o clima e região he temperada; está circundada de pedras e mais materiais de que se podem fazer soberbos edificios; a Natureza creou este logar par hua famosa e linda cidade, si algum dia for auxiliada esta lembrança".

Admiravel! Nada mais feliz nem mais seguro em profecia! Assim prognosticando, aquêlê obscuro padre Francisco de Paula Arantes foi um grande vidente e um verdadeiro profeta em relação ao fúlgido destino que estava reservado ao arraial, pouco mais de um século depois, transformado nesta encantadora Capital.

Entretanto, por aquêlê tempo, longe de evoluir para o sonho do padre Arantes, o arraial vegetava decaía, parecia fadado ao desaparecimento.

Como um protesto contra aquêlê

CÊRA? 3.000 TRÊS MIL E NÃO USE ESPELHO

vida modorrenta contra aquêle nome pastoril que recebera, havia um século, mudaram-lhe o nome para "Belo Horizonte", ao alvorecer da primeira República, e a lembrança desse nome devêmo-la ao velho professor Luiz Daniel Cornélio de Cerqueira, que a lançou no "Club Republicano" de Curral d'El-Rei, em 1890, sendo o decreto assinado pelo governador João Pinheiro.

Por outro lado, os portugueses e bandeirantes haviam plantado, por circunstâncias ocasionais dos grandes descobrimentos auríferos, o arraial de Ouro Preto em fráguas asperas, onde o precioso metal era colhido às arrobas. E esse arraial, em pouco, ia desaparecer os colmados das suas choupanas, crescia pelas encostas, com as suas casas coloniais alcandoradas sobre ribanceira, e convertia-se em Vila Rica do Ouro Preto, séde dos governos coloniais da capitania, cenário de episódios e tragédias históricas em que se alicerçou a Independência do Brasil.

Com o evento da Independência, a vila ganhou fóros de cidade, a cidade de Ouro Preto, Capital da Província, e caminhou no tempo para a primeira República, e foi ainda a primeira Capital do Estado, sempre teatro de lutas pelo bem de nossa gente e pela felicidade do Brasil.

Mas, desde os tempos coloniais, compreenderam os mineiros, em sua maioria, que aquela venerável e tradicional cidade, nascida ao acaso, em região alpina, inadequada para o desenvolvimento de uma grande metrópole á altura de um povo cõscio de seus destinos aliados no concerto da nacionalidade — teria de perder, algum dia, os seus fóros de Capital, cedendo lugar a outra, que realizasse o belo sonho, a justa aspiração da gente montanhêsa.

Apenas esboçada na Conjuração Mineira a idéa de mudança da Capital, nunca mais caiu no olvido, e veio, pelo tempo em que fóra, debatida com calor crescente, no parlamento, na tribuna popular e na imprensa até o alvorecer da primeira República.

Defendendo-a com ardor no parlamento, o padre Agostinho de Souza Paraizo sacrificou a sua carreira política e a sua vida, tendo tido, entretanto, a gloria de vê-la convertida na lei que mudava a Capital para o Vale do Rio das Velhas. Mas, essa lei foi, lamentavelmente, anulada por um véto governamental.

Outros denodados batalhadores em

prol daquêle pensamento, como Alexandre Stockler, Augusto de Lima e João Pinheiro, prosseguiram na luta contra a avalanche dos ouroprelanos e outros antemudantistas que os combatiam.

Proclamada a Republica, o problema sempre em equação entrou na fase de soluçionamento. Agora não era discutido somente dentro das nossas fronteiras: dilatou-se, foi para além delas, agitado com calor, ao passo que Ouro Preto, não querendo perder a sua hegemonia de Capital, defendia-se, empenhava todas as suas forças, lutava com todas as armas, no sentido de deter a torrente mudantista, mas esta avolumava-se, era cada vez mais impetuosa; de sorte que, quando invadiu de novo o Congresso, não houve mais quem a detivesse...

Augusto de Lima, governador provisório do Estado nos primeiros dias da primeira Republica, e um dos mais ardorosos mudantistas, com a máxima presteza, mandou estudar diversas localidades que julgava possuidoras das condições exigidas para localização da nova Capital.

O dr. Herculano Pena, encarregado desses estudos, opinou pela escolha de Belo Horizonte e Augusto de Lima, num gesto de incontinido entusiasmo, lavrou o decreto transferindo a capital para o velho arraial.

Entretanto, examinado mais detida e maduramente a gravidade imensa da medida, anulou o decreto e propôs ao Congresso, em mensagem o soluçionamento do secular problema, tão debatido em todos os quadrantes do Estado e fora d'êle.

Ouro Preto fremia, tersava todas as armas *pro domo sua*. De Barbacena, o padre Corrêa de Almeida, chistoso poeta satírico, ferrtoava os mudantistas, sovelava Augusto de Lima e *brindava* Belo Horizonte com versos d'êste quilate:

"Êsse Curral d'el Rei, Belo Horizonte, Engenhosa invenção de um sindicato, Querem que seja lêbre, mas é gato, Dizem todos aqui e no Itamonte."

Os inimigos do arraial inventaram a lenda de haver aí grande numero de papudos e de ser o papo endêmico. Por isso o padre mestre Corrêa de Almeida glosou a inventiva muitas vezes, como neste fim de um soneto:

"Conforme está provado por estudos Os curraleiros todos são papudos E todos êles devem ao Diogo."

O Congresso, após memorável batalha oratória, acicatado pelos contrários, votou, finalmente, a lei n.º 1 adicional à Constituição, estabelecendo a mudança da capital e determinando que se mandasse estudar as localidades que apresentassem melhores condições para, de entre elas, o mesmo Congresso escolher a que lhe parecesse preferível.

Cesário Alvim, primeiro governador efetivo de Minas no período ditatorial, não executou a lei. Mas, dentro em pouco, era substituído por Afonso Pena, eleito pelo Congresso, e este, sem perda de tempo, confiou ao notável engenheiro maranhense Aarão Reis, a incumbência dos estudos das localidades denominadas, Juiz de Fóra, Barbacena, Paraíba, Várzea do Marçal e Belo Horizonte, indicadas por lei.

Aarão Reis organizou rapidamente uma comissão de técnicos, que executou estudos completos sobre as cinco referidas localidades e mandou ao Governo, que o encaminhou ao Congresso, substancioso relatório que concluía pela escolha da Várzea do Marçal, não obstante julgar Belo Horizonte em igualdade de condições em relação áquela Várzea, menos quanto aos meios de transporte, pois aqui só tinhamos os carros depois e as tropas de carga, ao passo que ali existia a Estrada de Ferro Oeste de Minas.

Ouro Preto reagia sempre e o Congresso deliberou solucionar o caso em Barbacena, onde foi realizar a sua sessão extraordinária convocada para aquele fim, ao passo que o nome de Belo Horizonte era discutido e o velho arraial se agitava, cheio de esperanças...

Em debate no parlamento a secular questão, o Congresso de acordo com o relatório, inclinou-se, desde logo, por Várzea do Marçal e o projeto foi triunfante em primeira discussão.

Mas, José Pedro Drumond, que se batia ardorosamente por Belo Horizonte, tomou a palavra, fez minudente estudo comparativo das duas localidades, provando a superioridade desta sobre a Várzea e propôs uma emenda para que fosse escolhido o velho arraial, tendo o desprazer de vê-la cair.

A essa altura, os anti-mudantistas, que estavam convencidos da vitória próxima da escolha de Várzea do Marçal, onde o empreendimento seria mais realizavel do que em Belo Horizonte, mostraram-se agora inclina-

dos a preferir esta localidade, na falaz esperança de darem, indiretamente, golpe certeiro e hábil na questão, pois acreditavam que, no prazo de quatro anos, como estabelecida a lei, seria materialmente impraticável desapropriar-se um arraial e construir-se, nesse lugar falto de recursos, uma cidade moderna, o que não aconteceria na Várzea do Marçal.

Apreendendo esse ponto de vista dos adversários da mudança, José Pedro Drumond propôs novamente ao Congresso a sua emenda pró-Belo Horizonte, fez um apelo a Deus para que iluminasse o espírito dos congressistas no solucionamento daquele problema que envolvia os grandes destinos de Minas, e teve a ventura de vê-la triunfante por 2 votos!

E foi assim que tivemos a lei n.º 3, de 17 de dezembro adicional à Constituição.

O presidente Afonso Pena, deliberado a levar de vencida o cometimento máximo de quantos se envolvera a gente montanhêsia através de toda a sua existência, apelou de novo para o seu amigo Aarão Reis e deu-lhe a pesada incumbência de organizar e dirigir a Comissão Construtora da Nova Capital, para que esta desse cumprimento à lei, dentro do angustíssimo prazo de 4 anos, improrrogáveis.

Isto foi em dezembro de 1893 e já em março de 1894 o notável engenheiro estava instalado em Belo Horizonte, com seu exército de técnicos e outros obreiros, na árdua tarefa de: desapropriar duzentas e tantas casas do velho arraial; executar estudos básicos do solo e do sub-solo; trazer a planta da cidade; construir um ramal ferreo urbano e outro que a ligasse à Central do Brasil, em Arduas (depois General Carneiro), com as respectivas estações e casas para agentes; demolir o arraial; terraplenar o solo, dividi-lo em três zonas, compostas de seções, quarteirões e lotes; construir um palácio para a Presidência, três Secretarias de Estado, quatro palacetes para residência dos Secretários e do Chefe de Polícia; duzentas casas para residência de funcionários públicos estaduais; construir instalações elétricas de luz, telégrafo e telefone; construir um matadouro e cemitério públicos e outras exigências urbanísticas indispensáveis ao conforto e higiene de uma cidade moderna.

Tudo isto teria de ser efetuado impreterivelmente em menos de quatro anos, sob pena de caducar a lei n.º 3, de 17 de dezembro de 1893.

Pondo mãos à obra, Aarão Reis, até maio de 1895, quando se afastou da Chefia da Comissão, por se sentir fatigado e enfermo, havia realizado as desapropriações que montaram a pouco mais de 800 contos de réis; tinha concluído todos os estudos básicos, estava com a planta da cidade aprovada pelo Governo do Es-

tado e havia iniciado os trabalhos de construção do Ramal Ferreo e de terraplenagem da área urbana do novo centro de atividade.

Naquêle posto, a 22 de maio de 1895, veio substituí-lo, já na Presidência Bias Fortes, outro engenheiro notável, o nosso distinto conterrâneo, dr. Francisco de Paula Bicalho, a quem coube a glória de, a 7 de setembro daquele mesmo ano, após um período ciclópico, dos mais intensos e variados trabalhos, inaugurar o Ramal Ferreo e assentar as pedras fundametais dos edificios publicos bem como, a 12 de dezembro de 1897, inaugurar solenemente a nova Capital de Minas, que é hoje o maior orgulho e glória da gente mineira.

Ah! o que foi a odisséia, a epopéia gloriosa daquele aspero período de lutas titânicas, não me é possível contar neste breve resumo.

Visitantes notáveis que aqui estiveram no período da construção, como, por exemplo, o diplomata Conde Van den Steen, fizeram público, pela grande imprensa do país, jamais terem visto em todo o mundo e em circunstâncias tais, o prodígio de energia, de competência, de dedicação e capacidade de trabalho como o que estava desenvolvendo em Belo Horizonte a Comissão Construtora da Nova Capital.

Ao inaugurar-se, a cidade, que até então custara aos cofres públicos, 36 mil contos de réis, não contava mais de 500 casas definitivas e umas 1.500 cafúas, casas velhas e baracões provisórios, bem como uns 10 mil habitantes.

Instalada a Prefeitura, em 1898, foi a capital administrada nestes 42 anos de existência pelos prefeitos efetivos: Adalberto Ferraz, Francisco Antonio de Sales, Bernardo Pinto Monteiro, cel. Francisco Bressane de Azevedo, Benjamin Jacó, Benjamin Silviano Brandão, Olinto Meirêles, Cornélio Vaz de Melo, Afonso Vaz de Melo, Flávio Fernandes dos Santos, Cristiano Monteiro Machado, Alcides Lins, Luiz Pêna, José Soares de Matos, Otacilio Negrão de Lima e atualmente José Osvaldo de Araujo e Juscelino Kubitschek, cuja administração dinamica caracteriza-se pela transformação que em curto prazo, vai realizando na fisionomia da cidade, embelezando-a ainda mais e dando-lhe novos fóros de metropole.

Interinamente, em vários períodos de impedimento de alguns Prefeitos efetivos, foram estes substituídos: em virtude de ato do Presidente do Estado, os srs. drs. Americo Werneck, enceslau Braz Pereira Gomes, Delfim Moerira da Costa Ribeiro, Cícero Ferreira, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Francisco Campos, Ataliba Sales, Otávio Pêna e Pedro Laborne Tavares; em face de Portarias do Prefeito, os srs. João Lucio

Brandão, Longobardo Bandeira e Joubert Guerra.

Durante muitos anos a Capital vegetou e debateu-se na maior penúria financeira, dada a deficiência de rendas em relação às suas despesas, tendo sido necessario, muitas vezes, que o Estado viesse em seu auxilio, e este nunca lhe faltou.

Até 1901, a cidade denominava-se "Minas", em virtude da lei n.º 3, adicional à Constituição. Nesse ano, porém, foi pelo Congresso restabelecido o nome de "Belo Horizonte", que lhe fôra dado em 1890.

Portanto, a Capital de Minas não se mudou para o arraial de Curral d'El Rei. Este arraial assim se denominou até 1890, quando tomou o nome de "Belo Horizonte", que conservou até 12 de dezembro de 1897, em virtude de um decreto do Presidente João Pinheiro. De 1897 a 1901 a cidade se chamou "Minas", em virtude da lei n.º 3, de 17 de dezembro de 1893. De 1901 em diante, uma lei do Congresso restabeleceu o nome de "Belo Horizonte", que até hoje se mantém.

No período da edificação da cidade, construiu-se um ramal ferreo de Belo Horizonte a General Carneiro e, logo em seguida, outro urbano, dentro da área destinada à Capital. Nesses ramais trafegavam as locomotivas do Estado — "Belo Horizonte", "Ouro Preto", "Juiz de Fora", "Barbacena", "Várzea do Marçal" e "Paranaíba", sendo as tres ultimas do tipo "Consolidation". Para comodidade dos viajantes, os trens de passageiros que trafegavam entre General Carneiro e Belo Horizonte vinham, às vezes, até a Praça da Liberdade, onde havia um posto denominado "Palácio", e vinham diariamente até a Avenida Afonso Pena, onde havia um posto denominado "Congresso". Pelo Engenheiro-chefe, dr. Francisco Bicalho, foi permitido, em 1896, que a pequena locomotiva "Mariquinhas", de propriedade do sr. Conde de Santa Marinha, com os respectivos vagonetes, trafegasse nas linhas do Ramal Urbano, transportando material para as obras daquele grande construtor. Terminadas aquelas obras, que eram a cantaria do Palácio, a Imprensa Oficial, o Quartel do 1.º Batalhão da Brigada e outras, a "Mariquinhas" deixou de funcionar. Portanto, a primeira locomotiva que trafegou na nova Capital foi a "Belo Horizonte", de propriedade do Estado. Esses trens deixaram de trafegar dentro da cidade desde fins de 1899, quando o Ramal Urbano foi suprimido.

O primeiro cinematografo que tivemos funcionou à rua Goiás, na casa em que atualmente está o estabelecimento comercial dos srs. David e Irmão. Era de propriedade do sr. W. Mardoc. O segundo cinematografo que existiu na Capital funcionou duran-



No CAMPEÃO DA AVENIDA, os felizardos recebem os MIL CONTOS da Loteria Federal de 21 de dezembro, que aquela casa lhes vendeu.

Já em 1941, a 3 de Janeiro, o CAMPEÃO DA AVENIDA vendeu os 100 contos da Mineira a a 17 repetiu o feito, vendendo mais cem contos.

ISSO... FORA OS MIUDOS
E... não se discute
CAMPEÃO DA AVENIDA
Avenida 612 e 781

te alguns dias, pouco depois, no Teatro Provisorio, da Avenida do Comércio (hoje Santos Dumont), em prédio adaptado pelo sr. Paulino da Fonseca Saraiva. O cinema era propriedade da Companhia Apolonia Pinto, que ali fez uma temporada. Os cinemas da rua da Baía foram montados posteriormente.

O "Clube das Violetas" existiu na cidade entre 1898 e 1901, no prédio em que hoje se acha a sede da Universidade de Minas Gerais.

Os carros de praça (poucos) já existiam na nova Capital desde o tempo da Comissão Construtora.

As primeiras casas que se construíram na cidade eram em geral de platibandas. As que fora construídas pelo Estado para os seus funcionários obedeciam aos tipos A — B — C — D — E e F, conforme a graduação do servidor do Estado a que era destinada.

Quem cognominou a nova Capital por "Cidade Vergel", foi o grande escritor Coelho Neto, quando a visitou e aqui realizou conferencias literarias.

A emancipação financeira da cidade, e sua expansão mais acentuada e o seu maior surto de progresso datam de 1922, após as ligações ferroviárias da Oeste de Minas e da Central pelo Vale do Paraopeba, acen-

tuando-se ainda mais depois da construção de estradas para automoveis ligando-a a todas as regiões do Estado, tendo tambem muito contribuido para isso a organização e desenvolvimento dos nossos serviços bancários.

Louvores, portanto, grandes louvores, sejam erguidos:

Ao fundador do arraial, o primeiro homem que admirou e possuía este solo hoje coberto de rosas e povoado de encantos;

Ao padre profeta, que, há um século, sabiamente, vaticinou a edificação da grande cidade que é hoje Belo Horizonte;

A esse outro padre parlamentar, que sacrificou sua carreira política e a propria vida pela mudança da Capital para o vale do Rio das Velhas;

A Augusto de Lima, que deu o primeiro impulso decisivo para que fosse Belo Horizonte o lugar escolhido para a nova Capital;

Ao Conselheiro Afonso Pena, cuja clarividência e tenacidade conseguiram que ficasse solucionado em seu periodo governamental o secular problema da mudança da Capital, bem como iniciada a construção desta;

A José Pedro Drumond, autor e paladino intrépido da emenda que, no Congresso reunido em Barbacena, deu ganho de causa a Belo Horizonte;

A Aarão Reis e Francisco Bicalho, engenheiros chefes da Comissão Construtora da Nova Capital, e a todos

os seus auxiliares, pelo prodigioso esforço, saturado de fé, com que imaginaram e construíram a cidade em menos de quatro anos;

Ao presidente Bias Fortes, continuador indefeso da obra iniciada pelo Conselheiro Afonso Pena e promulgador do decreto declarando instalada a capital em Belo Horizonte, a 12 de dezembro de 1897;

A todos os presidentes e governadores do Estado de Minas Gerais, entre 1898-1939, com alta e patriótica visão dos destinos da cidade, estiveram sempre atentos aos seus reclamos, vindo com auxilio da Prefeitura, amparando-a nas horas mais difíceis;

A todos quantos concorreram com qualquer parcela de esforço e atividade para a realização de tão avantajado cometimento;

A todos os Prefeitos da cidade que nestes 43 anos, com inteligencia e amor, com dedicação e probidade, enviamaram quantos esforços lhes foram possiveis, pelo progresso, conforto e embelezamento da grande metropole.

C E R A ?
3.000
T R Ê S M I L

CHAPELARIA

LONDRES
CHAPÉOS DE QUALIDADE

GRAVATARIA

AV. AFONSO PENA, 302

BELO HORIZONTE

FATOS OFICIAIS

Na pagina ao lado, registramos diversos dos ultimos fatos oficiais da cidade.

* AO A LTO, direita e esquerda:

ESTADIO BENEDITO VALADARES — O governador entrega diplomas a milhares de crianças e o secretário da Educação, sr. Cristiano Machado discursa na solenidade.

*

A' ESQUERDA, de cima para baixo:

BAILE DE ANIVERSARIO DO MINAS TENIS — O governador Valadares em palestra com o general Cesar Obino. A' direita, o prefeito Juscelino Kubitschek

*

GINASIO MINEIRO — O sr. Cristiano Machado, secretário da Educação, faz seu discurso de paraninfo.

*

AERODROMO DA PAMPULHA — O sr. Israel Pinheiro, secretário da Agricultura, cumprimenta o embaixador Pereira de Souza. Vê-se tambem o sr. João Beraldo, secretário do Interior.

*

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DA SECRETARIA DAS FINANÇAS — O secretário dessa pasta, sr. Francisco Noronha faz seu discurso de paraninfo.

*

A' DIREITA, de cima para baixo:

PALACIO — O embaixador do Brasil nos EE. UU., sr. Carlos Martins Pereira de Souza, palestra com o Governador de Minas.

I. A. P. C. — Inauguração dos retratos do presidente da Republica e do do Governador Valadares; vendo-se o Governador e o dr. Javert de Souza Lima, delegado do I. A. P. C. entre as pessoas que compareceram á homenagem

*

FAC. DE COMERCIO DE MINAS GERAIS — O ministro Capanema paraninfoando os contadores de 1940.

*

FACULDADE DE DIREITO — O ministro Capanema agradecendo a homenagem das associações estudantis de Minas.

*

ESCOLA NORMAL — O governador, o general Cesar Obino e o cel. Taulois de Mesquita, na exposição de trabalhos das alunas.

*

AO CENTRO

BANQUETE DOS ENGENHEIROS FERROVIARIOS — O governador discursa agradecendo a homenagem



Leitora, si você gosta de um passeio pelo campo, pelo parque ou pelo seu clube predileto, deve usar um traje bastante leve. O modelo acima muito se adapta a estes dias de canícula. E' de linho branco, com enfeites listados, azul e preto, como você vê no desenho. Os botões que enfeitam os bolsos, as mangas e a blusa, podem ser azues ou brancos. Assim, tambem a fivela do cinto.

As costas são simples, somente na saia, um "macho" com prespontos azues, como na frente. Copie-o, leitora, e verá como ele é gracioso e juvenil.

LUCIA

Dr. PLINIO MORAES

MOLESTIAS DO CORAÇÃO, PULMÃO, RINS - ELETRO CARDIOGRAPHIA - PHONOCARDIOGRAPHIA
CONS.: de 1 ás 4 — ED. BLERIOT — Phone 2-1621

ATENÇÃO, LEITOR

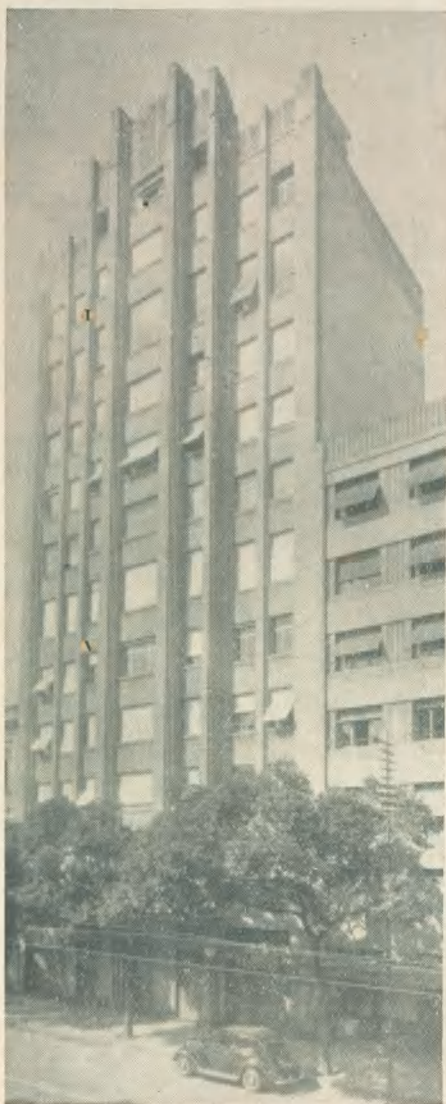
SE VOCÊ GANHOU
UM BRINDE
NESTA REVISTA,

VOCÊ TEM DIREITO A
OUTRO BRINDE
DE IGUAL VALOR

QUE DEVE PROCURAR EM
NOSSA REDAÇÃO, HOJE
MESMO, DAS 10 ÁS 11,
DAS 14 ÁS 15 E DAS 17
ÁS 18 HORAS, LEVANDO
O BRINDE QUE ENCONTROU

Fotos Oficiais





BANCO MINEIRO DA PRODUÇÃO

CAPITAL REALIZADO 50.000:000\$000

Faz todas operações bancárias, principalmente empréstimos para custeio agrícola com prazos e taxas especiais.

DEPOSITOS GARANTIDOS PELO ESTADO DE MINAS GERAIS

(Lei n. 187 de 10 de Setembro — 1937)

AGÊNCIAS, ESCRITÓRIOS E CORRESPONDENTES EM TODO O E. DE MINAS

DIRETORES:

Dr. José Martins Prates, presidente.
Dr. Waldemar de Oliveira Costa, diretor da Carteira Agrícola.
Dr. João Braz Pereira Gomes, diretor da Carteira Comercial.

MATRIZ:— Belo Horizonte — Praça Sete de Setembro.

FILIAL:— Rio de Janeiro — Rua Visconde de Inhaúma, 39.

Ao alto, a filial no Rio de Janeiro e, ao lado, a matriz em Belo Horizonte (Edifícios próprios)





Automovel Club — Aspeto do elegantissimo "reveillon" de 1940-1941



Banco de Minas Gerais

FAZ TODAS OPERAÇÕES BANCARIAS :

DESCONTOS,
EMPRESTIMOS,
COBRANÇA,
REMESSA DE VALORES, ETC.

FILIAL NO RIO DE JANEIRO :
RUA 1.º DE MARÇO, 86

RUA ESPIRITO SANTO, 527
CAIXA POSTAL 464
BELO HORIZONTE

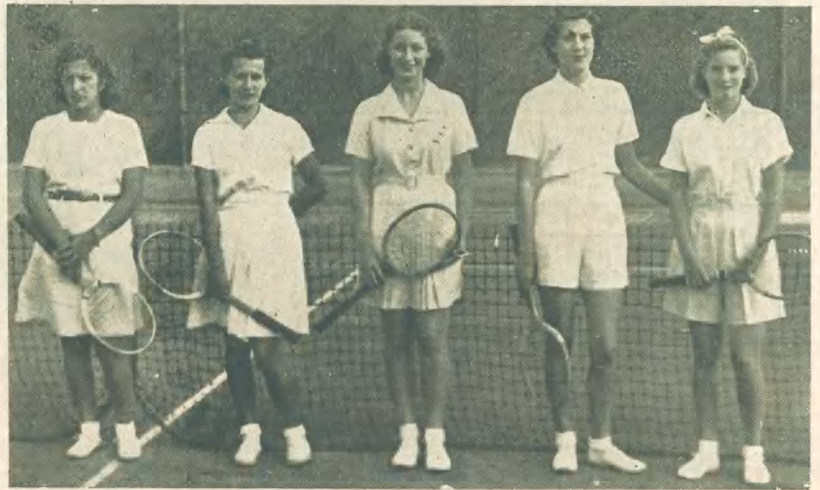
A NOVA SÉDE EM
BELO HORIZONTE
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)



Fundado a 15 de novembro de 1935, inaugurando sua praça de esportes a 28, 29 e 30 de novembro de 1937, o Minas Tênis Clube comemorou a 1.º de dezembro o seu 5.º aniversário de fundação e o 3.º de sua praça de esportes.

Realizaram-se, anquêle dia, demonstrações de seus diversos departamentos e uma recepção — homenagem ao governador Benedito Valadares, em que se lembrou o muito que tem s. ex. feito pelo Clube e pela educação física em Minas. Sob a presidência do major Ernesto Dornelles, o Minas Tênis Clube vem realizando um grande programa cultural e social, de que são testemunho os numeros estatísticos que aqui publicamos.

Os desportistas do Minas Tênis Clube tem obtido as melhores classificações nas disputas em que se em-



Equipes de tênis do Clube

penharam, numa demonstração eloquente do índice de progresso a que já atingiu, entre nós, a cultura fisi-

(Conclúe no fim da revista)

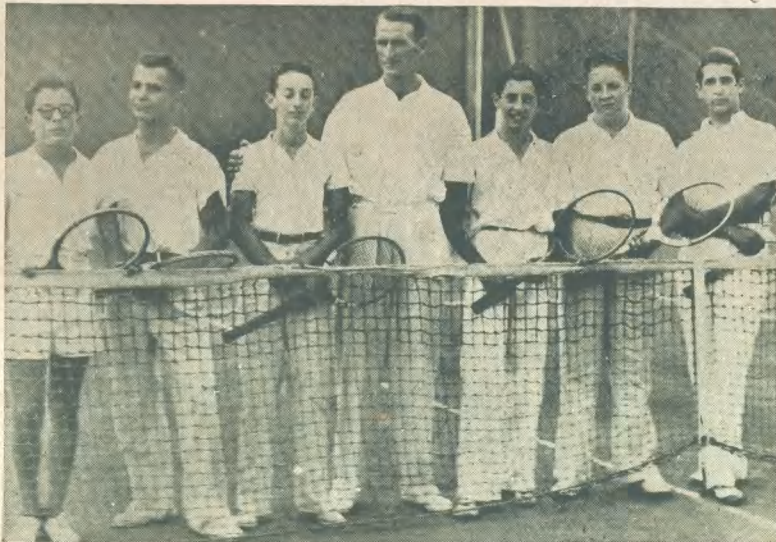
*

O MINAS TENIS EM NUMEROS

Departamentos	1939	1940	- - em 1940
Natação	74.394	105.834	21.440
Tênis	5.269	5.960	701
Voleibol	7.256	14.131	7.885
Bola ao Cesto	8.268	9.716	448
Ed. Física Infantil . .	18.182	35.899	17.717
Ed. Física Feminina . .	1.263	6.829	5.556
Totais	114.632	178.379	63.747
Total de ingressos á praça de esportes . .	218.763	307.884	89.121

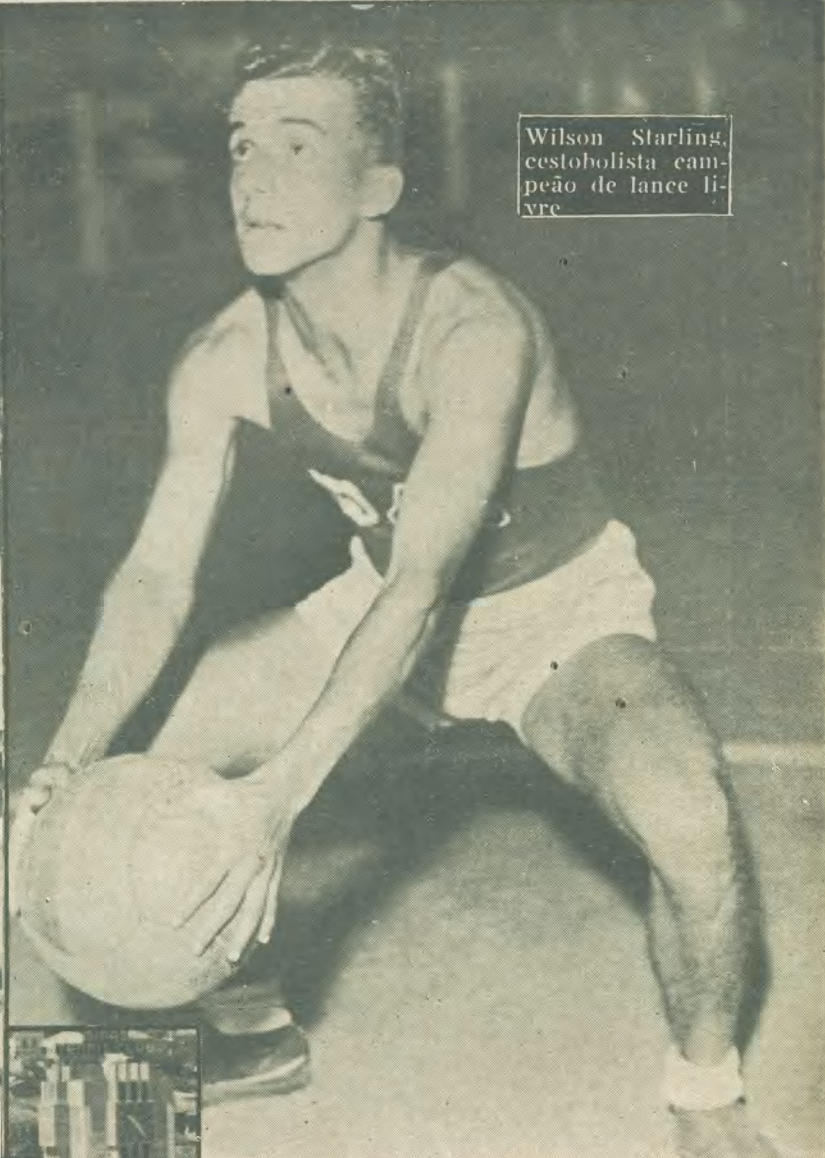
Não constam deste quadro os numeros referentes aos departamentos de defesa pessoal, esgrima e escotismo.

Numero de socios em 31 de dezembro de 1940 — 2020, com um total de cerca de 8.000 frequentadores.





Um momento,
senhorinha Vina
Afonso, antes de
pular.



Wilson Starling,
cestobolista cam-
peão de lance li-
vre



Aspêto da piscina do Minas
Tênis colhido por LEITURA

**Affonso
Silva**

**Material
elétrico
em
geral**

BELO HORIZONTE

**RUA ESPIRITO SANTO
328**

TELEFONE 2-3295



*Terezinha Tavares Albuquerque, a talentosa interprete das
nossas canções de "folclore" em PRI-3 e que com sua ir-
mãzinha Auxiliadora, forma o aplaudido dueto Irmãs
Tavares*

**NÃO FIQUE
NO DEPENDURA**

**VÁ BUSCAR O
SEU DINHEIRO
NAS**

CASAS LOPES

**Carijós 254
Tupinambás 401
Av. Contorno 1464
Av. Augusto de Lima 1861**

A CIDADE
QUE
A
COMISSÃO
CONSTRUTORA
NÃO
IMAGINOU

*Secretaria do Interior e Edifício
Imperio*



CARNEIRO de REZENDE & CIA.

Em 19 anos de
trabalho têm
executado os
melhores e maio-
res edificios
de Minas Gerais

*

CONCRETO
ARMADO

EDIFICIOS
EM GERAL

ESTRADAS
DE FERRO E
DE RODAGEM

*

AVENIDA AF. PENA - 332
BELO HORIZONTE





**EM TODOS OS GENEROS,
EM TODOS OS ESTÍLOS,**

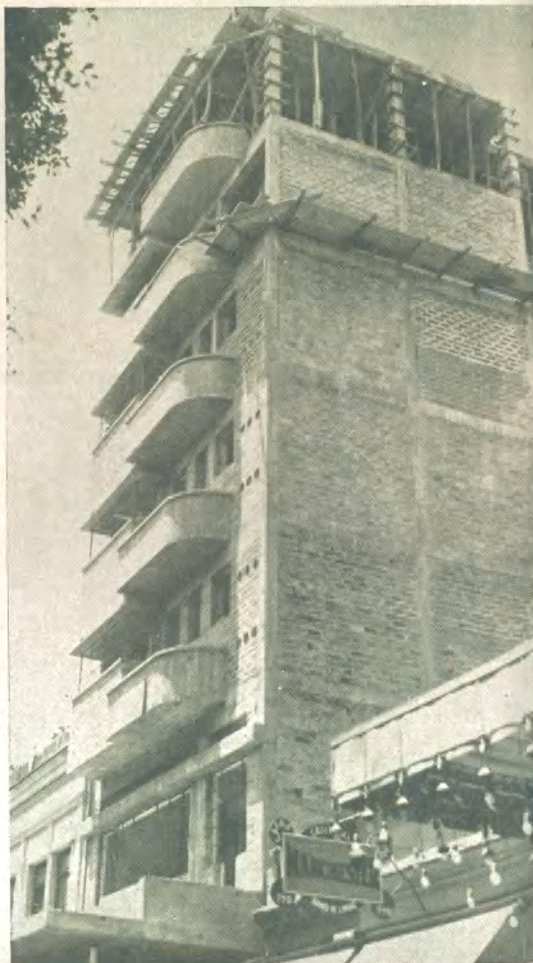
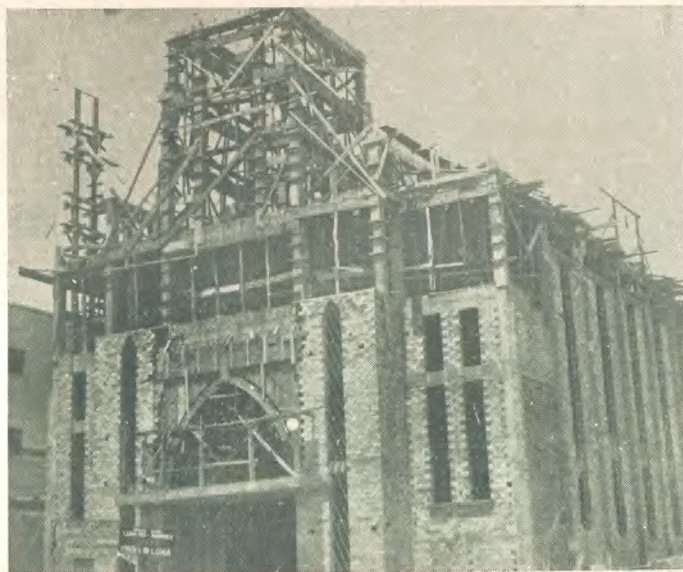
ANDRADE & CAMPOS

**SÃO FATORES DO
PROGRESSO ARQUITETÔNICO
DE BELO HORIZONTE.**

• RUA CARIJÓ'S 517 - FONE 2-2695 •

*Construções da firma:
A elegante residência do eng. Osvaldo Andrade, o Edifício Cruzeiro, propriedade de F. Lima, em construção na avenida, e a Igreja Batista em construção na Praça Raul Soares.*

Eis o exemplo do trabalho de outros edificadores da "Cidade que a Comissão Construtora não Imaginou" e que têm seu nome ligado aos conceitos de beleza, segurança e técnica da atualidade urbanística de Belo Horizonte: — ANDRADE & CAMPOS.





DANTE ALFAIATE

Esp. Santo, 461



FATOS E FIGURAS QUE SE DESTACAM

O prefeito Kubitschek e o dr. Antonio de Souza, diretor da Cia. Força e Luz, abraçam-se a o inaugurar o prolongamento da linha de bondes Santa Efigenia.

— O major Ernesto Dorneles, Chefe de Polícia e presidente do Minas Tennis, que vem sendo cumulado de homenagens por parte de todos os círculos esportivos e sociais. — A Cia. Siderurgica Belgo Mineira, depois de exibir, no Brasil, o filme da vista do presidente Vargas a Monlevade, ofereceu um refresco no Tabú, vendo aqui a mesa em que se reuniram o presidente dr. Cristiano Guimarães, o diretor dr. Louis Ensck, os srs. L. Bian, Jean Thirry, cel. Caetano Vasconcelos, dr. Alvimar C. Rezende e outras altas personalidades — O Ministro Francisco Campos, em companhia do dr. Francisco Noronha, Secretario das Finanças, e do dr. Vicente Risola, presidente da Caixa Economica Federal de M. G., visita aquela secretaria de Estado.





ALCINDO S. VIEIRA & CIA. LTDA.

**ENGENHEIROS
CONSTRUTORES**

Rua Carijós 603-6.º andar - Sala 603
Fone 2-4870



Ao alto a Casa de Saúde São José e uma residência estilizada, de construção de Alcindo S. Vieira & Cia. Ltda., que tem colaborado com duas características especiais na edificação da metrópole que a Comissão Construtora de Belo Horizonte não imaginou: solidez e pureza de estilo, dentro de um espírito de técnica e beleza que afloram ao mais simples golpe de vista, como se observa nos "clichês".





CIDADE GRACIOSA

Residências do sr. Otelo Iori, à rua Alvarenga Peixoto 751; do sr. João Ricardo Setraghi, à rua S. Paulo 957; do sr. Said, Kalil Iazeji, à rua Ceará 1613; e do sr. José Horta Balsemão, à rua Biotita 40 — construídas pelos engenheiros Ari Andrade & Diniz Carneiro.



PROJETOS - CONSTRUÇÕES
ADMINISTRAÇÕES E
CONCRETO ARMADO

Rua Tupinambés, 518 — 1.º andar — Tel. 2-5236

ARI ANDRADE & DINIZ CARNEIRO
ENGENHEIROS CIVIS





A 1.º de fevereiro, inaugurou-se a Filial do Banco do Distrito Federal em Belo Horizonte, à rua Tupinambás, n.º 389.

Às 14,30 horas, grande era o número de pessoas de destaque que se encontrava nos salões do novo estabelecimento, aonde fôra cumprimentar, pelo auspicioso fato, as personalidades de sua administração — dr. Djalma Pinheiro Chagas, presidente; dr. Paulo Rodrigues Alves, diretor, que aqui viera para a inauguração; e sr. Edward Nogueira, gerente da Filial.

Entre as pessoas presentes viam-se

representantes dos secretários de Estado, diretores dos diversos bancos, elementos de destaque das classes liberais, do comércio e da indústria, diretores da Associação Comercial, da União dos Varejistas e da Federação das Indústrias, senhoras e senhorinhas, bem como representantes das classes conservadoras de diversos municípios.

Ao champagne", falou o dr. Paulo Rodrigues Alves que declarou inaugurada a filial e disse da importância e o alto apreço em que aquele Banco tem Minas Gerais, para dizer que à frente da referida filial fica-

va o próprio presidente do Banco dr. Djalma Pinheiro Chagas. Falou, a seguir, da personalidade do gerente da filial sr. Edward Nogueira.

O dr. Newton Paiva Ferreira, em nome da Associação Comercial de Minas discorreu sobre a função dos bancos na circulação da riqueza, referiu-se reverentemente à figura do dr. Djalma Pinheiro Chagas, homenageou o dr. Paulo Rodrigues Alves e felicitou o Banco pela escolha do sr. Edward Nogueira para gerente da filial de Belo Horizonte.

O dr. João Pimenta da Veiga, em nome do sr. Edward Nogueira, dis-



O DISTRITO FEDERAL

A INAUGURAÇÃO DE SUA FILIAL EM BELO HORIZONTE, SOB A DIREÇÃO DO SNR.

DJALMA PINHEIRO CHAGAS

curso para agradecer as referências elogiosas ao seu representado, mas terminou, em feliz improviso, juntando aos demais os seus louvores aos nomes de Djalma Pinheiro Chagas e Edward Nogueira.

Falou, então, o sr. Djalma Pinheiro Chagas que, depois de glosar o tema abordado pelo representante da Associação Comercial, declarou que desde longos anos mantém o ideal de fundar um banco em sua terra. Eis porque, disse, aquela inauguração representava para ele duplo motivo de alegria. Terminou agradecendo as referências a sua pessoa.

Em nome da União dos Varejistas de Minas Gerais, falou ainda o sr. Oscar Coelho dos Santos, felicitando os diretores do Banco do Distrito Federal pela inauguração.

E' interessante assinalar que pouco antes da solenidade, foram abertos os "guichets" do Banco, dando entrada, em menos de meia-hora, os primeiros 15 depósitos em conta corrente, na nova filial.



Aspêtos da inauguração — ao alto, o ato da bênção vendo-se o sacerdote ladeado pelos drs. Djalma Pinheiro Chagas e Paulo Rodrigues Alves, e um flagrante do dr. Djalma quando discursava; em baixo, grupo após a bênção e os convidados nas dependências do banco, junto aos "guichets"



BANCO DA LAVOURA DE MINAS GERAIS

Sociedade Anônima

SÉDE

AV. AFONSO PENA, 726
CAIXA POSTAL, 144
BELO HORIZONTE

Capital - Rs. 20.000:000\$000

Reservas - Rs. 6.300:000\$000

FILIAL

RUA DA CANDELÁRIA, 4
CAIXA POSTAL, 1679
RIO DE JANEIRO

AGÊNCIAS

NO ESTADO DE MINAS GERAIS:

Alfenas, Bom Sucesso, Cabo Verde, Campanha, Campos Gerais, Cristina, Cons. Lafaiete, Diamantina, Divinópolis, Itabirito, Itaúna, Juiz de Fora, Lima Duarte, Macha do, Monte Carmelo, Monte Santo, Nova Lima, Oliveira, Ouro Fino, Ouro Preto, Pará de Minas, Paraisópolis, Passos, Patos, Peçanha, Perdões, Pouso Alegre, Santa Barbara, Santa Rita do Sapucaí, São Gonçalo do Sapucaí, São Sebastião do Paraíso, Serro, Silvianópolis e Três Pontas

NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:

Campos, Paraíba do Sul e Rezende

ESCRITÓRIOS

NO ESTADO DE MINAS GERAIS:

Arceburgo, Borda da Mata, Cachoeiras, Campo do Meio, Carmo da Mata, Corinto, Divisa Nova, Guanhaes, Itapetérica, João Ribeiro, Mariana, Nova Ponte, Passa Tempo, Pedra Branca, Piranga, Sabará, Santa Catarina, Santa Maria do Suassuí, Santo Antônio do Amparo, Santo Antônio do Monte, São João Evangelista, Serra Negra e Serrania.

CORRESPONDENTES EM TODO O BRASIL

O CAMPEONATO MINEIRO DE FUTEBOL DE 1940 — foi encerrado brilhantemente com uma serie "melhor de tres" entre os dois clubes que, durante o certamen, estiveram à frente da tabela — Atlético e Palestra.

Na "negra", os tricolores lograram o triunfo por dois a zero, levantando assim o titulo maximo da L. F. B. II.. O Palestra há dez anos não conseguia esse titulo, pois desde 1930 — quando foi tri-campeão mineiro — os

tricolores não alcançaram o cetro maximo. O seu feito, além de brilhante, teve a realçá-lo o fato de ter o Palestra sido em quasi todo o campeonato o lider da tabela. Em baixo, o Campeão e, ao lado, o Vice.



Um Conselho de Amigo!...

— Um tiro no ouvido, Patricio, não resolverá, absolutamete, a tua situação. Ao contrario, virá complica-la ainda mais. A tua familia...

— Mas que queres tu que faça, Accacio? Com um ordenado pingue, sem crédito para cousa alguma, a minha resistência teria forçosamente que exgotar-se. Cansei, cansei, meu filho, de ser pobre. Chega! Chega! Basta de miséria!...

— Estás excitado, realmente. Antes de mais nada, aconselho-te calma, muita calma. Procura dominar os teus nervos para raciocinar. Não achas, agora, que o teu caso não é de suicídio? O teu problema, o grande problema de tua vida, que é uma vida que apenas começa e que poderá ainda ser brilhante, resume-se nisto: dinheiro. Corre atraz do dinheiro!...

— Mas onde é que está o dinheiro?

— É profundamente ociosa a sua pergunta. O dinheiro está na "NOSSA LOTERIA"!.. Eu sempre ouvi dizer que a **Loteria de Minas** tem sido a salvação de muita gente boa... Será a tua também, si quiséres experimentar...

Os bilhetes da Loteria de Minas distribuidos com esta edição foram adquiridos nos

B A L C Õ E S D A F O R T U N A



REGISTRE

A GRAÇA

O SORRISO

O ENCANTAMENTO

DE SEU FILHINHO

NO

STUDIO GURI

SOB
NOVA
DIREÇÃO



O UNICO COM SECÇÃO ESPECIALIZADA
PARA CRIANÇAS

RETRATOS EM TODOS OS ESTILOS, DESDE O TAMANHO CARTEIRA ATÉ
AS MAIS LUXUOSAS AMPLIAÇÕES

AV. AFONSO PENA 468

▪ SOBRADO

▪ BELO HORIZONTE



Laraine Day, a enfermeira "Mary Lamont", na serie do dr. Kildare, e que deverá este ano ser promovida a "estrela", é uma das atrizes mais jovens de Hollywood. Vêmo-la aqui num interessante traje de esporte.

CASA BIANCO

MÓVEIS EM GERAL

IRMÃOS DEL BIANCO

RUA CURITÍBA 736 — TEL. 2-2607

FÁBRICA: R. CURITÍBA, 569

BELO HORIZONTE

Si a senhora dêr

um passeio

pelas galerias do

BAZAR AMERICANO,

certamente encontrará

o de que precisa,

em meio do grande

"stock" de

MIL E UM ARTIGOS

*

ROUPINHAS PARA O NENEM

*

BRINQUEDOS

*

"BIBELOTS"

*

"LINGERIE"

*

ARTIGOS DE PAPEL, MADEIRA
E METAL

*

ARTIGOS PARA
PRESENTES

|||||

**BAZAR
AMERICANO**

PREÇO
MAXIMO 10\$000

Avenida Afonso Pena 788 - 794

Belo Horizonte



Um chinesinho de 5 anos que aparece com Ann Solhern em "Peripeças de Maistie", ensina à estrêla da Metro os hieroglifos da terra de Confúcio...



Sr. Lauro Gomes Vidal, recentemente eleito presidente da Associação Commercial de Minas, em sucessão ao sr. Caetano Vasconcelos.

BRASIL DE AMANHÃ — Retificamos a legenda do clichê que tem esse título: São aspectos da Feira Escolar organizada pelo 3.º ano, classe da professora d. Odete Klein, sendo d. Candida de Abreu Chagas a orientadora de desenhos e ilustrações.

CASA FLORA

EXECUTA COM ARTE

E BOM GOSTO, CORBEILLES, CO-ROAS, PALMAS, BOUQUETS DE NOIVA E QUALQUER TRABALHO DO RAMO

*

ESPECIALIDADE EM ROSEIRAS

COLOSSAL STOCK DE PLANTAS ORNAMENTAIS, FLORIFERAS E FRUTIFERAS

CHACARA PROPRIA NESTA CAPITAL, JUNTO A FAZENDA GAMELEIRA

*

IMPORTAÇÃO

DIRETA DE SEMENTES DE FLORES, HORTALIÇAS, PLANTAS MEDICINAIS, FLORESTAIS E FORRAGEIRAS

SYNVAL SANTOS

RUA CARIJÓS, 513 — TEL. 2-1 82
BELO HORIZONTE





**EMPRESA DE
CONSTRUÇÕES
GERAIS LTDA.**

MATRIZ:
AV. AFONSO PENA - 759
2º ANDAR - FONE 2-4277
BELO HORIZONTE

FILIAL:
AV. GRAÇA ARANHA - 19
5º AND. - EDF. PRÓPRIO
FONE 42-6645
RIO DE JANEIRO

**CONCRETO
ARMADO**

**OBRAS
EM
GERAL**

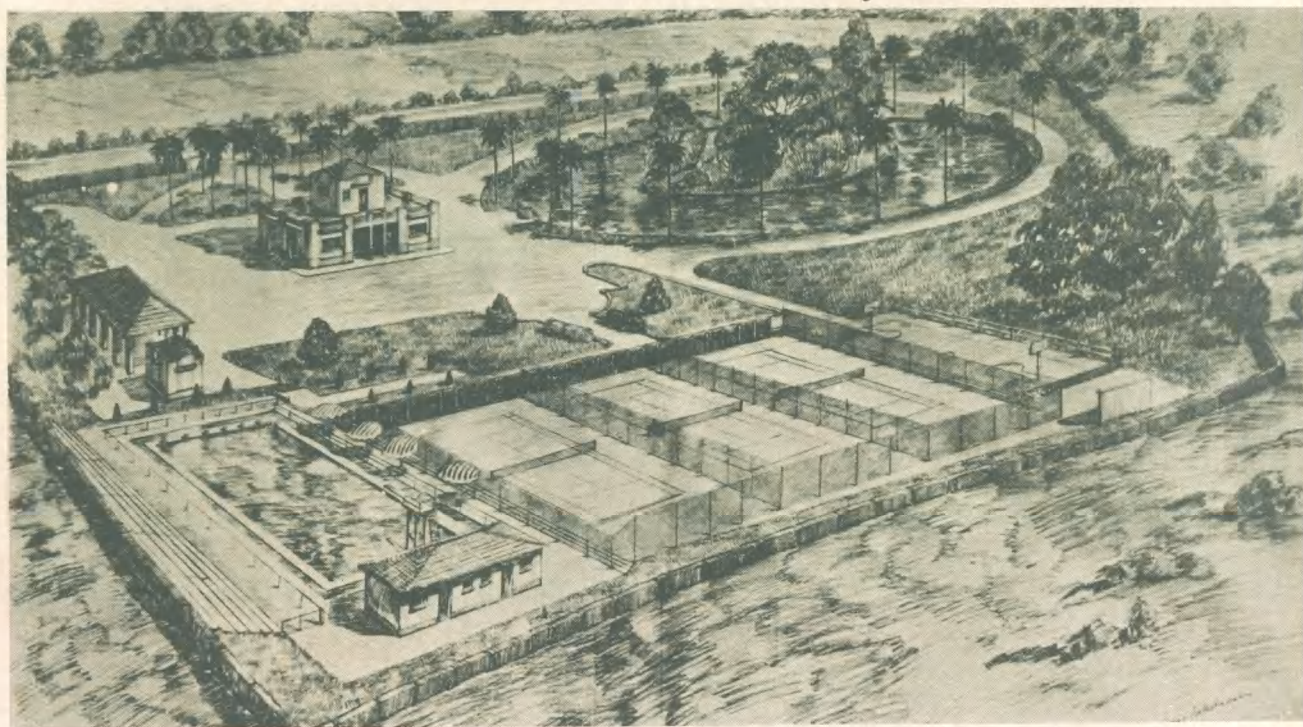
Éis a cidade majestosa que a Comissão Construtora não imaginou e que a E. C. G. vai construindo. Esta página dispensa outras considerações. Das construções da E. C. G., olha-se a cidade por cima. Ao lado, o esquiço "Edifício Capichaba"; em baixo o Edifício "Candido Ribeiro", de 10 andares do lado da avenida e 12 do lado da rua Carijós, dando majestade à Praça 7.



27 PRAÇAS DE - DISSEMINADAS POR

O TRABALHO DE CONSTRUÇÃO, DENTRO DO GRANDE
PLANO TRAÇADO PELO GOVERNADOR VALADARES

A EDUCAÇÃO FÍSICA
DA MOCIDADE E UM SISTEMA
QUE SERVIRIA DE EXEMPLO



A praça de esportes "Minas Gerais" de Poços de Caldas

A Secretaria da Viação, sob a orientação superior do engenheiro Odilon Dias Pereira, secretário dessa pasta, está realizando um trabalho de invulgar alcance dentro do plano de preparação física da mocidade, elaborado pelo governador Valadares e que vem tendo rápido e feliz desenvolvimento: a construção das praças de es-

portes para as 26 circunscrições do Estado, dentro do mesmo espírito com que foi construída a praça de esportes do Minas Tennis Clube, com que se iniciou o grande cometimento.

Como se sabe, em cada uma das 26 circunscrições (grupos de municípios para efeito de administração estadual) o Estado mantém:

- 1 centro de saúde,
- 1 secção de assistência à agricultura e pecuária,
- 1 chefia de serviços fiscais,
- 1 inspetoria de ensino,
- 1 delegacia regional de polícia, e
- 1 engenheiro chefe de obras da Secretaria da Viação.

Como se vê, a circunscrição administrativa dispõe de órgãos

ESPORTE "MINAS GERAIS"

TUDO O ESTADO -



A sede social do Minas Tenis Clube na capital, organização pela qual se orientarão as praças de esporte do interior do Estado, de acordo com o plano governamental.

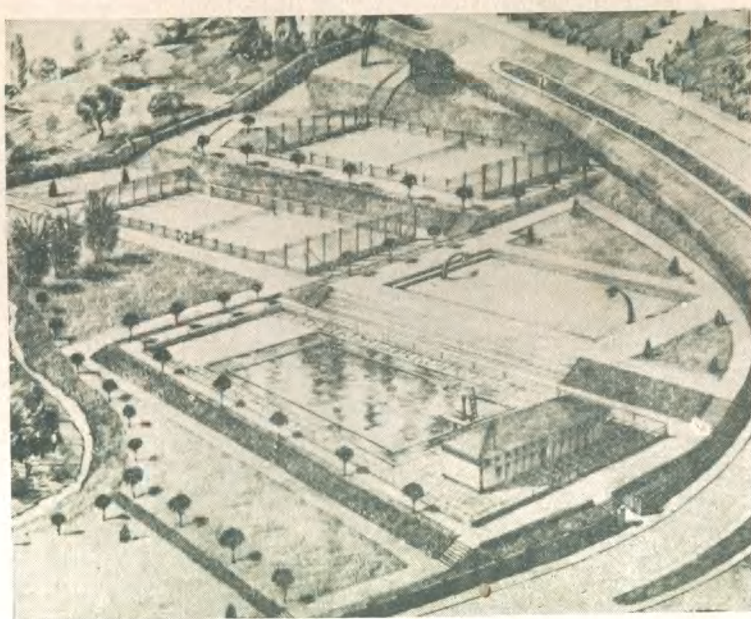
de todos os serviços públicos das diversas secretarias do estado.

Além disso, haverá, em cada circunscrição uma "Praça de Esportes Minas Gerais", nomeado a todas elas.

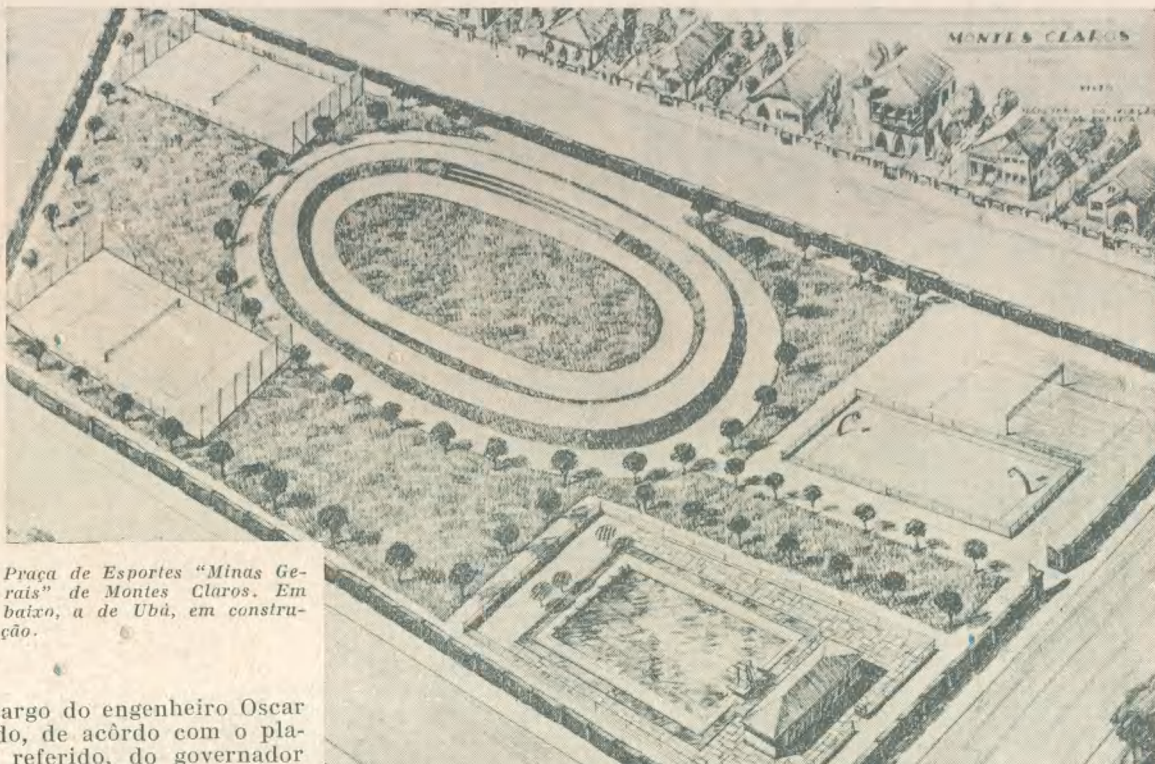
O plano compreende um total de 27 praças de esporte, sendo uma em Belo Horizonte que compreende duas circunscrições, 24 nas demais 24 circunscrições e duas mais, extraordinárias, sendo uma em Cambuquira e outra em Araxá.

Cada praça de esporte "Minas Gerais" compreende uma piscina, uma quadra de "basket" e "volley", duas para tennis, e uma pista para corrida e atletismo.

O serviço de estudo, projeto e construção dessas praças es-



A Praça de Esportes "Minas Gerais" de Pará de Minas



Praça de Esportes "Minas Gerais" de Montes Claros. Em baixo, a de Ubá, em construção.

tá a cargo do engenheiro Oscar Ricardo, de acôrdo com o plano já referido, do governador Valadares que pessoalmente se informa do andamento dos trabalhos examina os projetos, demonstrando grande interesse pela sua rápida e fiel execução.

Assim, o engenheiro da Secretaria da Viação encarregado do serviço está em constantes viagens para o interior, onde numerosas praças de esportes se acham em construção.

Além da praça de esportes do Minas Tennis, *mater* da organização como adeante se verá, estão praticamente concluídas as de Cambuquira, Montes Claros e Pará de Minas. Em construção, encontram-se as de

Varginha, Poços de Caldas, Itajubá, Ubá, Carangola, Barbacena, Divinópolis, Salinas, Uberaba, Araxá.

Teem projetos prontos, para ser iniciada a construção, as de São João del Rei, Pirapora, Leopoldina, Teófilo Otoni e Governador Valadares.

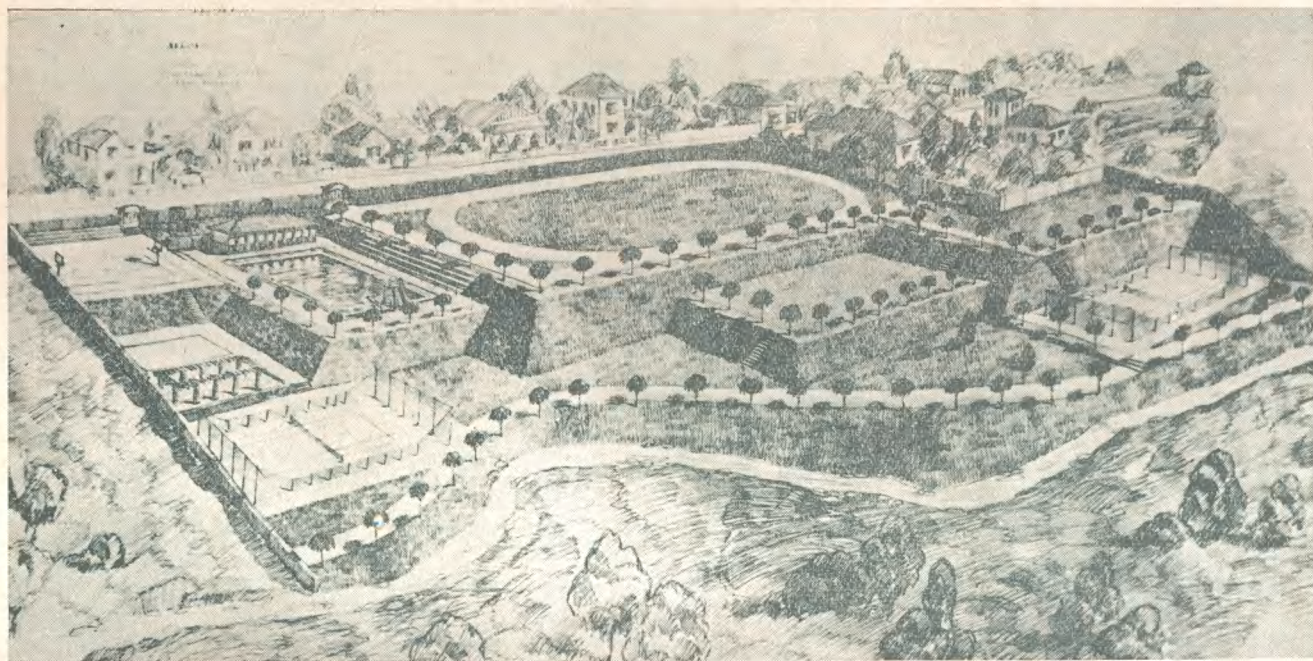
Estão em estudo os projetos das praças de esportes de Ponte Nova, Diamantina e Guanhães e vão iniciar-se agora os estudos das de Patos, Guaxupé, Juiz de Fôra e Caxambú.

Como se vê, são: 4 construídas, 10 em construção, 5 pro-

jetadas, 3 em estudos e 4 com estudos a iniciar.

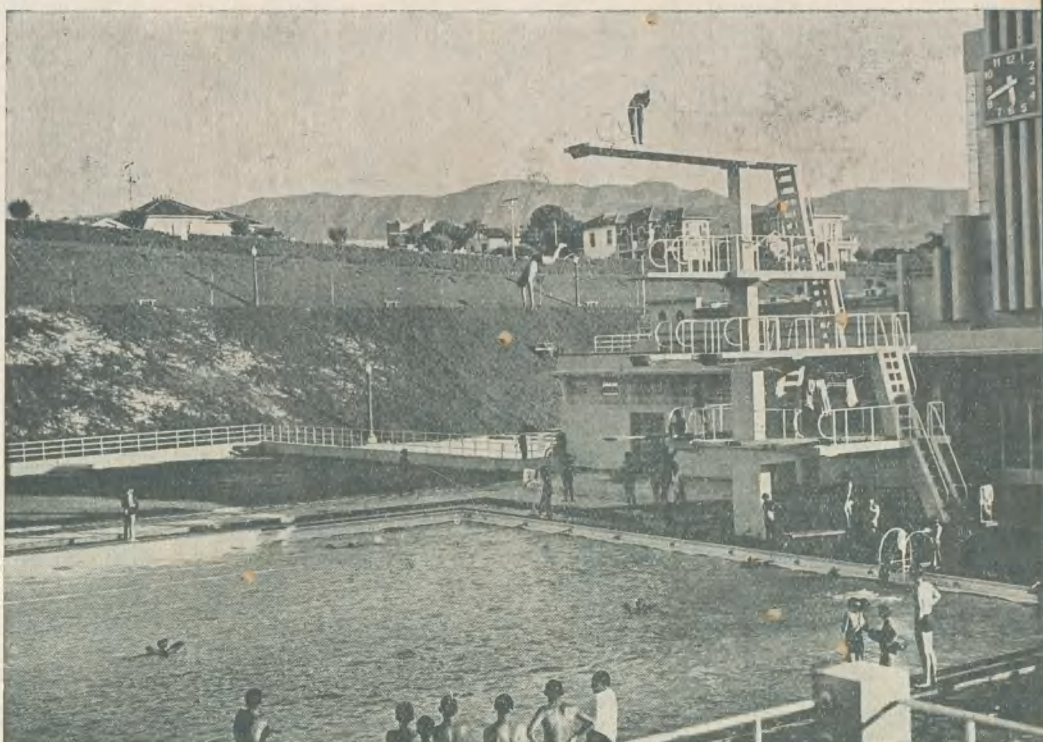
O sistema de utilização das Praças de Esportes "Minas Gerais" é o mesmo que foi posto em pratica com a praça de esportes do Minas Tennis Clube: entregar a uma organização esportiva local para administração e utilização, sob a fiscalização da prefeitura municipal, garantida a frequência gratuita dos escolares e uma orientação capaz de fazer alcançar-se o objetivo visado: uma perfeita educação física da juventude.

A educação física em tais



Em baixo, vê-se um flagrante de exercício de atletismo no Departamento de Instrução da Força Pública, onde se fo formarão os técnicos para o plano de educação física elaborado pelo governo.

Ao lado, um aspeto da piscina do "Minas Tennis", em cuja praça de esporte os mesmos técnicos se especializarão.



praças de esportes será dirigida por técnicos formados no Departamento de Instrução da Força Pública e aperfeiçoados no exercício dos diversos departamentos esportivos do Minas Tennis Clube, organização já encampada pelo estado e à qual caberá manter orientação única nas 27 praças de esporte "Minas Gerais".

A administração das praças de esportes terá também o mesmo sistema que o Minas Tennis.

Para ocorrer às despesas com as construções e um plano tão vasto, não precisou o governo de lançar mão das rendas regulares dos cofres públicos: pelo decreto 165, de 10 de janeiro de 1939, regulamentando os Serviços de Loteria do Estado, destinou os saldos da Loteria de Minas Gerais à assistência ao esporte e ao desenvolvimento da cultura física da mocidade. Essa a fonte de renda com que, sabiamente, vai o governo realizando tão meritório cometimento, iniciado oficialmente com aquele decreto.

Dentro em pouco, graças a essa iniciativa e ao espírito de dar à Loteria de Minas Gerais o mais utilitário caráter, por todo o território mineiro terão os jovens de nossa terra modelares praças de esportes onde treinar os seus músculos, fortalecendo o Brasil de amanhã.



REGRESSOU DOS EE. UU. O DR. GUILHERME MEIRELES

A participação do ilustre oftalmologista no 1º Congresso Pan-americano de oftalmologia



Tem sido alvo de felicitações por parte de seus amigos e do mundo médico belorizontino, do qual é figura de projeção, o dr. Guilherme Meireles, oculista, que acaba de regressar dos Estados Unidos onde foi, com os professores Moura Brasil do Amaral e Kos, representar o Brasil no 1.º Congresso Pan-Americano de Oftalmologia que se realizou em Cleveland, Estado de Ohio.

Esse conclave científico realizou-se em outubro de 1940, tendo, no entanto o dr. Guilherme Meireles permanecido os Estados Unidos em estagio de estudos e especialização nas clínicas dos professores Castroviejo e Conrad Berens, em Nova York.

Palestramos rapidamente com o ilustre oftalmologista acerca de sua estada na America do Norte, tendo ele nos revelado que o 1.º Congresso Pan-Americano de Oftalmologia reuniu representantes de todos os países das Americas e que a delegação brasileira tomou parte ativa nos debates dos numerosos assuntos ventilados. Após o Congresso, realizou-se no "Eye Institute" da Columbia University and Presbyterian Hospital, uma serie de demonstrações e conferencias aos representantes sul-americanos no Congresso, tendo tomado parte nessas conferencias e demonstrações diversas notabilidades mundiais, em oftalmologia, como os pro-

fessores Thygeson, Troncoso, Gordon Bruce, Pfeiffer, Castroviejo e Dunnington.

Ao perguntarmos ao dr. Guilherme Meireles sobre o que mais destaque mereceu do 1.º Congresso Pan-Americano de Oftalmologia, em relação ao progresso da especialidade, disse-nos ele que há muito progresso, mas o mais acentuado é quanto à cirurgia de córnea, em que os professores Castroviejo e Conrad Berens demonstraram um grau de especialização que orgulha a ciencia mundial. E o que ha de mais acentuavel quanto ao progresso da cirurgia de olhos, informou o dr. Meireles que ponde, como assistente dos professores Castroviejo e Berens, verificar o alto grau a que atingiu, em Nova York a especialidade a que se dedicou.

Perguntámos ainda ao dr. Meireles si não houve progresso na aparelhagem de exame e clinica de olhos, ao que ele nos informou afirmativamente, dizendo-nos mesmo que havia adquirido e trazido para Belo Horizonte, uma aparelhagem completa, com os mais recentes aperfeiçoamentos.

O dr. Meireles informou-nos que pretende comparecer ao II Congresso, para cuja sede foi escolhida Buenos Aires.



Prof. João Ladeira de Sêna, eleito e empossado diretor da Faculdade de Odontologia e Farmacia da Universidade de Minas Gerais, em sucessão ao prof. Roberto de Almeida Cunha, para o triênio 41-43. O prof. Ladeira de Sêna foi diretor da Faculdade durante 5 periodos em que foi reeleito, quando esses periodos eram de 1 ano cada um, de 1924 a 1929, tendo sido sob sua direcção que se travou e foi vencida a luta para a inclusão daquele instituto de ensino superior no organismo da Universidade em formação.



PURO SANGUE

Lote de rézes puro sangue "gir" de propriedade dos drs. F. de Oliveira Naves e A. Jorge de Faria, criadores nas proximidades desta Capital. Venda permanente de reprodutores de ambos os sexos.

Informações à Av. Af. Pena, 952 - Sala 252 - Telefones 2-2015 e 2-7037 — BELO HORIZONTE



ILUSTRAÇÃO E POEMA DE

ANTÔNIO
RÓCHA 1941

Eu, que nem País Lême, sonho com esmeraldas
e atrás delas vivo bandeirando a vida inteira.

Sonho que são pedras verdes os paralelepípedos dos caminhos
e, que nem um prefeito, faço cálculos orçamentários,
por onde eu me enriqueço, nababo de alegrias.

Sonho que são pedras verdes as folhas dos arvoredos
e, que nem um arabe, faço cálculos astronômicos,
por onde eu me enriqueço, nababo de alegrias.

Eu, que nem País Lême, sonho com esmeraldas
e atrás delas vivo bandeirando a vida inteira!

E' por isso, mulher, que por teus olhos,
verdes como as pedras verdes de País Lême,
eu me transformei no mais audaz dos garimpeiros
— o faiscador das esmeraldas dos teus olhos.

SRS.

PREFEITOS

LIVROS DE
CONTABILIDADE

IMPRESSOS
TALÕES

PREFIRAM SEMPRE OS
CONFECCIONADOS
— NA —

PAPELARIA

E

TIPOGRAFIA
BRASIL

QUE EXECUTA TAMBEM
QUAISQUER SERVIÇOS
SOB MODELO

MATRIZ:

RUA DA BAÍA, 932

FILIAL:

RUA CARIJÓS, 418

OFICINAS:

RUA GUAJÁJÁRAS, 1540

(Edifício próprio)

BELO HORIZONTE



CAMPEONATO JUVENIL DE NATAÇÃO

Foi disputado no dia 29 de dezembro último, o III Campeonato Mineiro Juvenil, que colocou em luta as equipes do Minas — America — Atlético — Praia Club de Uberlândia e Centro de Cultura Física de Uberaba. Foi campeão o Minas T. C., e vice-campeão o America F. C.. Vemos, nesta página, ao alto, elementos da delegação triangular e ao lado, diversos pequenos nadadores.



CAMPEÕES DE BOLA AO CESTO

O selecionado da Federação Mineira de Bola ao Cesto, que tomou parte nos festejos comemorativos do Bi-Centenário de Porto Alegre, onde defendeu brilhantemente o esporte mineiro, sagrando-se campeão do torneio de Bola ao Cesto, visitou a Governador Benedito Valadares, afim de agradecer a S. Exia. o apoio que prestou à Embaixada.

Aproveitando a oportunidade, o chefe da Delegação, Dr. João de Lima Padua, entregou ao Governador Valadares um belo album de vistas da capital gaúcha, enviado por seu intermédio, pelo Prefeito Loureiro da Silva.

O "clichê" é um flagrante dessa visita.



CHAPELARIA

LONDRES

GRAVATARIA

CHILE, PANAMÁ E PALHA PARA HOMENS

AV. AFONSO PENA, 902

BELO HORIZONTE



VOCÊ SABIA?

QUE...

Patrício Teixeira, o "seresteiro incorrigível", nasceu em 17-3-1891?

QUE...

O sóbrio e correto locutor do "Teatro pelos Ares", Dilo Guardia, foi aluno interno no Colégio Arnaldo, de Belo Horizonte?

QUE...

Ernesto Nazareth, — autor de tantas melodias brasileiras, — como Beethoven, ficou surdo, continuando, porém, a torturar-se para ouvir o que compunha e tocava? E que ele acabou suicidando-se?

QUE...

"O cantor das multidões", Orlando Silva, nasceu no Engenho de Dentro, (Distrito Federal), a 3 de outubro de 1915?

QUE...

Plácido Ferreira estreou o teatro, aos 20 anos, fazendo mágica?

E que sua esposa, a querida Cordelia, fez sua estreia, aos 14 anos, como melindrosa da peça "Outono e Primavera", um sucesso da antiga Companhia Leopoldo Fróes?

NAQUELE TEMPO...

Uma reminiscência: página fantástica, escrita pelo hoje celebre locutor Cesar Ladeira, quando estava com apenas 15 anos.

De CESAR LADEIRA

"A noite põe um encanto novo nas coisas. Lágrimas de luar brilham nas flores. O jardim iluminado pela luz gratuita de uma lua camarada, não parece dormir, parece sorrir pelas pétalas das flores, pelo perfume das rosas.

Ha um sortilegio de aromas excitantes pela beleza da noite, ha um misterio de almas desconhecidas pelas rosas coloridas do jardim.

A lua do luar nada é. Nada existe. Tudo parece sêr. Tudo parece existir. E as almas das rosas pare-

cem conversar. Meigamente, suavemente, como sabem conversar só as almas perfumadas das rosas.

A rosa vermelha como a boca vermelha de uma mulher, começa a falar, em carícias de brisas perfumadas:

— Eu sou a alma de uma mulher que amou e que foi amada. Fui feliz, muito feliz, porque via o homem que eu amava, ajoelhado a meus pés, numa demonstração linda de um grande amor. Eu amei, fui amada, fui feliz.

A rosa amarela, cor pálida de chá, suspirou em aromas dolorosos:

— Eu sou a alma de uma mulher que amou, e que não foi amada. Sofri, sofri, cruelmente. Abandonada com desprezo, pelo homem que eu amava, eu sofri muito, muito. Eu amei, não fui amada, fui infeliz.

A rosa branca, branca como a alma das virgens, branca como as lágrimas dos sofrendores, disse então:

— Eu sou a alma de uma mulher que amou. Não fui feliz. Não fui infeliz. Não amei.

Calaram-se todas. O luar e a noite põem encantos desconhecidos nas coisas. O jardim parece sorrir pelas pétalas das flores, pelo perfume das rosas. Pelas almas das mulheres.

E a rosa vermelha e a rosa amarela disseram então à rosa branca, imaculada e pura:

— Tu não foste mulher. Não soubeste viver: não soubeste amar...

(De "Cine-Rádio-Jornal", 5-1-39)

PAULO MAGALHÃES E O N.º 11

O autor de "Fela", "Simpático Jeremias", "Simplicio Pacato" e outros sucessos, nasceu na Cidade Maravilhosa, à rua dos Arcos, n.º 33 (11 + 11 + 11), às 11 horas do dia 22 (11 + 11) de janeiro de 1901 (1 + 9 + 0 + 1 = 11).

Na Academia Carioca de Letras ocupa a cadeira n.º 11.

Indo a Roma, foi recebido pelo Papa Pio XI, que o abençoou em 11 de novembro, o 11.º mês do ano.

"O amor venceu", sua primeira peça teatral, foi estreada num dia 11 janeiro, tinha onze letras no título e 11 personagens em cena.

E' ou não é muita coincidência?!...

COMENTANDO...



Eneida, um nome e um cartaz radiofônico de PRI-3

"Criticando os Criticos", o original programa de Afonso de Castro, continua ser um dos melhores da Capital. Si é, apesar das más linguas...

Quando é que os anuncios serão reduzidos e melhorados na redação? Quosque tandem?...

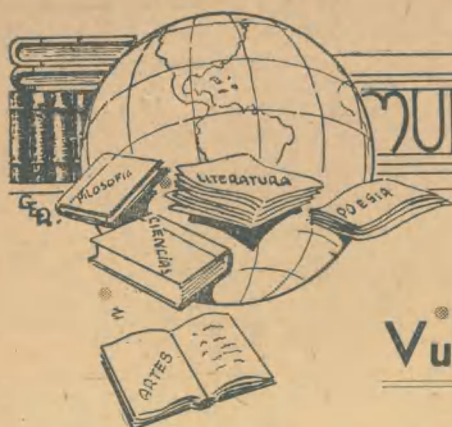
J. Carlos Lisboa continua, para bem do nosso "broadcasting", a emprestar o brilho de sua inteligência aos programas "A vida e musica dos Mestres" e "Cortina elegante", dois ótimos programas de cultura e arte, na PRI-3.

A Guarani continua a ter em "Jóias litero-musicais" um de seus programas mais sérios e bonitos. Herminio Machado, seu apresentador, tem melhorado na interpretação das páginas irradiadas. Parabéns...

O programa de calouros da nossa "indigena" também continua a ser o mais irritante e mal dirigido programa do... mundo. Será que não ha policia radiofonica? Si houvesse...

E os auditórios? Ah! os auditórios... Sonho dourado, quando vi-

FELIZ E "ZANGADO"



MUNDO LITERÁRIO

Vultos-Livros e Fatos - Pelas editoras

ARMANDO MA'S LEITE — Com o desaparecimento desse brilhante literato que não era somente uma promessa, mas uma admirável realidade, perdeu o Brasil uma das suas melhores inteligência moças.

Armando, que iniciara os cursos de medicina e depois de direito, viu-se forçado a interrompê-los por motivo de saúde.

Nascido em Santos, a 7 de abril de 1909, desde 1934 residia em Belo Horizonte, entregando-se com denodo e brilhantismo a colaborar em jornais e revistas, publicando artigos, ensaios e poemas, por onde deixava perceber a sua arguta inteligência e sua alma sensível de poeta.

MAIS UM VOLUME DE GUSTAVO BARROSO Editado por Getúlio Costa, apareceu "Consulado da China", de Gustavo Barroso, prosseguindo a série de suas memórias iniciadas com o volume "Coração de Menino". Esse novo livro constituirá, por certo, mais outro sucesso do autor de "Ronda dos Seculos".

MANUEL BANDEIRA NA ACADEMIA — No dia de novembro, tomou posse de sua cadeira na Academia Brasileira de Letras, o poeta e escritor Manuel Bandeira. O novo "imortal", que foi recebido pelo academico Ribeiro Couto, fez o elogio de seu patrono Julio Ribeiro e do seu predecessor Luiz Guimarães Filho, numa notável peça oratória.

GRANDE CONCURSO DE LITERATURA INFANTIL — Observamos com interesse a tarefa cultural do jornal "Dom Casmurro", e já citamos os dois concursos por ele efetuados.

Pois agora, em colaboração com a Alba-Editora, "D. Casmurro" está realizando um 3.º concurso, este de literatura infantil.

Com premios no total de 10:000\$000, ele refere a um volume em que se relembram os fatos e homens dos quatro seculos de nossa História e visa uma nacionalização da nossa literatura para a juventude, pois, "nossos heróis ai estão esquecidos, enquanto que heróis de nomes estrangeiros como Flash Gordon, sem nenhum sentido da nossa vida, tomam por completo a imaginação infantil.

O concurso encerrar-se-á a 31 de dezembro de 1940. Os originaes não devem ultrapassar 60 paginas datilografadas em dois espaços, papel tipo officio, nem ter menos de 40 paginas.

NOVO LIVRO DE AFRANIO PEIXOTO — Mais um util volume acaba de ser publicado pelo autor de

"Fruta do Mato". Trata-se de "Panorama da Literatura Brasileira", uma coletanea de paginas antológicas com introduções e notas de Afranio Peixoto. Esse "Panoramas" constitue um ótimo repositório para os estudiosos de nossas letras. É uma edição da Companhia Editora Nacional.

JUIZ DE FO'RA E BELMIRO BRAGA — A "Manchester" mineira inaugurou, em fins de novembro, num de seus jardins, um monumento em homenagem a Belmiro Braga, o espontaneo e suave poeta de "Montezinas" e "Contas do meu rosario".

Ha um movimento no sentido de se publicarem, num volume, as obras completas de Belmiro, o que será a melhor contribuição para a memoria do poeta mineiro.

"POESIAS COMPLETAS" — De Manuel Bandeira, hoje academico, acaba de sair um novo volume editado pela Civilização Brasileira. "Poesia completas, enfeixando composição do "Carnaval", de "Libertinagem", do "Ritmo dissoluto" e da "Estrela da Manhã".

Já se fazia, aliás, bem necessaria essa coletanea que possibilitará aos novos conhecerem a obra admirável de Manuel Bandeira, o grande poeta de "A cinza das horas".

PELAS EDITORAS - Livraria do Globo, P. Alegre

"OS GRANDES PROCESSOS DA HISTORIA" — 9.ª série. — Por Henri Robert, contendo, entre outros, capitulos sobre "A Revolução de 1848", "A Imperatriz Eugenia" e o "Caso das Condecorações".

"A CONQUISTA DOS ARES" — de Paul Karlson, volume 10 da Coleção "Tapeço Mágico" (Viagem pelo mundo da cultura). Não é um manual ou tratado de aeronáutica, mas, evocando a memoria dos que se dedicaram ao sonho de Icaro, o livro de Karlson é um verdadeiro romance de aviação. Foi traduzido diretamente do original alemão ("Der Menschen Fliegt") por Marina Gaspari.

Edições Mensagem

"QUANDO O DIA SURGIR" — é o titulo de um volume de contos com que J. Etienne Filho se estreia em livro. "Quando o dia surgir..." será, por certo, uma consagração maior do valor desse moço que tantas paginas brilhantes tem assinado em jornais e revistas nacionais.

SECÇÃO INFANTIL DE LEITURA

A postos garotada! Eis o Concurso do "BANDO DE VAGALUME"

A partir da próxima edição, LEITURA publicará a mais perfeita Secção Infantil que até hoje já apareceu, com ricos prêmios para seus leitores e colaboradores. A Secção Infantil terá por finalidade divertir, instruir e entusiasmar a garotada. Ocupará grande espaço na revista e será ilustrada com desenhos e fotografias, conterá histórias, jogos e a "Arte de fazer arte", o mais original assunto para meninos e meninas, ensinando a técnica de serem "ar-teiros". Serão apresentados aos nossos pequenos leitores os protagonistas de uma série especial de histórias que publica-

remos, os quais se chamam Vagalume, Milórde, Tererê e Lazi-nho. Vagalume é um pretinho sabido, cujos olhos emergem da face negra como duas lampadas acêsas; Tererê é o garoto em-brulhão, chove-não-molha; Lazi-nha, uma menina de gente grã-fina que gosta de fazer artes em meio dos garotos do bairro po-bre, muito esperta, de bom co-ração e resolvida como um "me-nino-homem"; Milórde, o ca-chorro inteligente que acompa-nha o bando, um cachorro que só falta falar.

CONCURSO

Está em concurso a primeira história do bando de Vagalume para ser publicada no próximo número. Podem concorrer meninos e meninas até 12 anos.

As histórias acompanhadas de desenhos, bons desenhos, terão melhor classificação.

A LIVRARIA REX oferece 70\$ em prêmios aos concorrentes

Os prêmios serão em livros e objetos escolares, oferecidos pela Livraria e Papelaria REX, salvo outros que serão incluídos na lista, no valor total de 70\$.

A classificação será: 1.º — 2.º e 3.º prêmios — Prêmios de consolação.

Os concorrentes devem endereçar seus contos para — *Redacção da Revista LEITURA — Secção Infantil — Av. Afonso Pena, 468 — 1.º andar — sa'a 16, até o dia 28 de Fevereiro.*

Dentro de poucos dias será inaugurada, numa das vitrines da Livraria e Papelaria REX a exposição dos prêmios do Concurso Infantil de LEITURA.

Na vitrine da **REX** serão expostos os prêmios e os retratos dos concorrentes

NOSSA ESTANTE

QUADRAS DAS TROVAS — de J. Gastão Macha-do — Edição do Autor.

Catulo, Adelmar, Djalma, Nilo Aparecida, Belmiro, Belindo...

Quantos bon trovadores possui o Brasil!... E agora, mais um se apresenta, em livro: é J. Gastão Machado.

Alma sensível aos pequeninos nadas que são tudo, esse poeta encontrou na trova o seu gene-ro. Verdadeiro "cizelador de camafeus", como o quisera Djalma Andrade, J. Gastão Machado tem mimos preciosos nessa sua coletanea — "Quadra das Trovas":

*A vida é barco — destino,
Solto nas ondas do mar...
Vaguetta, a toa, sem tino,
Até a morte encontrar.*

*A voz do poeta seria,
Si fosse o poeta cantor,
Acordes de sinfonia*

Nalgum prelúdio de amor!...

"Amor e Odio", são trovas sinceras e fortes, anatematizando a guerra dos homens contra os bens de Deus:

*Deus ao fazer nossa Terra,
Deu-lhe amor, o bem, as flores*

*— O homem quiz trazer-lhe a guerra
Com fulminantes horrores.*

*Mandai, ó Deus poderoso,
Na Terra a Paz governar!
Tornai o Homem bondoso,
Ensinando-o sempre amar!*

"Lembrete" — é uma delicadíssima historia de uma namorada dos primeiros anos. Belo Horizonte, merece de J. Gastão Machado versos bonitos e significativos. E os mortos são homenageados e pranteados em "Finados".

"Ciranda", "Flores do Ipê", "Canção do Barco", são trovas que breve estarão na boca do povo, numa consagração do mérito do poeta.

Com "Paleta á guiza de Introdução", J. Gastão Machado inicia seu livro, fazendo um interessante estudo sobre a trova, em que esta é apresentada em toda sua pureza, como elemento da alma popular e como instrumento de elevação cultural do povo.

"Quadra das Trovas" é uma preciosa co-lectanea de versos simples e bonitos, que vem de afirmar ainda mais o talento espontaneo do poeta J. Gastão Machado, já conhecido e apreciado através de suas colaborações em jornais e revistas.

— Já temos em mãos e comentaremos no próximo numero "Contabilidade de Transportes", por Francisco D'Auria e "Nosso Brasil", de Hil-debrando Lima, ambos da Cia. Editora Nacional.

Correspondência para Rua Baritina, 51.

Os trigêmeos de Lagôa Santa ainda estão esperando Papai Noel

Os trigêmeos da Lagôa Santa ainda estão esperando Papai Noel — há-de o leitor extranhar esta expressão, mas é a verdade, muito embora não devesse ser. Quando, em 30 de agosto fomos visitá-los, com apenas uma quinzena de vida, não julgáramos fácil criá-los. E' preciso lembrar que o menino Mauro nasceu a 16 de agosto, no rancho do casal Josino Esteves - Angelina Rodrigues, em terras da Fazenda do Meio, no município de Lagôa Santa, e as meninas Maristela e Maria Lucia nasce-

ram no dia 18, no hospital de Pedro Leopoldo, para onde d. Angelina fôra levada pelo seu medico, dr. Lindouro Avelar e onde recebeu também os cuidados do dr. José Azevedo Carvalho. Levamos aos triplices um presente da Perfumaria Marçola e verificamos a necessidade que tinham êles de uma alimentação especial.

Em Belo Horizonte, procuramos, o sr. Orlando Almeida, gerente da Cia. Nestlé, a quem expuzemos o fato e pedimos auxilio para os garotos, ao

que êle se prontificou, pedindo que o medico indicasse que deveriam usar os garôtos. Um recado para o dr. Lindouro Avelar e, na volta do ônibus recebíamos a indicação: "Eledon" e "Lactogênio". Desde aquela ocasião vinha o prestimoso gerente da Nestlé auxiliando, com a remessa desses produtos, a alimentação dos garôtos.

Ha pouco, porém, o sr. Orlando Almeida manifestou desejo de visitar os garôtos e, acompanhado de sua esposa e do diretor de LEITURA, que levou o seu fotógrafo, partiu para Lagôa Santa, onde juntou-se à caravana o dr. Lindouro Avelar.

DOIS POÊMAS DE CLEMENTE LUZ

De que vale o sonho

*De que me vale, neste momento, a evocação efêmera
de tudo que passou?
De que me vale a ilusão de possuir os corpos remotos de amadas
de outrora,
e os seus beijos apagados, há muito, de meus lábios,
e a sua voz que nem é mais eco em minha memória?*

*De que me vale, em um momento efêmero de evocação e de sonho,
reviver todo esse passado
que já não me pertence,
se daqui a pouco serei o mesmo homem
e terei o mesmo desejo de viver o presente,
de sofrer o presente
e sondar o futuro?*

*De que me vale ressuscitar o morto,
se ele não, passará de um elétrico fantasma
aos olhos humanos dos homens "humanos"?*

*De que me vale um momento efêmero de irrealdade,
si a realidade não descansa,
si a realidade é inexorável
e me impele com força para o futuro,
enquanto vivo o presente?*

Momento de compreensão

*Os guerreiros suaram o gesto do extermínio,
as máquinas de guerra abafaram o som rouco e surdo
da metralha,
e os inimigos, de longe, se entreolharam espantados,
na ansia inútil de compreensão...*

*Os guerreiros sustaram o gesto do extermínio,
— se entreolharam
e não puderam compreender
porque
tanto sangue se derramava
e tantas vidas se exterminavam...*

*... E' que os guerreiros tiveram,
nesse momento de síncope da força,
uma visão nitida e fugaz da consciencia.*

Fomos encontrar os garôtos e sua família no pauperrimo rancho que se vê no clichê. Mauro, Maristela e Maria Lucia forte se bem dispostos, bem como seus pais. O resto da garotada queimada de sol e barrigudinha de epilação. A sra. Orlando de Almeida encantou-se com a graça dos três pimpolhos do casal Josino-Angelina. E' de notar que o medico aconselhou muito d. Angelina contra os "conselhos" de uma entendida que foi aconselhar substituir os "leite de lata" por agua de fubá, pois, como d. Angelina contou, a agua de fubá não fez bem aos meninos. De acôrdo com o médico, que só então ficou conhecendo o gerente da Nestlé em Belo Horizonte, o sr. Orlando Almeida resolveu ampliar a assistência alimentar dos garôtos, o que já está fazendo.

Ha, no entanto, de outra parte, grande necessidade de auxilio aos garôtos e a sua família. As fotografias que publicamos são eloquentes para demonstrá-lo. A família do sr. Lindouro Avelar e mais umas duas, de Lagôa Santa, é que tem mandado alguma roupinha para os meninos. Mas êles precisam de uma ajuda maior. Papai Noel não foi ao rancho de Josino Esteves, na Fazenda do Meio. Os trigêmeos, na verdade, ainda estão esperando Papai Noel, na sua cabana de sapé. Qualquer auxilio pôde ser remetido diretamente ou por intermedio da Revista LEITURA que fará chegar à casa de Mauro, Maristela e Maria-Lucia o que mandarem para êles ou para seus oito irmãos-zinhos.

E para terminar esta reportagem, dando uma idéia da pobreza da família de Josino e da ignorancia que reina ali, pois são todos analfabetos, pais e filhos, citaremos a frase que uma das meninas, com cerca de 12 anos, dirigiu à senhora Orlando Almeida:

— "A senhora mora aonde, môça? A senhora mora lá no Brasil?"

Isso a menos de 3 horas de Belo Horizonte.



Poucos dias depois de tornar-se campeão de futebol de 1940 a Palestra empossou-se a nova diretoria do aplaudido grêmio. No "clichê" vê-se o novo presidente, dr. Enes Pont, o quarto d contar da esquerda, entre diretores daquela entidade. No proximo numero, LEITURA publicará uma reportagem acerca do Palestra, sua historia, e seus campeonatos.

A NOVA DIRETORIA DO PALESTRA

CHAPELARIA

AV. AF. PENA, 902

LONDRES

Novidades. Gravatas e Guarda-chuvas

GRAVATARIA

BELO HORIZONTE

Homenagem às senho-
rinhas **LUCIA E**
HELENA VALADARES

Realizaram-se no estádio da Paisandu as disputas do DIA DO VOLEIBOL, promovido pela Radio Guarani e "O Diário", em homenagem às senhoritas Lucia e Helena Valadares, filhas do Governador Valadares. O certamen, que constou das disputas masculinas e femininas alcançou grande sucesso, como se pode ver pelo clichê abaixo, quando Zoê França saudava as homenageadas, em nome das moças "voleibolistas".





AS NOVAS E MODERNAS INSTALAÇÕES DA CASA ORION



ras mais representativas do nosso mundo social. Ao mesmo tempo foi inaugurada a seção de calçados para homens, ficando a casa com "stock" para senhoras, homens e crianças, e apta para servir da mais modesta à mais exigente clientela em suas amplas instalações. Na CASA ORION encontram-se também as mais caras e mais bem

iluminadas vitrines da cidade. O clichê ao lado mostra os srs. Osorio Braga Machado e Horacio Neves, junto dos srs. Capitano Vasconcelos e Lauro Vidal, respectivamente ex e atual presidente da Associação Comercial de Minas, representantes da imprensa e diretor de LEITURA, no ato inaugural das novas e completas instalações da CASA ORION.



QUATRO VEZES PARANINFO

Entre as festas de formatura da final de 1940, é de destacar ter sido o professor Baeta Viãna, pela quarta vez consecutiva, eleito paraninfo dos doutorandos, pois desde 1937 vem o ilustre mestre paraninfoando todas as turmas de médicos. É uma distinção, rara nos anais universitários. O clichê mostra o prof. Baeta Viãna entre os novos médicos que foram homenageado em sua residência.



A CASA ORION inaugurou há pouco, comemorando o 14.º aniversário de sua fundação, suas novas e modernas instalações, à rua São Paulo, 504, onde, com um programa de fino gosto, os srs. Osorio Braga Machado e Horacio Neves, que constituem a firma O. B. Machado & Cia., receberam os cumprimentos das figu-



Direção de DONA

O peixe morre pela boca é um velho ditado que hoje está sem valor, pois que a pesca em bruto não se faz por anzol e porque morre muito mais peixe com a explosão das bombas de profundidade contra os submarinos e das jogadas pelos aviões contra os navios, que pela pescaria. Mas, ditado semelhante a esse e que não está e não estará nunca sem valor é aquele de que "os maridos se prendem em casa pela boca". Bons quitutes provocam bom apetite, bom humor e são capazes até de provocar olhares doces por parte dos barba-dos, mesmo quando eles já estão desacostumados de namorar as próprias esposas. Por isso, toda mulher deve ter um bom receitaário, experimentado, de coisas capazes de fazer o marido ou o noivo estalar a língua.

Iniciando hoje esta seção em LEITURA, espero contribuir para que muitos marmanjos possam, pelo menos enquanto estiverem "giboiando", exclamar ou pensar "Lar, doce lar".

*

DONA

ROCAMBOLE ITALIANO (salgado)

É um rocambole que não é doce, mas um apreciável quitute de sal:

1/2 litro de farinha de trigo, 1 ovo, 1 colher de chá de manteiga, 1 pitada de sal — amassa-se com água até ficar na consistência de massa para pastel.

Para recheiar o rocambole, passa-se na máquina toda a carne que se queira como galinha, mortadela, sa-

VAMOS FAZER QUITUTES

Senhora!

Quando dê conselhos às suas amigas não se esqueça de dizer porque prefere

MACARRÃO E TALHARINI MARTINI

MASSAS ALIMENTÍCIAS MARTINI
RUA CURITIBA 152 — FONE 2-3959

lame, lingüiça, carne de vaca, de porco, e, bem assim, cebola, salsa, etc. As carnes devem ser cruas e já temperadas.

Divide-se a massa e abre-se bem fina, espalhando-se nela toda a carne passada na máquina. Depois, enrola-se, bem justo, num pedaço de pano (não muito grosso) e cozinha-se por 40 a 60 minutos em água salgada. Os rocamboles só deverão ir ao fogo quando a água estiver fervendo. Depois de cozidos, retira-se do pano enquanto quente, para não grudar a massa o pano; partem-se em fatias e arrumam-se em travessas, com molho de tomate, queijo, azeitonas, etc.

NOZES

As festas de fim de ano e de princípio já passaram mas ficaram nós — a valer. Não será, pois, inoportuno, dar aqui algumas receitas de bolas e doces feitos de nozes:

BOLO DE NOZES — A 12 gemas batidas com meio quilo de açúcar, juntam-se as 12 claras em suspiro e bate-se bem. Juntar meio quilo de nozes moídas, 2 colheres de manteiga, 2 colheres de farinha de rosca e 4 colheres de chocolate. Unta-se a fôrma e fôrma-se com papel impermeável. Forno quente — Colheres das de sopa.

NOZES EM FÔRMA — 12 gemas e meio quilo de açúcar refinado. Misturam-se bem o açúcar e as gemas e vai ao fogo, pondo-se, depois 200 gramas de amendoas peladas e moídas, 750 gramas de nozes moídas, meia xícara de leite, meia colher de manteiga, 1 e meia colher de farinha de trigo. Mexe-se sem parar, até que apareça o fundo da panela. Deixa-se esfriar bem e aperta-se na fôrma de nozes. — Colheres das de sopa.

BOLO SURPREZA — 6 gemas bem batidas com duas colheres de manteiga, meio quilo de açúcar de 3.ª, meio quilo de farinha de trigo, 6 claras batidas em neve, 1 xícara de chá de nozes socadas, 1 xícara de chá de amendoas peladas e socadas, 1 xícara de chá de doces cristalizados partidos em pedacinhos, 1 calice de vinho tipo porto ou outro de sobremesa, meia xícara de chá de passas, 1 xícara de chá de leite, 1 colher rasa das de sopa de pó-royal, 1 colher das de sopa de chocolate, 1 colher de canela.

Batem-se as gemas com a manteiga e, em seguida, põe-se o açúcar, depois as claras em neve, a farinha, o leite, o vinho, e agora as nozes, passas, amendoas e doces, o chocolate, a canela e, por último o royal.

Fôrma untada com manteiga. Forno quente. O bolo pode ser coberto com "glacê" de suspiro ou de chocolate.

"GLACÊ" DE SUSPIRO — Para cada clara 3 colheres de açúcar, podendo pôr também casca de limão ralada ou de laranja, para dar gosto.

"GLACÊ" DE CHOCOLATE OU "GLACÊ" PRETO — O mesmo de suspiro juntando para cada clara duas colheres de chocolate.

PUDIM "AMARRA-MARIDO" — Para terminar, vai aqui o "pudim amarra-marido", receita modesta mas pudim gostoso, muito mineiro e que "amarra" tanto mais quanto melhor seja a cozinheira. "Amarrará melhor si for servido com uns sorrisos daqueles...

2 pires de batata-doce cozidas e passadas em peneira, 1 pires (dos de chá) raso de farinha de trigo, 1 copo de leite, 1 xícara rasa de manteiga, 6 ovos, sendo as claras batidas como suspiro. Açúcar que adó, ce. Unta-se a fôrma com manteiga e vai ao forno quente.

Exmo. Sr. Ministro da Educação,
Srs. Representantes dos Poderes
Públicos,
Meus senhores,
Minhas senhoras,
Meus prezados colegas:

No desempenho da honrosa incumbência que generosamente me confias-tes, não desejo utilizar esta oportunidade para exibição de uma falsa cultura, de uma falsa erudição, quando sei sobejamente que a Faculdade, como todas as Faculdades do mundo, dá-nos apenas os roteiros da meta, os lineamentos gerais de um edifício a construir, na maturidade do espírito e da inteligência, pelo esforço perseverante, pelo trabalho paciente, reiterado e contínuo.

Não desejo igualmente aventurar uma tese, controvertida e problemática, principalmente no campo das ciências jurídicas em torno de cujos princípios fundamentais se pode acender interminável controvérsia; onde na própria exposição de controvérsia se tacha na sombra de hipóteses, incertezas e dúvidas; onde a palavra tem nuances dúbias e enganosas...

Não pretendo também externar minhas convicções pessoais sobre a nossa condição política, nesta hora crepuscular e sombria da história da humanidade, em que se endeusam os chefes, se divinizam os Estados, em detrimento do homem, única realidade efetiva na ordem política e social...

Não pretendo analisar o momento que vivemos, convencido de que a história segue um curso indiferente, impelida por um determinismo fatal e inelutável, a despeito da estulta pretensão dos homens, de conduzir o destino dos povos...

Não vos impacientarei rebucando citações exaustivas de autores desconhecidos, em amparo das minhas palavras destinadas a morrer sem eco, no estrépito fragoroso de aplausos convencionais...

Nesta hora suprema da nossa vida académica, nesta última oportunidade que a vida nos oferece de nos vermos reunidos em torno de um ideal corado, quero apenas dizer-vos duas palavras minhas — que eu vos dedico — como se fossem o toque de clarim para a debandada, depois de vencida a última batalha.

As acras da decadência
Soprando pelo Universo,
Sofre a maldade, a inocência,
Tudo num caos submerso.

Novos demônios alados,
A semear, desalmados,
A ruína, a destruição.
A guerra erigindo a cômica,
Nos solos de Grécia e Roma
Os deuses rolam no chão.

A ORAÇÃO DE FORMATURA



O bacharel Felix Fernandes Filho, orador da turma e vencedor de dois concursos de oratória.

Os nossos deuses antigos,
Os nossos manes amigos,
A nossa crença imortal;
A rolar despedaçados,
Como ídolos quebrados,
No fragor de um vendaval.

INTEGRA DO DISCURSO ORADOR DA TURMA FE

Nossos sonhos de grandeza,
Nosso ideal de beleza,
Nossos princípios morais;
Tudo o que é santo e sagrado,
Foi proscrito, esmorecido,
Nas tempestades mortais.

Cesar acorda assombrado...
E' Atíla ressuscitado
A toda brida galopa.
Sobre o sangue da tragédia,
A sombra da Idade Média,
Cai no horizonte da Europa.

A geração que ora passa,
Sob o vento da desgraça
Cruza os braços para Deus.
E o monstro guerra chacina,
Mata, conspira, assassina,
A gênios e filisteus.

A mocidade de agora,
Que viu a primeira aurora
Sob um fragor de metralha;
Nas garras do pessimismo,
Nos dentes do derrotismo,
Tece uma negra mortalha.

OLIVEIRA, COSTA & CIA.

CASA FUNDADA EM 1886

PAPELARIA,
LIVRARIA,
OFICINAS
GRA'FICAS

MATERIAL PARA DE-
SENHO E PINTURA

End: Teleg.: "PAPEIS"
CAIXA POSTAL, 14

AV. AF. PENA, 1050
BELO HORIZONTE

DOS BACHAREIS DE 1940

EM VERSOS FEITO PELO LIX FERNANDES FILHO

Em horas amargas, críticas,
Ha visões apocalípticas
De um mundo a submergir.
E sob os céus infinitos,
Perpassa a angústia de gritos
De povos a sucumbir.

Nas terras martirizadas,
As gerações flageladas,
Incrúms, fracos e fortes,
Marchando a todas as frentes,
No fatalismo, inconscientes,
De condenados à morte.

A França imortal e eterna
Que trouxe a vida moderna
O archote da liberdade;
E' hoje simples vassala
De um deus feroz que avassala
As crenças da humanidade.

Os oceanos profundos,
Amplios caminhos do mundo,
Estradas universais,
São tumbas de combatentes,
Extremando os continentes,
Divorciando os ideais.

... E o mundo em louca ansiedade
Interroga a Divindade
Lá no seu trôno impassível
Oh! Poteslade divina,
Essa loucura assassina
Acaso é justa? E' possível?

Deus eterno, e onipotente,
O sangue dos inocentes
Tinge a espada do Terror.
Nosso clamor, nossa prece,
Não vos comove e enterneece,
Não vêde acaso, Senhor?...

Nessa desgraça suprema,
Vêde que o mundo blasfema
Entre a descrença e o pavor.
Si já não ha Deus em Roma,
Si o mundo é nova Sodoma,
Salvai os justos, Senhor!

A Terra sem Canaan
Regride á era pagã,
Volta ao reinado de Zeus...
Inúteis os nossos prantos,
O sacrifício de santos,
O holocausto de um Deus?

Mas não, Deus eterno vela...
A tempestade, a procela,
São processos naturais.
Na eternidade do tempo,
O milênio é um passa-tempo,
Para as cousas imortais.

A justiça é deusa eterna.
Para uma hidra de Lerna
Ha sempre um braço potente.

Nesse ciclone iracundo,
A paz que fugiu do mundo
Ha de raiar novamente.

E o destino de moços
E' marchar sobre destróços,
A passos firmes, seguros...
E' honrar a glória passada,
Marcando as próprias pegadas
Nos caminhos do futuro.

Ser moço é ser resoluto,
E' resgatar um tributo,
E' marcar uma impressão.
Na espécie que se encadêa,
A humanidade é cadêa,
Os elos — a geração.

Ser moço é viver um dia...
E' dar a vida, a energia,
Para um momento fugaz.
A Providência não erra:
A nós — o ciclone, a guerra,
a nossos filhos — a paz.

Quando a Patria periclitã,
A mocidade se agita,
Os sétros tremem na mão...
A China em decrepitude,
Levanta-se a juventude,
Surge uma grande nação.

A mão da posteridade,
Corôa a imortalidade
Do herói que incruie tombou.
Mas a mão da Providência
Guia a chacina, a violência,
À tumba de um Waterloo.

A pobre ambição da glória,
Levou aos anais da história,
Bismark e Napoleão.
Mas a força incrua e fêra
Que os levou á estratosféra,
Tornou-os ao pó do chão.

Os grandes gênios do mundo,
Que deram labor fecundo
Sem ambição nem cubilça,
Não ficam no esquecimento,
Porque a glória é monumento,
Num pedestal de justiça.

Vós que levais pela estrada,
A chama viva e sagrada
Da salvação do porvir,
Com a crença que inflama o peito,
Pregai a fé no direito,
As gerações que hão de vir.

Agora que sois dispersos
Para destinos diversos,
Em vossa existência ao léu,
Tende sempre o olhar bem fido
Numa visão do infinito,
Numa miragem do céu.

Fazei brilhar vosso elmo,
À luz de um vivo santelmo,
À luz de um puro clarão,
Não mireis a luz funérea
De emanação deletérea
Do fogo-fátuo do chão.

Na vossa vida futura,
Olhai os cimos na altura,
Fitai o gol no Zenith.
Se alguém mostrar Gengis Khan,
Mostrais cruzeiros em Verdun
E ossos em Austerlitz.

Aos derrotados, vencidos,
Sem horizontes, perdidos
No niuevanismo letal,
Apontai á eternidade,
A chama de mocidade
Do vosso santo ideal.

A juventude aureolada,
Traz a mensagem sagrada
De uma missão a cumprir.
Levai á posteridade,
Os sonhos da humanidade,
Nesse anseio de subir.

A experiência — é velhice.
A esperança — é meninice.
Mas mocidade é ação.
Todo moço traz latentes,
Um grito de Tiradentes,
Um sonho de redenção.

A grande paz do Universo,
Agora em ruínas imerso,
Quem sabe quando virá?
Haja o extermínio da guerra,
Haja o direito na terra,
E o mundo florescerá.

Tomai, pois, esta balisa
Conservai esta divisa,
Guardada no coração:—
— Fazei na diuturna liça,
Do direito e da justiça,
A suprema aspiração.

ANTIGUIDADE
E'
POSTO

GIACOMO

VENDE
SORTES
GRANDES
DESDE
1901

CASA GIACOMO

RUA DA BAI'A - 856



LEITURA, no afan de colaborar com os fazendeiros, fazendo desta seção um local de consultas, pede colaboração aos srs. Agrônomos e Veterinários. Correspondência para GEVAL — Rua Guajajaras, 176.

CORPOS ESTRANHOS

Ao fazer uma inspeção em um bovino da raça "Polled-Angus", de nome "Raio", sacrificado por não se prestar mais para reprodutor, encontrei varios corpos-extranhos os quais mandei fotografar e ilustram esta nota.

Não só pela sua quantidade como variedade e constituição foi que me animei a fotografá-los afim de ficar demonstrada mais uma vez a grande resistência de que os animais são dotados. Esses corpos foram encontrados no saco ventral do rumem. São os seguintes:

Um dente "Jacaré" com um pedaço de arame entrelaçado; oito segmentos de arame, variando de dois a cinco centímetros; um grampo de cerca cortado; quatro pregos de tamanhos diversos; um rebite de cobre de cabresto; um cilindro de aço, além de varios pedacinhos de metais.

Apezar da quantidade das pontas aceradas aquele órgão se mostrava visualmente perfeito. Provavelmente foram ingeridos na ração (silagem, farelo, feno), passando despercebidos ao tratador.

ROBERTO DE SOUZA

Veterinario da

F. R. de Animais



A Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária" desta Capital acaba de dar ao país mais duas lust-das turmas de técnicos: uma de Veterinario e outra de Agrônomos.

A de Veterinaria, de que foi paraninfo o Dr. Israel Pinheiro da Silva, operoso Secretario da Agricultura de nosso Estado, está composta dos seguintes nomes: Otacilio Mundim, Alexandre Lapertosa Brina, Lacerio Junqueira, Nelson Junqueira, José Brito Figueiredo, José Milton de Andrade, José Maria da Silva, José da Silva Megalhães, João Vidigal Martins Costa, José Romualdo Campos, Paulo Pimenta Montans, Rubens Siqueira, Luis Jardim, João Santana e Irupuan Campos Bessa.

A solenidade da colação de grau dos novos médicos-veterinarios teve lugar no salão de festas da "Feira Permanente de Amostras", sendo presidida a sessão pelo representante do Governador do Estado, tendo falado o orador José Maria da Silva e por ultimo o Dr. Israel Pinheiro, que pronunciou incisivas palavras sobre o momento e rumos da veterinaria em nosso país.

Grande numero de pessoas compareceu, lotando o recinto.

A turma de Agrônomos saiu, compõe-se dos seguintes nomes: Oscar

Noticias diversas

Lopes, Pedro de Colaço Carvalheira, José Miguel Centurion, Ives Marie Donnard, Mario Chaves e Celso Pereira.

Teve lugar no auditorium da Escola Normal a colação de grau, tendo falado o orador, Mauro Chaves e o sr. Dr. Raul Batista de Almeida, representante do interventor, da Baía, Dr. Lanulfo Alves, paraninfo da turma.

A solenidade transcorreu com muito brilhantismo, estando presente grande numero de convidados.

Aos novos Médicos-Veterinarios e Engenheiros-Agrônomos, os nossos votos de uma carreira feliz.

NOMEAÇÕES

Por ato do sr. Governador do Estado foram nomeados para Circunscrições Agro-Pecuarias o Veterinario Dr. Luis Higino Pais Leme e o Agrônomo Dr. João Claudemiro dos Santos e o veterinario dr. Luiz Rodrigues Fontes.

SERVIÇO GENEALÓGICO

Está sendo feito o "Serviço Genealógico dos Rebanhos Mineiros" na Se-

cretaria da Agricultura. A chefia está entregue ao Dr. Guaracy Duque Viriato Catão, medico veterinario.

"BOLETIM DA S. M. M. V."

Acaba de ser editado nesta Capital o "Boletim da Sociedade Mineira de Medicina Veterinaria". O numero está farto de colaboração variada, tornando-se uma fonte de estudos para aqueles que buscam minorar o sofrimento animal. Está, pois, de parabens essa Sociedade. Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

NOVA DIRETORIA DA S. M. M. V.

Foi eleita e empossada a nova Diretoria da "Sociedade M. de Medicina Veterinaria" que ficou assim composta:

Presidente: Dr. J. J. Carneiro Filho; Dr. Paulo Angelo; 1.º Secretario: Dr. J. Mosqueira; 2.º secretario: Dr. Joaquim Mourão; Tesoureiro: Dr. Oseas Teixeira de Abreu; Bibliotecario: Dr. Silvio Viana; Comissões: Técnica: Drs. Silvio Alvim, José Leão e Edwy Catão; de Sindicância: Drs. Osvaldo Silva, Amelia Veneroso e João de Aquino Padua; de Contas: Drs. Jorge Lage, Roberto de Sousa e Cassio Malheiros.

"INQUIETUDE" O LIVRO DE VERSOS DE VASCO DE CASTRO LIMA

Vasco de Castro Lima acaba de lançar o seu livro de versos "Inquietude", em aprimorada edição da Gráfica Queiroz Breffner Ltda. O sucesso alcançado pelo livro um argumento a juntar-se ao que, há dois anos já, Luiz Guimarães Filho defendia, na Academia Brasileira de Letras, primeiro para um livro de Vasco de Castro Lima. Esta citação dispensa qualquer outra referência. Aqui transcrevemos, pois que é esta uma edição que comemora o aniversário de Belo Horizonte, o poema que Vasco de Castro Lima fez para a Capital de Minas — "Miradouro do Céu".

M I R A D O U R O D O C É U

Belo Horizonte das manhãs sonoras,
Miradouro do Céu, berço de auróras,
Namorada de todos os mineiros!
Terra em que a lua e o sol não tem declínio,
Tuas noites tem brilhos de alumínio,
Teus dias tem o sangue dos braseiros!

Cidade dos Jardins que gritam cores,
Das roseiras que acendem resplendores,
Nas redensões de um festival eterno!
Cidade que sorris perenemente,
Quer na voçupia do Verão ardente,
Ou nas brancuras místicas do Inverno!

Teu vestido de neve é a madrugada,
Tua grinalda — a noite constelada,
Teu riso — um sonho alegre de aquarela!
E, coberta de tanta luz bizarra,
Tens a vaidade louca da cigarra,
Que julga que o sol vive para ela!

Ninho de arranha-céus e academias,
Dos milagres hereúleos de energias,
Oficina grandiosa do trabalho!
Teus filhos são, no braço e no talento,
Operários viris do pensamento,
Artífices da fábrica e do malho!

São lindas tuas fontes luminosas,
Onde os jorros de cor parecem rosas,
E as águas tem rebrilhos de fagulha!
Tua beleza, em vibrações perenes,
Enche a piscina azul do "Minas-Tênis"
E o remanso espalhado da "Pampulha"!

Cidade das mulheres sonhadoras
— Deusas do Amor, visões consoladoras
Que lembram mansuetudes de santuário!
Mulheres meigas de perfil risonho,
Morenas como as pétalas de um sonho,
E loiras como as asas de um canário!

Sei que não tens a "Guanabara" ao lado,
O granítico altar do "Corcovado",
O "Martinelli" em proporções estranhas...
Mas escreveste um poema de águas mudas,
Que é a tradição esplêndida do Arrudas,
— O "Tietê" pequeno das montanhas!

Teu céu lembra canções de serenata!
Tuas estrelas de topázio e prata
Rebrilham como opalas de luar!
E, olhando os teus serenos horizontes,
Tem-se a impressão de ver, ao pé dos montes,
A mentira suavíssima do mar!

Quanto sonho de amor, linda cidade,
Quanto sorriso de felicidade
Sob o teu céu de anil e de cobalto!
Quanta ilusão, quanta esperança escondes
Dentro dos automóveis e dos bondes
Que rôlam pelo chão do teu asfalto!

As árvores põem claras alegrias
Na ciranda jovial das ramarias,
Na esmeralda febril de cada frança!
Foi por isso que um poeta, ao contemplar-te,
Olhando a festa verde em toda parte,
Chamou-te assim: "Cidade da Esperança!"

Cidade ensolarada que rutilas
No presépio dos bairros e das vilas
E nas preces de luz das catedrais!
Cidade em que a alegria nos encanta,
Em que até a tristeza vibra e canta
Na voz desafinada dos pardais!

Vives feliz nessa ilusão constante,
Cidade luminosa e deslumbrante,
De estar iluminando o próprio sol.
Cidade das belezas matutinas,
Orgulho e glória do esplendor de Minas,
Rubro rosal das rosas do arrebol!

MUNDO LITERÁRIO

Estão programados mais os seguintes volumes: "Eis a noite", contos, de João Alphonsus e "Anchieta, escoteiro do Brasil", história, de Waldemar Tavares Pais.

"PROBLEMAS DA LINGUA" — É mais um volume de questões filológicas, a sair brevemente, de autoria do conhecido estudioso da língua, professor Aires da Mata Machado Filho.

"NOSSO BRASIL" — Interessante volume para o 2.º grau primário, escrito por Hildebrando de Lima, que muito bem compreendeu como se deve ensinar às crianças. É um livro

que interessará a todos os professores. Edição da Companhia Editora Nacional.

"UM HOMEM DENTRO DO MUNDO" — Esse primeiro romance de Osvaldo Alves foi a revelação do romancista que nele existe. O livro levantou cefaleia, sinal de que tem valor. Pôdem dizer que o romance não é escrito correntemente, mas o que interessa é que "Um homem dentro do mundo" é um romance, e um romance forte e substancioso.

O livro de Osvaldo Alves, que é mineiro, foi editado pela Editora Guara, de Curitiba, que tem apresentado muitos valores novos na literatura nacional.

INSTITUTO DE APOSENTADORIAS E PENSÕES DOS COMERCÍARIOS

DELEGACIA DE BELO HORIZONTE

(MINAS E GOIÁS)

ARRECAÇÃO REALIZADA ATÉ 31-10-40

Ano	Cont. dos Associados	Cont. das Empresas	Quotas de Previd.	Receitas diversas	Cont. da União	Total
1935	713:708\$600	710:100\$500	407:859\$200	10.242\$300		1.841:910\$600
1936	1.304:904\$500	1.304:503\$900	204:318\$300	3:077\$200	1.304:904\$500	4.121:708\$400
1937	1.292:798\$700	1.293:638\$400	16:608\$600	5:560\$600	1.292:798\$700	3.901:405\$000
1938	2.167:207\$600	2.166:054\$700		79:325\$000	2.167:207\$600	6.579:794\$900
1939	2.117:415\$700	2.115:505\$600		92:497\$900	2.117:415\$700	6.442:834\$900
1940	2.010:205\$200	1.995:201\$000		105:083\$500	2.010:205\$200	6.120:694\$900
	9.606:240\$300	9.585:004\$100	628:786\$100	295:786\$500	8.892:531\$700	29.008:348\$700

+ Até 30-10-940.

BENEFÍCIOS CONCEDIDOS ATÉ 22-11-40

SEGURO INVALIDES			3 AUXÍLIO NATALIDADE:	
386 Responsabilidade mensal ..	66:047\$600		Pagos	4:647\$900
Pagamentos efetuado até ..			3 AUXÍLIO DOENÇA:	
30-10-940	1.461:225\$700		Responsabilidade mensal ..	684\$000
4 SEGURO VELHICE:			CÁLCULOS PARA DOZE MESES	
Responsabilidade mensal ..	507\$800		SEGURO INVALIDES	792:571\$200
SEGURO POR MORTE:			SEGURO VELHICE	6:093\$600
Responsabilidade mensal ..	25:818\$500		SEGURO POR MORTE	309:822\$000
Pagamentos efetuados até ..			AUXÍLIO NATALIDADE ..	98:426\$117
30-10-40	850:293\$000		AUXÍLIO DOENÇA	8:210\$4000
				1.215:123\$317

O INSTITUTO ESTA PAGANDO:

1. — **Auxílio Pecuniário**, ao segurado que, por motivo de doença, tenha que se afastar do serviço, uma vez que haja contribuído, no mínimo, durante 12 meses. Este auxílio corresponde a 60% da diária média dos salários de — classe, relativos aos últimos 12 meses de contribuições do segurado.

2. — **SEGURO INVALIDES**, ao segurado que, acometido de lepra ou tuberculose, haja contribuído durante 12 meses; e àquele que, acometido de outra qualquer moléstia, que o torne incapaz para o seu trabalho ou para outro correspondente, pelo prazo nunca inferior a um ano, tenha contribuído, no mínimo, durante 18 meses.

3. — **SEGURO VELHICE**, ao segurado que, tendo contribuído durante, o mínimo, 5 anos, conte 60 anos ou mais de idade.

4. — **SEGURO POR MORTE**, (pensão), aos beneficiários do segurado ativo ou inativo, por morte deste.

5. — **AUXÍLIO NATALIDADE**, ao segurado, nos casos de gravidez de sua mulher, ou à própria segurada.

6. — **AUXÍLIO FUNERAL**, aos herdeiros do segurado por falecimento deste, ainda que tenha feito uma só contribuição.

IMPORTANTE: Para orientação dos segurados facultativos (empregadores, cuja quota de capital seja su-

perior a 30:000\$000 (trinta contos de réis) e profissionais liberais, transcrevem-se, a seguir, alguns dispositivos do regulamento em vigor aprovado pelo decreto-lei n.º 5.493, de 9-4-940:

Art. 6.º — O segurado obrigatório (vindo a adquirir a condição de segurado facultativo, poderá continuar a contribuir naquela categoria ou requerer a transferência ou cancelamento de sua inscrição, neste caso, sem direito à devolução de contribuições.

Art. 8.º — Os empregadores compreendidos no regime deste Regulamento deverão promover seu registro, dentro de trinta dias, contados do início de sua atividade, junto ao órgão local do Instituto, e fazer a declaração de seus empregados, na forma que venha a ser determinada por instruções.

Art. 26.º — A inscrição do segurado facultativo será processada mediante requerimento, do interessado, entregue a órgão local do Instituto, com a declaração de seu salário, e acompanhado de certidão de idade.

§ 1.º — A inscrição só será deferida depois de provada a saúde do requerente em inspeção promovida pelo Instituto.

§ 2.º — A importância do salário declarado pelo segurado facultativo, por ocasião do seu pe-

dido de inscrição, será alterada unicamente depois de decorridos doze meses da data da declaração, vigorando cada alteração posterior pelo prazo mínimo de doze meses.

§ 3.º — Não sendo aceito em inspeção de saúde, somente depois de seis meses da data do indeferimento de seu pedido, poderá o candidato apresentar novo pedido.

Art. 230.º — Os empregadores quites com o Instituto nas suas contribuições de segurados terão o prazo da publicação do edital pelo Instituto de 180 (cento e oitenta) dias, contados to, para optar pelo regime que lhes convenha, de segurados facultativos, ou obrigatórios sendo considerados facultativos aqueles que, nesse prazo, não fizerem, por escrito, e de modo expresso, declaração ou opção.

Parágrafo único: Nesse período ser-lhe-ão concedidas as vantagens previstas para os segurados obrigatórios.

OBSERVAÇÃO: O edital a que se refere este artigo foi publicado nesta Delegacia em 28 de Agosto de 1940. Termina, pois, o prazo nele estipulado em 27 de Fevereiro de 1941.

O segurado facultativo que deixar de recolher suas contribuições durante três meses consecutivos, perderá a qualidade de segurado do Instituto, sem direito às contribuições pagas.

Belo Horizonte, 23-11-1940

I. A. de Siqueira
Contador

IAS/RMP/IA

Javert de Souza Lima
Delegado em Minas

CONCLUE NA PAGINA SEGUINTE

OS TRIGÊMEOS DE LAGOA SANTA

(TRANSCRITO DO
"CORREIO PAULISTANO")

GERALDO MENDES BARROS

RIO, 9 (Da nossa sucursal — Via "Vasp") — A fotografia ilustra a capa do ultimo numero da revista LEITURA, de Belo Horizonte.

Assentada em um banco toseco, á frente de um rancho de pau-a-pique e sapé, n'a mulher de condições humildes, mestiça, vestindo riscado grosso, nos olhos tristes uma imensa resignação, segura tres crianças de poucos dias. A do meio pendre para a frente a cabeça mal firme no pescocito mole. E enquanto a da esquerda abre a boca num choro, que a gente tem a impressão de estar ouvindo, alto e estridente, a da direita, os olhos fechados, parece dormir o melhor dos sonhos. Ao pé, uma legenda lacônica — os trigêmeos de Lagoa Santa — nos enviava as paginas interiores, onde a nossa curiosidade seria satisfeita com uma reportagem completa.

A mulher, d. Angelina Rodrigues de Sena, casada com o lavrador Josino Esteves, é mãe dos trigêmeos. O casal possui mais oito filhos vivos, tendo o mais velho 18 anos e o mais novo 2. Uma fotografia focaliza a família: é um quadro doloroso. Como fundo, a parede de barro, cheia de frinchas, por onde entra assoviando, o vento do sertão mineiro. A' volta da mãe agrupam-se os filhos. O mais velho é um homem e, certamente, ajuda o pai nos trabalhos da lavoura, manejando a enxada de sol a sol.

D. Angelina, com os mesmos olhos imensamente tristes, resignados, tem ao colo um dos trigêmeos. Os outros dois estão nos braços de suas filhas mais velhas, uma das quais menina e moça. Assentado no chão, juntinho da mãe, Gabriel, de 2 anos, a mão á boca, olhando espantado para a objetiva do reporter, enquanto Mirto, seis anos travessos, segura as calcinha, que teimam em cair. Bem encostada á parede, Elvira tem o ar desconsoado dessas figuras humaníssimas das ilustrações de Santa Rosa e das pinturas de Canidido Portinari. Vêm-se estampados naquelas fisionomias traços inconfundíveis da miséria, do desconforto absoluto.

Numa fotografia, o reporter fez questão de nos apresentar o chefe da família, trazendo em suas mãos duras de calos, desageitado, um dos trigêmeos.

O texto nos conta que os meninos não nasceram no mesmo dia. Entregue aos cuidados de uma "entendida", d. Angelina dera á luz um menino, numa sexta-feira, dia 16 de setembro. No entanto, continuára "passando mal",

como explica Josino Esteves. A' vista disso procurou um médico de Lagoa Santa, para ver a esposa.

Chegado ao rancho, constatou o doutor que deveriam nascer mais duas crianças e, sem perda de tempo, levou d. Angelina, em seu automóvel, para a cidade de Pedro Leopoldo, em cujo hospital vieram ao mundo duas meninas: Maria Lúcia e Maristela.

O dr. Lindouro Avelar, nosso amigo do tempo em que frequentava a Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais e nós iniciávamos o curso jurídico, é o heroe desta façanha.

Falando ao reporter, afirmou que os trigêmeos (lá com 15 dias, na ocasião), estão fortes, em condições de viver, se não faltar alimentação adequada; pois, o leite materno é insuficiente para tanta gente.

Lagoa Santa, ponto de turismo, celebre pelas grutas de Maquiné e por ter hospedado, durante longos anos, o sabio dinamarquês Dr. Lund, possui, além da fabrica de aviões, um novo motivo de cartaz: os trigêmeos.

Ao escrevermos esta cronica, assalta-nos uma terrível duvida: Viverão ainda os trigêmeos de Lagoa Santa? A pergunta nos veio insistente e tem sua razão de ser. O casal prolífico vive numa pobreza extrema. Na cafua de sapé reina o desconforto. A mãe, ignorante, tem que cuidar das tres crianças, e de todos os trabalhos domesticos. Não conhece as mínimas noções de higiene. E, onde o dinheiro para o leite, que os peitos maternos não podem dar?

O governo precisa saber da existencia dos trigêmeos de Lagoa Santa (será que ainda vivem? segreda-nos a nossa duvida). O Estado colocou a familia sob sua "protecção especial" e atribuiu ás familias numerosas "compensações na proporção dos seus encargos", deve socorrer o casal de lavradores mineiros.

Dando ao Brasil 11 filhos, Angelina e Josino, na sua humildade, na sua pobreza vizinha da miséria, são benemeritos da patria. Deram-lhe a maior riqueza — o capital humano. Merecem, agora, recompensa do Estado. Estamos certos de que o Presidente Getulio Vargas, tão humano, não deixará de amparar os trigêmeos de Lagoa Santa. Sobretudo, se contemplar a fotografia de d. Angelina Rodrigues de Sena, os olhos tristes, a boca firme, no rosto as mascaras indeleveis dos sofrimentos e das privações, tendo ao colo, seguros nas suas mãos rudes, seus tres filhos, sua unica riqueza.

Minas Tênis Clube

(CONCLUSÃO)

São medicos do Clube o dr. Josefino Aleixo, a dra. Ana Cerqueira Pereira e o dr. Helio Tavares, este para exames especializado de desportistas, que são também examinados no Departamento de Odontologia que está a cargo do dr. Martin Paolucci.

DEPARTAMENTO DE FISIOTERAPIA

São mais modernas que as de Poços de Caldas e merecem, pois, menção especial as instalações do Departamento de Fisioterapia, sob a dire-

ção do dr. Jair Roiz Pereira que tem como colaborador o dr. Jaci Roiz Pereira, ambos especializados. Na parte do Departamento dedicada exclusivamente ao Clube, encontra-se a sala de electricidade com 1 aparelho de raios ultra-violeta, 1 de infra-vermelhos, 1 de ondas curtas, 1 de indutotermia, 1 de eletro-coagulação, 1 de massagem eletro-vibatória e 1 aparelho de Noisiki.

Na parte destinada a atender também os que não sejam socios, encontram-se duas secções, masculina e feminina, cada uma das quais contém, em salas separadas: 1 aparelho para banho de ar quente, 1 de banho de luz, 2 duchas circulares, 3 inha-

ladores, 1 ducha chicote, 1 ducha alfinete, 1 ducha-chuveiro, 1 aparelho de massagem sob ducha, 1 sala de massagem manual, 1 de banho medicamentoso, 4 vestiários, 3 salas de repouso e rouparia.

Completando as instalações, encontram-se a caldeira a oleo cru para aquecimento da agua a 70° c., depósito de agua quente de 5.000 litros, dois depositos de agua fria de 20 mil litros cada um, motor de compressão para agua quente e para ar comprimido.

Só ha duas instalações de fisioterapia similares e tão completas em todo o Brasil, a de Poços de Caldas e a do Minas Tênis Clube.

PENA DE TALIÃO

(CONTINUAÇÃO)

nos tatús de toda espécie que, nas noites de luas, formavam batuques animados em roda de alguma tutuzinha dengosa e feiticeira.

E aquele caminho ao meio, parecendo mais um risco brando, como os professores faziam nas aulas, ao quadro-negro, demonstrando alguma linha geométrica... Zé Felipe estudava o abc, a cartilha e os livros 1.º, 2.º, e começara o 3.º de Felisberto de Carvalho, portanto sabia muito bem fazer suas comparações. Um risco branco ao meio de um quadro-negro, com uma linha geométrica, (sinuosa) tendo um pontinho caminhando sempre e se aproximando a cada minuto, de uma das extremidades. Este pontozinho insignificante era ele e seu cavalo preto que viajavam sujeitos, com poeira por todos os lados: o nariz, o cabelo, o corpo, a boca e até os olhos...

E o cavalo seguia, tráco-tráco, tráco-tráco, de vez em quando abaixando mais a cabeça e dando um espirro forte para tirar a poeira espessa que lhe entulhava as ventas.

E Zé Felipe, balançando o corpo de um lado para outro pelo jogo do animal, com um chapéu de palha à cabeça e um lenço branco de madraço ao pescoço para abrandar o rigor da canícula e evitar que algum mosquito ruim lhe "mordesse", pensava nas coisas da vida, dando de vez em vez um assobiosinho fino ou cantando alguma cópia de canções e modinhas antigas que aprendera sem mesmo saber como.

Pensava, e que pensamentos vinham à cabeça de Zé Felipe! Era um mundo de coisas que às vezes o fazia suspirar, olhar para o céu, mostrar um sorrisozinho de satisfação e dar de chicote no cavalo, não para que este andasse mais depressa, porém já por costume.

Toda viagem que Zé Felipe fazia era assim, pensando pelo caminho agora. Pensando em tudo; em coisas que já lhe haviam sucedido e em coisas que ele queria que lhe viessem a suceder.

E essas ultimas coisas... que coisas maravilhosas Zé Felipe queria! Também só pensava no que era bom. Os maus pensamentos, deixava-os para um lado, e quando uma vez ou outra acontecia surgirem-lhe na mente, benzina-se todo, fazendo o sinal da Cruz, tirando logo o chapéu da cabeça, dizendo uma "Ave Maria", um "Deus do Céu" contrito e cheio de fé ingente, na certeza de que não haveria nada de ruim. Que, si tivesse de acontecer, fosse com outro que pudesse se livrar. Ele, não, que era fraquinho, apesar dos seus musculos fortes, impotente e medroso, apesar da sua coragem audaz, em certos

momentos. Com artimanha do Tininho não queria conversar... E eram sempre essas as coisas ruins em que Zé Felipe pensava.

O caboclo ingenuo e rustico que derrubaria um touro pelo rabo, amansaria qualquer cavalo bravo, lutaria até com uma onça pintada e enfrentaria todo perigo, sem nada temer, vigoroso e forte, tinha medo, pavor nos lobishomens, às mulas sem cabeça, ao saci-perê, aos pés-de-garrafa e almas do outro mundo, que ele pensava existirem dentro das matas, em cima das arvores, ou nas estradas e nos ares, nas noites de lua cheia ou nas noites escuras.

E si estava sempre pronto para desentoeir, sem temor, qualquer fêra, desde o tamandá que num só abraço leva uma vida, ao homem de garrucha ou elavinate à mão, ao pensar em qualquer visagem do outro mundo, ficava logo receoso, palido, tremendo, mesmo.

A's vezes pensava também em um raio que caísse de repente e o esmagasse ao meio com o cavalo; a terra que se abrisse num instante, engulindo-o com o companheiro; e em outras coisas destas naturezas, porém ele tinha pouco medo, porque viajava sempre com Deus, e raio não cai onde Deus está, nem a terra se abre, nem acontece nada.

Era por isso que Zé Felipe viajava em qualquer tempo. Trazia sempre uma medalhinha ao pescoço, que nas noites escuras ou quando sentia algum arrepião de medo, beijava logo, com a fé de que coisa nenhuma lhe aconteceria.

Era de tarde: O sol morno e amarelado, cheio de rugas, bastante inclinado, parecia um velho cansado, de bordão seguro, em que se apoiava para acabar a caminhada tropega que fazia.

Zé Felipe queria ver si, puchando um bocado, ainda andava umas duas leguas antes que ele se escondesse, para alcançar a Lagoa do Arroz, única morada que havia por mais perto, naquelas redondezas.

E o caminho até lá era ainda uma estrada boa.

Sem agua e naquele carrascão duro em que os cavalos deixavam a metade do casco, uma legua valia por duas ou três leguas em um outro lugar melhor de viajar.

Felizmente já tinha costume de trançar por aquelas bandas. Quasi toda semana, passava nesse mesmo caminho, e quando ia partir, munfava de agua, com uma cabeca á garupa, botava o chapéu na cabeça, por causa do sol, atava o lenço ao pescoço e passava em revista as ferraduras do animal.

Para esta ultima viagem, mesmo,

Cêra para lustrar
EXIJA
"3.000"

mandara botar umas novinhas, ainda não fazia três dias.

Zé Felipe, depois de fustigar o cavalo para andar mais depressa, voltou aos seus pensamentos. E que pensamentos ele possuía agora!... Ela, a sua Ritinha, passava pelo seu cérebro numa visão encantadora. Que pedacinho de mulher! Nem alta, nem baixa, esguia de corpo, cintura fina que podia abarcar com as duas mãos, cadeiras largas, bem trabalhadas, pés pequenos, mãos da mesma forma: Pele trigueira, boca miuda, cabelos pretos, cheios de cachos, nariz pequeno e olhos grandes... ah... os olhos! Eram a morte de Zé Felipe. Nêles morava toda a sua vontade. Por eles fazia tudo.

Estava se lembrando da ultima vez que se encontraram. Foi na casa da mãe dela. Uma casinha pequenina, de enchimento e barro batido, porém assediada e arrumadinha, que parecia um brinco.

Quando chegou, ela estava limpinha, de vestido mudado. Havia passado oleo nos cabelos que estavam lustrosos e macios como palha, bem ajeitados, com uma fitinha branca por cima que ela, faceira, amarrara.

Cheirava um raminho verde de alecrim.

— Zé, você vai viajar, mermo?

— Vou, Ritinha, aminhã de manhãzinha, antes do sol sair.

— Que pena...

Os olhos ficaram tristes, tristes como a senhora, tristes como a lua. Enfraqueceu-se e capitulou-se logo:

— Eu vou, mais si você num quizer...

— E purobrigação

— Só pôde sê, Ritinha, eu num saio de junto de você purontra coisa.

— Quando vorta?

— Purêsse três dias.

— Cada qual com seus trabalhos... Vai cum Deus, rapáis, e vorte logo pramóde eu num ficá cum munta sardade.

Em certo momento, Zé Felipe ainda engolfado nos pensamentos da imagem adorada, á despertado. Canteloso estava o cavalo e fica esperando. Ouvira uma carreira grossa no meio do mato que só podia ser de onça perdoando algum boi para matar.

Levantou o chapéu da cabeça, firmou-se mais na sela, tirou a gar-

rucha da cintura, examinando os dois cartuchos e, atento, ficou esperando para o que desse e viesse.

O cavalo, já acostumado a essas cenas, nem se mexia.

Zé Felipe esperou, esperou e, como não ouvisse e nem apatecesse mais nada, guardou a garrucha, concertou o chapéu e, batendo no pescoço do animal, fel-o andar, lastimando o tempo todo que havia perdido em bobagens que não adiantavam nada.

Continuou o caminho e ainda não havia andado uns cem metros, quando ouviu uma voz feia, alta e gritada:

— Pára, senão morre!

E três homens mascarados, armados de rifles, saíram do mato, dos dois lados do caminho, cercando-lhe o cavalo. Os olhos de Zé Felipe brilharam nas orbitas fundas. Vele-lhe um pensamento, animoso, lá pó-lo em prática, mas conteve-se. Eram três arreados a rifles. Ele sózinho, e na sua garrucha só cabiam duas bôas de cada vez. Depois, a imagem de Ritinha surgiu-lhe à lembrança, clara, límpida, sorridente, feliz, a esperar por ele... Si fizesse, podia matar dois, porém havia de perecer pelo terceiro. O melhor era ter calma e entregar-se. Estava cercado por três saltadores de estrada, três ladrões capazes de tudo. Quando vissem que não possuía dinheiro, por certo o soltariam.

A primeira ordem, apeiou-se cauteloso e com gestos calmos. Deixou-se desarmar.

Neste instante o seu cavalo, assustado, debandou a correr pela estrada e ia fugir, quando um dos bandidos pôe o rifle ao peito, aponta-o e, em magnífica pontaria, mete-lhe uma bala na nuca. Cai estirado no meio do caminho.

Foi o começo do drama.

Zé Felipe, pasmo pela rapidez do sucedido e ao mesmo tempo, tonto de raiva, sem se conter, avançou para o bandido, atacando-se com ele. Há uma luta grande e esforçada.

Zé Felipe consegue derrubar o primeiro bandido, está em luta com o segundo, quando o terceiro desce com força a coronha do rifle em sua cabeça.

Sente uma dor horrível, horrível, tudo vai-lhe escurecendo e ele cai desmaiado. Quando acordou, com o rosto e a roupa toda coberta de sangue da cabeça rachada, estava debaixo de um pé de espinheiro, com as mãos e os pés amarrados.

Sem prestar atenção a coisa alguma, lembrando o drama de há pouco, um pensamento que foi como uma punhalada veio-lhe logo. O seu cavalo de estimação! O cavalo que vira nascer, criara com todo carinho; ele mesmo o amansara e o en-

sinara a "andar", fazendo dele o melhor cavalo da região... Ainda na próxima feira passada, enfeitara um conto e quinhentos mil réis. Três notas de quinhentos novinhas, estando, que o Antonio Sabino, a mando de um fazendeiro lhe ofereceu, passando as "peléas", como a fazer usura, pelos seus olhos e nariz.

Mas não vendia o seu cavalo por dinheiro nenhum, nem que fosse pelo mundo inteiro... E agora o seu melhor amigo morto, morto brutalmente por um bandido. Caíndo diante de suas vistas pasmas... Sentiu uma dor aguda no peito, e, por mais força que fizesse, um soluço enorme reventou-lhe na boca. Os olhos encheram-se de lágrimas, o rosto contraiu-se todo.

Um dos bandidos chegou-se para perto dele e, com a voz chocarreira:

— Antão, seu cachorrão, já "asordou"?

Era noite. A um lado, em redor de uma fogueira, os outros dois jagunços, de cócoras, com as armas descansando sobre os joelhos, conversavam baixo, um pitando e o outro enrolando um elcarrão de palha entre os dedos grossos.

Haviam tirado os panos do rosto. Só o chapéu de couro derriado para cima do olho. Zé Felipe não conheceu nenhum deles.

— Pra que me querem? perguntou ao que lhe falava.

— Qui é qui qué sabê? Num queremos pra nada...

— Mas então, pra que esta emboscada e o que me estão fazendo?

— Dêxe de conversar! Depois ôcê vai vê pra qui é qui nós te queremos.

Um dos bandidos gritou: — O homem já miôró, Antonho?

— Já. Tá intê conversano.

— Antão, vambora.

Alevantaram-se e desamarraram Zé Felipe do pé do espinheiro.

— Que me querem?

— Qui é qui qué sabê? Num queremos pra nada.

— Inão?

— Vai vê já. Segue pra frente qui é miô e si num qué panhá mais.

Fizeram-no entrar pelo mato a dentro e, cortando um pau aqui, outro acolá, como a abrir ou limpando estrada, abaixando sempre, até rastejando, parecendo fazer todos os meios para desorientá-lo, chegaram em um lugar que não conhecia. Al amarraram-no em um moirão adrede preparado, no meio de um espaço limpo. Logo, afastando-se, um deles deu um longo assovio. Daí a pouco apareceram mais dois cabras e um homem que parecia ser o chefe da turma, pois chegou dando ordens de um lado para outro.

Zé Felipe assistia a tudo impassível e ao mesmo tempo intrigado por ainda não compreender nada. Para que o queriam si não era para rou-

bar? Não cometera delito algum. Seria que estavam tomando a sua pessoa por outra? Ah... mas isso não podia ficar assim! E Zé Felipe, ansioso, desejava que tudo passasse depressa para ver o resultado. Meio não tinha nem um pinga, e estava disposto a morrer como um homem.

Mas, afinal, por que estava assim a ser maltratado? Por que mataram o seu cavalo? E Zé Felipe sentia um odio medonho, quando se lembrava do cavalo. Um dos cabras dissera-lhe que não o queriam para nada... E para que lhe trouxeram e o conservaram amarrado? Inimigo, não tinha nenhum. Não entendia patavilina.

Nesse instante, acompanhado de dois cabras, chegou-se para perto o homem mascarado que parecia o chefe.

— Conheces-me, Zé Felipe?

— Não.

— Nem pela voz.

— Não.

Deu uma gargalhada ironica e cheia de odio.

— Então, só tirando a mascara... E agora?

— Capitão Zézinho!

— Sim, eu mesmo, o capitão Zézinho, o homem que tem vontades e que quando quer, quer de verdade.

— Qué o que?

— Estás te fazendo de ingenuo? Mas eu sei tirar as minhas vinganças...

— Tirá vingança... já lhe fiz algum mal, Capitão?

— Em não me venderes o teu cavalo, esse teu cavalo preto por que fazias tudo e que agora não passa de um montão de carne morta, que amanhã estará pôdre. Zé Felipe, eu quando quero uma coisa, quero mesmo, custe o que custar. Fizeste muito mal em não querer me entregar a tua grande "preciosidade", e ainda mais desafiar-me publicamente! Um homem como eu, Zé Felipe, nunca levou e nem levará desfeitas...

Agora compreendia e recordava-se de tudo. O Antonio Sabino que na feira passada lhe oferecera um conto e quinhentos pelo cavalo, fora a mando do Capitão Zézinho, esse fazendeiro, mais jagunço e chefe de bandidos do que plantador de terras e criador de vacas; esse desordeiro que por dá-cá-uma-palha, malava qualquer vivente, arrotando valentia, apoiado nos cento e muitos jagunços que sustentava. Com quem fora se pegar!... Mas o que estava feito, não era por fazer... O Antonio Sabino bem que instara para adquirir a "peça", dizendo que o "homem" ordenara-lhe a levar por qualquer preço. E tiveram uma discussão grossa, em meio a qual o Antonio o chamara de boba e ele dissera que não venderia nunca o seu animal, por dinheiro nenhum. Preferia perdê-lo, mordido de cobra ou de outra maneira qual-

quer, porém outro macho não assentaria, como senhor, os quartos no lombo dele! Que esse fazendeiro fosse plantar batatas e tomasse mais um pouco de vergonha para quando mandasse comprar um cavalo como o dele, não viesse oferecendo ninharias... Um conto e quinhentos! Ora, um conto e quinhentos teria para mandar dar uma surra em qualquer moleque ruim... Exaltara-se bastante na discussão que até mesmo nem sabia como se exaltara assim... Mas seria o mesmo... as coisas quando têm de acontecer... Depois, ao se retirar da feira, ainda dissera para o Antonio, com toda arrogância:

— Ol, moço, vai dizê ao seu fazendeiro isculambado, qul este cavalo preto in qul você está me vendo muntado, êle só pissuirá adísposis qul me matá.

Como se lembrava bem de tudo. O Capitão soubera, contado pelo Antonio, e, despeitado, agora vinha tirar vingança. O seu cavalo já estava morto, só faltava êle...

Tambem si saísse vivo, havia de tirar uma desforra superior... Riam, quem rir por ultimo é quem ri melhor...

O Capitão continuou como que adivinhandos os seus pensamentos:

— Está em que deu a tua cabeça dura e falta de cortezia, Zé Felipe. Poderias ter pegado os dois pacotes que te mandei. Agora o resultado: o teu cavalo morto e tu vais morrer também. Sim, porque, si eu te soltar, ainda podes vir a dar-me algum trabalho. E, depois, faz parte do meu novo plano...

Falava socegado, como que meditando as palavras e querendo fazer o caso mais simples do que fazia.

Era um homem capaz de enfiar a faca no peito de outro com a maior naturalidade, como si estivesse comendo uma talhada de melância.

— Tu sabes que eu sempre desejei o teu cavalo. Aliás, sabias. Por que não me cedeste logo, Zé Felipe? Evitarias tudo isso, morreres de fome, frio, catíngia e depois, servires de pasto aos urubús. Sim, porque nem cova tu terás.

Zé Felipe não respondeu nada, não tinha o que responder. Esperava.

— Adeus, meu caro defunto. Eu queria ficar com o teu cavalo como lembrança, porém, o diabo de um camarada novo que eu fui mandar com os outros, com medo de que êle fosse denunciar-nos na cidade, matou-o. E agora, já que não pude ficar com êle, ficas tu. Ali o tens, naquela casinha em que vais ficar. Adeus...

A "casinha" era um ranchinho de palha que ficava atrás do moirão.

A uma ordem do capitão que se afastara, dois cabras se chegaram, desamarraram Zé Felipe e o conduziram para dentro do rancho. Ali estirado junto de um outro moirão que

sustentava a cumieira, ao meio, estava o cavalo preto. Amarraram-no num pau e um dos jagunços falou:

— El, cabra ruim, ôcê vai morrê num é tanto de fome, nem de sêde, mais é da catíngia do seu alimá... Temos orde do Capitão pra esses dêls dias ninguém vim aqui. Só adísposis, pramode tocá fogo in tudo, e cabá intê cum as ossadas.

Zé Felipe estava perdido. O odio do Capitão, por despeito e cheio-de-grandeza, apoiado nos jagunços que possuía, fôra enorme. A prova estava na vingança horrôsa que fizera. Olhou em redor, tudo escuro. Os homens haviam fechado a porta e apagado a fogueira de fôra.

Zé Felipe viu toda a extensão da sua desgraça, já enxergando a hora da morte. Morrer assim lentamente, sem poder fazer um movimento, que suplicio enorme! E Zé Felipe, a princípio, teve um odio medonho. Depois foi se acalmando aos poucos. Lagrimas grossas e dolôrosas começaram a passar pelo seu rosto ardente. Olhou para cima para ver si via alguma estrêla, a cobertura do rancho obstava-o.

Pasou um quarto de hora como si fosse uma eternidade. Foi-se acalmando aos poucos, aos poucos, agora já não sabia porque não tinha odio. Queria ter e não podia. As lagrimas continuavam a passar pelo seu rosto, indo cair na barriga no animal estirado aos seus pés.

E Zé Felipe começou a pensar em tudo e, por ultimo, em Ritinha, a sua querida Ritinha, que já ficara a lhe esperar. "Vai cum Deus, rapais, e vorte logo pra mode eu num ficá cum munta sordade"...

Dois dias se passaram. No terceiro, de meio dia para tarde, Manoel Afonso caçador de onça e morador por aquelas redondezas, foi procurar abelhas.

Já havia derrubado duas galhas de umburana e umbuzeiro e já estava com uma cabaça cheia de mel, quando sentiu uma catíngia grande de cousa morta.

Pensou: lá com êle: — Uai, puraqui tem carnica! Será qui foi feito de alguma onça?

Foi se orientando até chegar áquêle limpo. De dentro do ranchinho saiu espantada, uma nuvem de urubús. O ar também estava pintalgado de preto pelos carnicheiros voando.

— O' xente, será alguma arma qui isticô puraqui?

Chegou cauteloso, para a porta entre-aberta e viu um quadro espantoso: um animal se desmanchando todo, em estado de putrefação, e um homem semi-morto, amarrado a um pau.

— Olá amigo, qui foi isso

E, tapando o nariz e a boca com a manga do paletô, entrou no rancho, sacudiu o homem e vendo que



Eis aqui um lindo modelo para verão. Original, leve e juvenil. O conjunto é de "voile" suíço azulel-ro com rendinha beije. A blusa imitando um colête com 2 carreiras de renda em volta, bastante justa com pinsas, etc. 2 losangos de renda como se fossem bolsos. Mangas franzidas com 3 gomos de renda. Saia franzida e godê ao mesmo tempo com 6 gomos rendados, sendo que 3 para frente e 3 para traz. As costas simples com blusa justa, tendo na cintura duas carreiras de renda. Para completar esta deliciosa "toilette" um chapéu-boneca de palha beije com fita azul da cor do vestido.

Gostou, cara leitora?

LUCIA,

êle ainda não estava morto, desamarrrou-o e trouxe para fôra, deitando-o debaixo do pé de espinheiro.

Tornou a sacudi-lo para vêr si o despertava.

— Qui maneira de morrê é essa, irmão?

Adivinhando uma tragedia horrôro-

sa, Manoel Afonso foi sacoleto. Conseguiu despertar o outro.

— Água...

— Tá em sede, coitado... Amarrar vancê ali?

— Qui fedô horrível... tenho fome...

— Qui lastima... aqui só tem mel.

No coité de côco em que lhe havia dado água, Manoel Afonso despejou mel, enchendo-o, e chegou aos lábios do doente.

Este foi se reanimando aos poucos.

— Minha Ritinha... meu cavalo... Quizeram mi matá... foram seis...

— Sua Ritinha? seu cavalo? Aquele qui tá podre ali? Quem foi que quis ti matá...

— Ca... a...

— Quem?

— Vô morrer... Qui catimba...

— Num vale não, abaxo de Deus.

— Vem tocá fogo...

— Quem?

— Eles...

— Oia, vamo lá pra casa. Eu moro só daqui uma meia legua, num ranchim. Vamo.

E por dentro do mató fechado, com dificuldade, carregou-o até a sua cabana de caçador pobre.

A luz de um lampeão de querozene espalhava-se fraca pela sala, dando a esta uma meia escuridão triste e bruxuleante.

Numa mesinha redonda ao meio, capitão Zezinho, debruçado para chegar-se mais para perto da luz, lia com interesse uma carta. E tão entretido estava na leitura que não viu um vulto aproximar-se de manso da janela e espiar para dentro. Depois, certificando-se de que não havia outra pessoa, foi subindo sorrateiramente, inclinando-se para um lado para que a sua sombra não se projetasse na parede, e com um pulo ligeiro e sutil como um gato, passou para o lado de dentro.

Capitão Zezinho ia levantar a cabeça, quando sentiu duas mãos fortes o agarrarem de uma vez. Quis mexer-se, não pôde: uma força superior o dominava.

Logo uma grossa mão tapou-lhe a boca e uma ameaça ouviu-se: — Se fizê qualquer barulho, te corto o pescoço!

E Capitão Zezinho, com dois revólveres à cintura e um punhal em cima da mesa, ao alcance da mão, não pôde fazer nada. Foi subjugado num momento. E em poucos instantes, estava com os braços amarrados para trás e com a boca tapada com um lenço.

Foi arrastado, quasi, para fora, e posto em cima de um cavalo que seguia a frota pela estrada escura e deserta. Alguém da garupa o segurava e guiava o animal.

Capitão Zezinho estava assombrado. Nenhuma pessoa em sua casa para o socorrer... e com tantos cabras que possuía! Nem viva alma que viesse em seu auxílio e por ali era ele quem mandava em tudo e todos! Ser pegado assim, tão ligeiro... parecia até coisa feita por Deus ou pelo diabo...

E quem era que lhe tinha posto a mão em cima? Quem o dominava? Fora tudo tão rápido que não tivera tempo de nem o reconhecer...

Onde estavam Zé Antonio, Emidinho, Zé Virgílio, Cabo Preto, Manoel dos Anjos, Periquito... todos os seus homens? Havia exalado.

Quem era esse que com tanta audácia conseguira penetrar em sua casa, afastando todos os seus auxiliares para aprisioná-lo daquele jeito? Só podia ser um ente superior em inteligência, força e coragem... Ele, o Capitão Zezinho, o homem que passava pelo mais valente daqueles lugares, ser pegado assim, sem poder fazer um movimento, um só gesto de defesa...

Viu-lhe um ódio medonho, e tinha vontade de esfaquear alguma coisa, de rasgar-se, de gritar até, mas como, se todos os seus membros estavam amarrados, a sua boca tapada? E Capitão Zezinho, de raiva, começou a chorar. As suas lágrimas grossas passavam pelo rosto, queimando-lhe as faces, e com o movimento do animal, foram caído nas mãos fortes e calosas do desconhecido que se juntavam como um cadeado em redor de sua cintura.

Seguiram muito tempo sem se ouvir uma palavra. O desconhecido não queria dizer nada, talvez para não ser reconhecido.

Depois de viajarem muito, lá para as tantas da noite, em lugar que ele não conheceu, pararam. Ai o outro falou.

— Temo qui disapiá e vamos andá pur dentro dos matos.

Capitão Zezinho queria reconhecer aquela voz, mas não podia. Parecia estar distorcida.

Foi levado como um autômato por dentro dos páus.

Entra por aqui, sai por ali, entra por acolá, até chegarem num limpo onde estava acesa uma fogueira. Um homem, de côcoras, junto dela, pacientemente esperava, fumando um cigarro de palha.

Quando se aproximaram, com preguiça, apagou-o, pondo-o de trás da orelha.

— Antônio, Mané Afonso; tá tudo parado?

— Tudo. Foi um custo trazê, mais

truxe. Tão lá dentro, num montão, aos prum dos outros...

Manoel Afonso... seria o cabra em quem mandara dar uma surra e o escuraçara de suas terras, porque lhe havia matado um cachorro de estimação?...

Olhou em redor e viu o rancho. Reconheceu tudo e, sem saber, um medo enorme lhe apossou de todo o corpo. Tremia inteiro.

O rancho em que prendera Zé Felipe há uns oito dias passados! Adivinhou tudo num relance. Zé Felipe salvo, sem dúvida, por Manoel Afonso. Que ódio... que medo... Um frio forte percorria-o da cabeça aos pés. Deus do céu, estava perdido!

— Antônio, Capitão Zezinho, me conhece? Eu sou o Zé Felipe, aquele qui vancê quiz matá aqui mermo... Mais Deus num havéra de querê, pois eu nunca fiz male a ninguém... Sou uma arma boa, Capitão, mais vancê ajudô muito comigo. E pru que? Pru causa de um cavalo meu qui nem quiz te vendê... Pensava ser mais forte de que Deus, hein? Pruque tinha dinheiro e sustentava muitos jagunços, quíria fazê tudo. Pois aí está, quando Deus quer é assim. Num ixêste força pra ele. Bastou dois home só, promôde cabá cum todo o seu podê, Capitão... Eu e o Mané, aquele qui vancê mandou dá uma surra de rabo de boi só prucê ele malou um cachorro brabo de vancê qui ia mordê ele...

— Agora vancê qué sabê o qui nois vamos fazê? Vae vê.

Foi arrastado para dentro do rancho. Manoel Afonso trouxe uma locha de fogo, clareando o interior.

— Tá ali! Todos os seus jagunços qui me pegaram. Foi um trabalho pra dirubá eles. Três tamem foram os qui bateram em Mané qui se encarregô deles. Eu só tive qui me havê cum os outros três e vancê... Já tem um intê fedeno, o premêro, prucê desde onte qui nois vem matano jagunço... Agora vancê vai ser amarrado naquele pau, cumo eu se estava, e morrê cumo eu ia morrê. Apenas, prucê vancê era mais "puderoso", cum a diferença... Eu ia morrê cum catimba de animá, vancê cum catimba de gente, que é déis vêts pior...

Deu uma gargalhada, acompanhada de outra cheia de ódio de Manoel Afonso.

— Vingança! Vingança, capitão Zezinho, era o qui vancê quíria e é o qui nois queremos... Adeus.

IMPRESSOS?

GRAFICA QUEIROZ
BREYNER LTDA.

AV. AF. PENA, 351

3

gerações

PACKARD DE LUXO

CLASSE 1941

O AUTOMOVEL
DAS PESSÔAS
DE BOM GOSTO!

Agente em Belo Horizonte :

SILVIO LOBO

EXPOSIÇÃO E OFICINAS :

Av. Tocantins, 476 — Fone 2-5484

GARANTIA DE PEÇAS
E SERVIÇOS



Servindo a tres gerações

O velho: — Muito bem minha filha. Você teve bom gosto e juízo comprando um PACKARD.

O menino: — E' igual ao seu, heim Vovô?

O velho: — Quando você crescer também deverá comprar um PACKARD.

O menino: — O PACKARD é o automovel do Vovô, da Mamãe e será também o meu.

LEITURA

A FÉLIX DA FÉLIX

O jornalista Luiz de Medeiros, (à esquerda), diretor de LEITURA, o sr. Orlando Almeida, gerente da Cia. Nestlé, e sua senhora, e o dr. Lindouro Aselar, medico dos trigêmeos (à direita), em companhia de Josino, Angelina e 10 dos seus 11 filhos vivos

O casebre da família Josino - Angelina Rodrigues. Vide texto no interior da revista

MARIA-LUCIA

Seja o Papai Noel dos trigêmeos, enviando-lhes o seu auxilio directamente ou por intermédio de LEITURA.

MARISTELA

MAURO

Os TRIGÊMEOS de LAGOA SANTA

ESTÃO ESPERANDO O PAPAI NOEL